

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

MICHELLE P. C. M. PASTORINI

**ESCUTAR-LER:  
UMA LEITURA EM ABISMO**

RIO DE JANEIRO

2021

Michelle P. C. M. Pastorini

**Escutar-ler:  
uma leitura em abismo**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Anna Carolina Lo Bianco  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ  
2021

### CIP - Catalogação na Publicação

PP293e Pastorini, Michelle  
Escutar-ler: uma leitura em abismo / Michelle  
Pastorini. -- Rio de Janeiro, 2021.  
164 f.

Orientadora: Anna Carolina Lo Bianco.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós  
Graduação em Teoria Psicanalítica, 2021.

1. Escuta analítica. 2. Leitura. 3. Umbigo do  
sonho. 4. Letra. I. Lo Bianco, Anna Carolina,  
orient. II. Título.

Michelle P. C. M. Pastorini. *Escutar-ler: uma leitura em abismo*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Carolina Lo Bianco

Instituto de Psicologia da UFRJ

Aprovada pela banca examinadora constituída pelas professoras:

---

Profa. Dra. Anna Carolina Lo Bianco (UFRJ – Orientadora)

---

Profa. Dra. Angélica Bastos (UFRJ)

---

Profa. Dra. Nuria Malajovich Muñoz (UFRJ)

---

Profa. Dra. Ana Lucia Lutterbach Holck (EBP-RJ)

---

Profa. Dra. Janaina de Paula (UFOP)

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2021.

## AGRADECIMENTOS

À Anna Carolina Lo Bianco, pela travessia de seis anos quase ininterruptos, por ser leitora, por ter acreditado em meu trabalho e encorajar o seu seguimento mesmo diante dos reveses.

À Ana Lucia Lutterbach, por sua leitura, pelos apontamentos feitos no Exame de Qualificação, sem os quais eu não teria realizado a importância do meu lugar de leitora.

À Flavia Trocoli, por ter me apresentado Shoshana Felman.

À Angélica Bastos e Nuria Malajovich, por comporem a banca de avaliação desta tese e por, novamente, testemunharem com as suas leituras um novo desdobramento do meu percurso acadêmico.

À Janaina de Paula, pela escuta nas supervisões, por uma clínica do texto.

A Felipe Tenório, pelos risos e cafés matinais, pela maré, pelo amar e por remar comigo.

À Família, eterno enigma, pela ausência da palavra, que me relança permanentemente ao trabalho.

À Wilma Costa Moreira, *in memoriam*, por aquele olhar atento, cuidadoso, que até hoje me vê crescer.

Aos amigos, pelo refúgio.

Aos amigos de doutorado, por navegarem junto.

À Margarete M., à Marcia Z., à Marina S., pelo mar, pela leitura, por transmitirem o que há de ser lido e o que cessa de não se ler.

À CAPES, pelo financiamento dessa pesquisa.

\_\_\_\_\_ o irritante traço contínuo.  
É apenas uma dobra e um barço. O texto dobra, efeito de colagem. O texto suspende o sentido, à espera de dizer exacto. Há frases que só completei anos depois; há frases que, no limiar dos mundos, não devem ser escritas por inteiro; há frases cujo referente de sentido será sempre obscuro. Se eu pretendesse escrever um texto sempre limpo – tiraria o traço. Onde não soubesse, nada escreveria. Mas como iria saber que ali não soube, ou nem sequer me pertencia saber? O texto é limpo, e por passajar. Onde o traço é apagado, vê-se claramente o raspar da borracha. Deixar o traçado (LLANSOL, 1931, p. 66).

## RESUMO

PASTORINI, M. *Escutar-ler: uma leitura em abismo*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

A presente tese é um trabalho sobre o estatuto da leitura na psicanálise. Parte-se da interrogação sobre o enlaçamento entre esta e a escuta analítica e se estabelece uma proposta clínica, um modo de estar à escuta ao dirigir uma análise. Na passagem da linguística para a *linguisteria*, neologismo forjado por J. Lacan para abordar conceitualmente a posição do falante na linguagem, o significante é destituído de sua função sonora, não mais remetendo ao sentido auditivo do termo, mas à leitura do que se escuta de significação. O conceito de letra, especialmente a elaboração deste no contexto dos anos 1970, é determinante para a construção do litoral entre as duas operações mencionadas, através das quais a análise se afirma como um dispositivo de leitura do inconsciente. Atravessarei ainda, as contribuições de S. Freud e S. Felman, examinando-os não somente como autores, mas como leitores dos textos psicanalíticos e, sobretudo, dos “literários” (de M. Duras, E. T. A. Hoffman e H. James, respectivamente). Ao recorrer a seus artigos, redigidos em torno dos efeitos dessa leitura, destaco três significantes – *unheimlich*, *arrebatamento* e *coisa literária*. Será por intermédio do que eles nos transmitem que formalizarei o leitor enquanto função e um modo de ler que trabalha *com* o indecifrável de um sonho, seu umbigo. Esse verdadeiro nó textual assegura a sobredeterminação do sentido e a instância da leitura. Ao mesmo tempo em que não comunica, interroga, evoca, provoca uma elaboração, o que leva a concluir que a consequência da letra seria um *pas a lire*, “não-a-ler”, também um passo a ler. Como saída para esse impasse, proponho um recurso metodológico: ler *com* o ilegível.

Palavras-chave: Escuta analítica; Leitura; Umbigo do sonho; Letra.

## RÉSUMÉ

PASTORINI, M. *Écouter-lire: une lecture en abîme* : Thèse (Doctorat en Théorie psychanalytique – Institut de Psychologie, Université Fédérale de Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2021.

Cette thèse est un travail sur le statut de la lecture en la psychanalyse. On part de l'interrogation à propos du lien entre celle-ci et l'écoute psychanalytique et s'établit une proposition clinique, une façon d'être à l'écoute dans la direction du traitement. Dans le passage de la linguistique à la *linguisterie*, néologisme forgé par J. Lacan pour aborder conceptuellement la position du parlant dans le langage, le signifiant est destitué de sa fonction sonore, ne remettant plus au sens auditif du terme, mais à la lecture de ce que l'on écoute de signification. Le concept de lettre, surtout son élaboration dans le contexte des années 1970, est déterminant dans la construction du littoral entre les deux opérations citées, par laquelle l'analyse s'affirme comme un dispositif de lecture de l'inconscient. On analysera encore les contributions de S. Freud et de S. Felman, non seulement comme auteurs mais aussi comme lecteurs de textes psychanalytiques et, surtout, de textes « littéraires » (M. Duras, E.T.A. Hoffman, et H. James, respectivement). Dans leurs articles sur les effets de cette lecture, on soulignera trois signifiants : « unheimlich », « ravissement » et « chose littéraire ». À partir de ce qu'ils transmettent on formalisera le lecteur comme fonction et un mode de lire qui travaille avec l'indéchiffrable d'un rêve, son ombilic. Ce véritable nœud textuel assure la surdétermination du sens et l'instance de la lecture. Si d'un côté ce nœud textuel ne communique pas, il n'en reste pas moins qu'il interroge, évoque, provoque une élaboration, ce qui fait conclure que la conséquence de la lettre serait un pas à lire, non-à-lire, mais aussi un pas à lire. Comme issue de cette impasse, nous proposons un recours méthodologique : lire *avec* l'illisible.

Mots-clés: Écoute analytique; Lecture; Ombilic du rêve; Lettre.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de Aparelho Psíquico (Pcpt → M) .....	91
Figura 2 – Modelo de aparelho psíquico (traços mnêmicos) .....	91
Figura 3 – Célula elementar do Grafo do Desejo.....	93
Figura 4 – Significante “Homem” x Significante “Mulher” .....	108
Figura 5 – “As meninas”, de Velázquez .....	112

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO ou SALTO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO I – AOS LEITORES</b> .....	21
2.1	Um “novo leitor” para Lacan ou a psicanálise não vai sem a leitura .....	24
2.2	“Ato teórico”: do texto em queda à morte do autor.....	31
2.3	Destinos da carta/letra: destinatário, destinação e o “voo da leitura” .....	40
2.4	Um “leitor favorito”: cartas entre Freud e Fliess.....	48
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II – À ESCUTA</b> .....	56
3.1	A surpresa.....	56
3.2	Os efeitos da subversão freudiana: um breve percurso histórico e conceitual da clínica do silenciamento à clínica da escuta .....	60
3.3	<i>Freie Einfäll</i> : palavras em queda livre.....	68
3.4	Escuta flutuante: inconsciente como “órgão receptor”.....	75
3.5	À escuta que arrebatava a forma .....	84
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III – DO APARELHO ASSOCIATIVO DE LINGUAGEM FREUDIANO À INSTÂNCIA DA LETRA NO INCONSCIENTE: SONHO- INTERPRETAÇÃO e INCONSCIENTE-LEITOR</b> .....	88
4.1	O trabalho freudiano com os sonhos: via real para a estrutura de uma linguagem no inconsciente.....	90
4.2	Do sonho-interpretação à hipótese do inconsciente-leitor.....	98
4.3	Sergei Pankejeff, Espe, S.P.....	101
4.4	Uma nova volta à <i>lettre</i> : significante e letra, um problema de leitura.....	103
4.4.1	“...nisso ela mostra seu fracasso”.....	112
4.4.2	“... se fez leitura...”.....	114
4.4.3	“...se é de sua ruptura que chove...”.....	115
4.4.4	“...não tem a ver com os ouvidos, mas com a leitura...”.....	116

<b>5</b>	<b>CAPÍTULO IV – COISA LITERÁRIA, UNHEIMLICH, ARREBATAMENTO: LER COM O ILEGÍVEL.....</b>	<b>120</b>
5.1	Uma leitura ao nível do umbigo.....	120
5.2	<i>Coisa literária</i> : palavra-efeito em Felman.....	126
5.3	<i>Unheimlich</i> : palavra-conceito em Freud.....	129
5.4	<i>Arrebatamento</i> : palavra-enigma em Lacan.....	140
5.5	Razão de um fracasso.....	142
5.6	Ler <i>com</i> o ilegível: não se pode <i>e</i> se lê.....	145
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS <i>ou</i> ABISMO .....</b>	<b>149</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>156</b>

## 1 INTRODUÇÃO *ou* SALTO

Desde sempre me tenho norteado pelo princípio do que o texto precisa de encontrar, não o leitor abstracto, mas o leitor real, aquele a que, mais tarde, acabei por chamar legente – que não o tome nem por ficção, nem por verdade, mas por caminho transitável (LLANSOL, 1999, *on-line*).<sup>1</sup>

Legentes da dor sem saber ler. Desprovidos de actos voluntários, nasceram com fome./ E está estabelecido pela ficção (que não o texto) do mundo que passarão fome (LLANSOL, 2000, p.15).

Qual a importância da leitura na clínica psicanalítica? Uma clínica que se assenta tradicionalmente no trabalho de escuta? A presente tese é uma investigação sobre o estatuto desta prática na psicanálise. Viso, com isso, acompanhar as consequências desse trânsito entre escutar-ler e suas repercussões no ofício do analista.

Início com um pequeno fragmento clínico cuja brevidade não deve ser confundida com irrelevância. Com o dia de trabalho já quase por encerrar, quase pronta para ir embora, recebo uma ligação da recepção do ambulatório. A voz do outro lado dizia, em tom de preocupação, mas também irritado, que uma paciente estava inquieta, inconformada com o atraso de sua psicóloga – que ainda não havia chegado à instituição –, e prestes a ir à ouvidoria, fazer uma reclamação. Não havia muito tempo para ponderar o que ali se apresentava e, mesmo diante de alguma hesitação, decido recebê-la.

Tão logo entra na sala, a paciente começa a falar. Ela emenda uma frase em outra, desliza de objeção em objeção, deixando claro o seu descontentamento por ter esperado por tanto tempo. Diante disso, não a interrompo, deixo-a falar, reclamar, escuto-a, acompanho as suas palavras. Pouco a pouco, a raiva cede lugar a outros temas, os assuntos se redireccionam, parecendo delinear e apontar para um novo destino. Atenta a esse desvio, passo a fazer algumas perguntas, e ela então passa a dizer de situações difíceis, dos impactos tanto físicos quanto emocionais, causados por uma grave doença, de sua solidão. Escuto-a dizer, com um novo tom, sobre o seu sofrimento, sua tristeza. Presencio, naquele instante e com aquele sujeito que ali endereça sua palavra, um dos fundamentos da psicanálise, a “função ouvidor”.

Soou demasiadamente curioso que, em momento algum, a paciente tenha feito menção à outra profissional, com a qual havia marcado uma sessão. De fato, naquele

---

<sup>1</sup> Carta de Maria Gabriela Llansol a Eduardo Prado Coelho, de 1999, que pode ser lida, na íntegra, em: <https://fiodeaguadotexto.wordpress.com/2011/10/31/carta-de-llansol-a-eduardo-prado-coelho/>.

instante e com aquele pedido decidido por uma *ouvidoria*, não importava muito *quem* a ouvisse, mas, sim, que fosse ouvida. Ouvir a dor, essa dor insistente de um corpo doente, trouxe efeitos importantes, e não apenas para esse sujeito. Mediante esse acontecimento que revirou a programação da paciente – marcada com outra psicóloga – e também o destino do meu dia de atendimentos, realizo, surpresa, sobre o trabalho de um analista: ouvidor.

Desse modo, no mesmo ponto em que *ouvidoria* se destaca do setor do hospital responsável por receber sugestões e reclamações, o analista passa a assumir a função ouvidor, que, acolhendo essas demandas, as ouve de um modo inteiramente outro. O efeito desse significado novo, ao ser testemunhado e apurado, fez-me atinar a dimensão de um incalculável, do que não se apreende pela via do entendimento e que faz da escuta seu alvo.

Essa experiência trouxe repercussões para a minha prática clínica, identifiquei que havia aí um problema a ser investigado. Em psicanálise, não se trabalha com o campo da compreensão, que toma a palavra no uso comum e segundo um sentido que lhe antecede. À vista disso, se, por um lado constato que a escuta não deve ser reduzida a uma prática de audição, por outro, interrogo qual seria a operação aí concernida.

Prosseguindo, mas sem sair do âmbito da escuta analítica, exponho outra passagem clínica cujos desdobramentos suscitados finalmente esclareceram o que estava se colocando como interrogação acerca do tema mencionado. “Perdida. Eu me sinto perdida.” Escutei essa frase na primeira sessão de entrevista de uma paciente e a escutei novamente, nas sessões posteriores. Ao dizer essas palavras, que vinham sempre acompanhadas de intensa angústia, ela tentava descrever o que a acometia durante as “crises de desespero” – episódios disruptivos nos quais se sentia apartada do próprio corpo, ausente, como se desaparecesse, como se ela mesma se perdesse. Acompanhando as repetições desse significante *perdida*, escutando o modo como se apresentava, a forma como era dito, notei que constantemente vinha articulado a duas circunstâncias bem específicas: para dizer do seu estado após a crise e sobre como ficou após *perder* o seu bebê, em decorrência de um aborto espontâneo. Desse modo, *perdida* apontava tanto para a bebê *perdida* quanto para a sua posição aderida ao objeto. Diferentemente do luto, sabe-se, desde Freud (2010)<sup>2</sup>, que, no caso da melancolia, a sombra do objeto recai sobre o eu do sujeito, de tal modo que ele se cola ao objeto.

---

<sup>2</sup> Freud iniciou a escrita do texto em 1915, e a publicação se deu, pela primeira vez, em 1917.

Escutar a insistência, a reiteração do significante, o modo como ele retornava e se reapresentava, trouxe à tona as perguntas elaboradas em torno do fragmento clínico anterior. As duas experiências demonstraram que é preciso escutar além da semântica dicionarizada, escutar acompanhando o próprio desenho dos significantes encadeados na fala que, assim, antecipam alguma significação. Depreendo, a partir disso, um certo modo de estar à escuta na clínica, estar entregue ao imprevisível da significância.

Esses mesmos casos apontaram ainda para a cisão entre a escuta e o campo da audição, entre ela e o terreno da compreensão, logo, para a distância entre o dito e o que se escuta. Inferência clínica que reencontro formulada por Jacques Lacan e que pode ser usada tanto para analisar o significante *ouvidoria* quanto no caso de *perdida*. Ele adverte “que o que vocês escutam não tem, com o que isso significa, nenhuma relação” (LACAN, 2010, p. 95).<sup>3</sup> Na medida em que não há entre significante e significado uma relação, uma correspondência, a escuta se desloca dos ouvidos e aponta para um trabalho de leitura.

Desde Sigmund Freud (2010)<sup>4</sup> e de sua clínica das pulsões se apresenta a diferença radical que há entre o órgão e a função inconsciente a ele atrelada, distinção posteriormente ratificada por Lacan, nos anos 1960, a partir da introdução do objeto *a* e do conceito de letra. Lacan se apropria do signo linguístico para subvertê-lo, pois – diferentemente do que postula Saussure (2012)<sup>5</sup> –, demonstra que não há arbitrariedade entre significante e significado. O primeiro termo é definido pelo linguista como a imagem acústica do signo, aquilo que se escuta, e veremos que este também foi o caminho sustentado por Lacan, até os anos 1970, quando o conceito de letra passa a assumir um novo estatuto. É também nesse momento que ele devolve a linguística ao domínio do linguista e forja um neologismo para nomear a disciplina à qual o psicanalista recorre, para tratar do problema do ser falante com a linguagem: *linguisteria* (LACAN, 2010). No âmbito da *linguisteria*, o significante não tem a ver com os ouvidos, mas com a leitura do que se escuta de significado. Destaco a função que está aí concernida: uma leitura do que se escuta, uma leitura da escuta.

Tampouco a leitura equivale ao que fazemos quando juntamos vogais, sílabas, fonemas, palavras, frases, para decodificar uma mensagem. Também Freud (2014)<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1971 e 1972.

<sup>4</sup> Original publicado em 1915.

<sup>5</sup> Original publicado em 1916.

<sup>6</sup> Original publicado em 1891.

transmitiu, a propósito das afasias, que a leitura é efeito de uma complexa operação psíquica e que não é, de modo algum, uma tarefa automática, que não corresponde ao que aprendemos durante a alfabetização. Em seu trabalho com os sonhos, por exemplo, constataremos que a cena onírica é, ela mesma, uma leitura do inconsciente, e que o próprio aparelho psíquico, como uma linguagem, opera uma leitura. É possível considerar, portanto, que o psicanalista aproxima a leitura do inconsciente e a leitura da escuta (FREUD, 2019)<sup>7</sup>.

Ao tomar essa evidência como baliza, como um recurso conceitual, para abordar a questão que a clínica nos coloca, interessa-me investigar em que ponto as duas funções, a escuta e a leitura, embora heterogêneas, tocam-se, entrelaçam-se. O objetivo, convém esclarecer, não seria traçar uma correspondência entre ambas, ou mesmo justapô-las, quer dizer, alcançar o ponto em que uma superaria a outra. Partindo da premissa de que a escuta analítica não se confunde com o campo da audição e de que a leitura não é um processo cognitivo que envolve mera decodificação, o intuito é desenvolver um programa de investigação que visa abordar os seguintes problemas: qual a especificidade da escuta analítica? Em que ela difere de uma escuta “terapêutica”? Que consequências tem, para o campo analítico, o exame da escuta pela matriz da leitura? De que modo a leitura modifica a escuta, e como uma modifica a outra? De que leitura se trata quando trabalhamos com o inconsciente? Ao traçar, com estas perguntas, um roteiro de investigação, encontro nelas outro problema: é possível afirmar a *leitura da fala*, uma leitura do que nos chega como som? Afinal, ler sempre esteve relacionado a um texto. Abre-se, com isso, outra via: como ler aquilo que pela fala faz escrita?

Entre o legente da dor sem saber ler, de Maria Gabriela Llansol (2000), e a leitura do que se escuta de significado no significante de Lacan (2010)<sup>8</sup>, busco construir, com a presente tese, uma via transitável, a via de uma escuta-leitura, na qual cada uma será tomada como um problema a ser examinado.

Quando nomeio o primeiro capítulo como “Aos leitores”, não almejo fazer referência a quem está lendo a tese, mas a todos nós, leitores de Freud e de Lacan, a todos aqueles que suportam a dureza e aridez desses textos e que insistem, apesar disso, em ler. Agora, sim, me endereço ao leitor. Digo a ele: não há uma formação em psicanálise sem

---

<sup>7</sup> Original publicado em 1900.

<sup>8</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1971 e 1972.

uma prática de leitura, já que o ofício do “estudo”, apontado por Freud (2019)<sup>9</sup> como um dos tripés da formação do analista, assenta-se, necessariamente, no contato com os textos cujos autores não mais estão presentes para que sejam consultados sobre os desvios de interpretação de suas hipóteses. Não há o que fazer em relação a isso, submetemo-nos a esse tempo para sempre perdido, que é o de seus escritos. Há de se perguntar também se, na presença dos autores dos textos, estaríamos salvos do campo dos equívocos, afinal, como nos diz Llansol (1994, p. 142), “tudo comunica por sinais, por regularidades afectivas, por encanto amoroso, por perigo de anulação. Tudo comunica por incompreensão”. E leio aqui o significante *comunica* ao lado daquele que de fato interessa à psicanálise: *transmite*.

Portanto, o fato de eles não estarem vivos não é a origem do equívoco, uma vez que também o autor não possui a chave de leitura do próprio texto. Como consequência, veremos que esse exato ponto inaugura outro problema – a função do leitor. Lacan, por exemplo, no retorno à letra de Freud, dispunha apenas dos artigos, sendo exclusivamente por intermédio de uma leitura que ele, ao ocupar um lugar de leitor, contribuiu para que a enunciação freudiana permanecesse ressoando – e sendo lida. Temos, então, um Lacan leitor, e nós, leitores de seus textos, de suas cartas.

Ah, as cartas. As cartas, as letras, *les lettres*. Foram tantas as epístolas trocadas no âmbito da psicanálise. Passaremos pelas cartas trocadas entre Freud e Fliess, seu “leitor preferido”, verdadeiros documentos, que nos permitirão testemunhar os bastidores da elaboração de alguns dos conceitos inaugurais da psicanálise cuja importância seria sem precedentes para o problema das patologias psíquicas. Acompanharemos, ainda, Lacan (1998)<sup>10</sup>, leitor das cartas de Edgard Allan Poe, ao proceder uma leitura singular do conto *A carta roubada*, a nos transmitir, em ato de ler, um modo de tomar o texto que se interessa pelo trajeto que vai sendo delineado a cada vez que a carta desvia, a cada vez que ela escapa. É também digno de nota que, cinco anos após a publicação de seus *Escritos*, Lacan tenha se referido a este trabalho como suas “cartas abertas” (LACAN, 2010, p. 16)<sup>11</sup>. Somos nós, psicanalistas, leitores de suas cartas, de sua letra e, também, das cartas-letras dos analisantes.

---

<sup>9</sup> Original publicado em 1919.

<sup>10</sup> Original publicado em 1955.

<sup>11</sup> Seminários realizados por Lacan entre 1971 e 1972.



Em função da importância das cartas, discutiremos sobre o modo de endereçamento que concerne à psicanálise, que não visa ao destino, nos termos de um circuito dual, pautado em um emissor e um receptor que seja capaz de decifrar a mensagem emitida, mas a um modo de endereçamento pautado pela destinação. Nesse âmbito, a mensagem retorna de Outro lugar. Veremos que, na leitura das *lettres*, das cartas, da letra, algo inevitável se impõe, obrigando o leitor “a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” (LACAN, 1998, p. 11)<sup>12</sup>. Visando desdobrar as questões que foram se apresentando ao longo da pesquisa, vou me aproximar, também, do trabalho de Roland Barthes, Michel Foucault, Jean-Luc Nancy e Maurice Blanchot, sobretudo, no que concerne à posição de cada um deles em relação à leitura e ao leitor.

No segundo capítulo, “À escuta”, examinarei o problema da escuta analítica sob um viés histórico, conceitual e clínico. Acompanharei o desenvolvimento de alguns métodos terapêuticos usados para abordar o sofrimento psíquico até, finalmente, chegar à revolução feita por Freud, que elege a escuta e a fala como os instrumentos de uma análise. A falibilidade da comunicação – evidente nos atos falhos, lapsos, nos acidentes de linguagem que sobrevêm à fala em livre associação – foi justamente o que deixou Freud siderado, pois, ali, ele se viu surpreendido pelos efeitos do inconsciente. Veremos, inclusive, que foi também por intermédio de um acontecimento surpreendente, de uma intervenção imprevisível, que Freud (2006)<sup>13</sup> descobriu o valor da fala espontânea, ao ser interrompido por uma paciente, Emmy Von R., que reclamava: “me deixe falar!”

Ao desenvolver a tese sobre a atenção flutuante, Freud conclui que não se escuta com os ouvidos, e que o órgão em questão é o inconsciente. Assim sendo, o analista dirige o inconsciente como órgão receptor ao emissor, ao analisante. Ele “transforma em ondas sonoras as oscilações elétricas da linha” ao escutar, reconstituindo “a partir das ramificações do inconsciente que lhe são informadas, esse inconsciente que determinou as ocorrências trazidas pelo paciente” (FREUD, 2019, p. 99).

Seguindo no esforço de deslocar a escuta de um ofício meramente auditivo, encontraremos em Nancy (2014) um desdobramento da questão. O autor sugere um modo de operar esse ofício na clínica: “estar à escuta”. Veremos que estar à escuta é dobrar-se à lógica do inconsciente, disponibilizando-se como que à mercê do instante em que uma enunciação terá surpreendido, vulnerável aos acidentes que se produzem na fala, em livre

---

<sup>12</sup> Original publicado em 1966.

<sup>13</sup> Original publicado em 1895.

associação. Entre idas e vindas a Lacan, Freud, seus comentadores, e, agora, a Nancy, nos depararemos com a indicação de um arrebatamento do *semblant* do sentido, aquilo que, na fala do analisante, se estatela, cai, revelando sempre mais e menos do que ele programou dizer. Nesse terreno do “arrebatamento”, palavra que Nancy utiliza, mas que é também marca da relação de Lacan (2003)<sup>14</sup> com o texto de Marguerite Duras, começaremos a adentrar os sulcos de um solo, uma terra, essa mesma que apontou uma leitura da letra para o psicanalista.

Entretanto, antes de voarmos pelo solo de *Lituraterra*<sup>15</sup>, outro trabalho se impõe. No terceiro capítulo, designado por “Do aparelho associativo de linguagem freudiano à instância da letra no inconsciente: sonho-interpretação e inconsciente-leitor”, recorrerei às elucubrações freudianas sobre a leitura, a fim de constituir uma espécie de estofa para, na sequência, examinar o problema da letra em Lacan. A fim de circunscrever também o estatuto da leitura para a psicanálise, me debruçarei sobre dois escritos fundamentais de Freud – *A Conceção das Afasias*, de 1891, e *Traumdeutung*, seu livro dos sonhos, de 1900 –, nos quais se pode encontrar pressupostos para conjecturar que há, no cerne de toda formação inconsciente, uma leitura (FREUD, 2014)<sup>16</sup>.

Averiguarei o que há de novo nesse trabalho já tão comentado de Freud (2019)<sup>17</sup> sobre os sonhos. Poderei mesmo circunscrever aí uma premissa que orienta não apenas todo o ensino freudiano, mas, sobretudo, a práxis da psicanálise. À diferença do pensamento de vigília, ele identifica nos sonhos um traçado regressivo. No estado de adormecimento, as ações não podem ser efetivadas pela via da motilidade, e, desse modo, os estímulos subjacentes se endereçam novamente à extremidade sensorial do aparelho psíquico. Nesse circuito, de fato retroativo, o estímulo perpassa cada traço mnêmico, e, no mesmo ponto, pode-se dizer que uma leitura se produz, o inconsciente se lê. Assim sendo, não seria o sonho mesmo uma leitura do inconsciente?

Ainda a propósito desse trabalho freudiano com as cenas oníricas, pretendo abordar o conceito de letra, a ser examinado através do relato de um sonho de Sergei

---

<sup>14</sup> Original publicado em 1965.

<sup>15</sup> Trata-se de um neologismo, forjado por Lacan, composto pelos radicais “lino”, “litura” e “liturarius” e que se legitima pelo dicionário etimológico *Ernout e Meillet*, segundo aponta. No artigo mencionado, confessa que o nome *Lituraterra* “me veio, no entanto, deste jogo de palavra com que se faz o chiste: o trocadilho voltando aos lábios a inversão à orelha” (LACAN, 2003, p.11).

<sup>16</sup> Original publicado em 1891.

<sup>17</sup> Original publicado em 1900.

Pankejeff, o famigerado *Homem dos Lobos* (FREUD, 2010)<sup>18</sup>. Ao circunscrever de que modo Freud soletra o que posteriormente Lacan nomeou como letra, atravessaremos os artigos que versam sobre este tema e também sobre a construção lacaniana de significante. Por fim, tocaremos o solo de *Lituraterra*, acompanhando, junto ao voo de Lacan (2003)<sup>19</sup> pela Planície Siberiana, algo que será determinante para considerar o estatuto que a leitura assume na psicanálise. No solo de *Lituraterra*, a letra se circunscreve como um litoral, que tanto separa quanto conjuga dois campos heterogêneos.

Ao se ler o escrito mencionado, encontra-se, ali descrito, o próprio saber em fracasso, *mise-en-abîme*. Esse termo francês, traduzido como narrativa em abismo, é também um recurso visual e retrata uma figura dentro de outra, tal como as bonecas russas, as Matrioscas, nas quais sempre há uma menor que está contida no interior da maior. Esse recurso é usado por Lacan como apólogo a um saber em fracasso, modo como a psicanálise opera, por remeter a uma abordagem que se faz por desvios, por desdobramentos e aproximações que vão nos permitindo cercar, a cada volta, um certo núcleo, mas que, por razões de estrutura, se faz resistente à elucidação. Depreenderemos disso um passo teórico importante, mediante o qual proporei a leitura como um recurso metodológico possível, frente ao “saber em fracasso”, pois é como se Lacan incluísse a resistência à leitura na própria operação de ler, impossibilidade que só pode ser referenciada a partir da letra, em sua dimensão litorânea, entre o legível e o ilegível. De que leitura se trata quando trabalhamos com a letra, esta que fracassa o sentido, que desenha o que faz furo no saber?

Finalmente, nos encaminharemos ao quarto capítulo, “Coisa literária, *Unheimlich*, Arrebatamento: uma leitura ‘ao nível do umbigo’”. No que se refere a um problema de leitura, encontraremos, no umbigo do sonho, um paradigma crucial. Freud o situa como o ponto de enigma do texto onírico, que figura um insondável. Essa inferência, de fato clínica, confirma-se no que ele surpreende na estrutura do sonho: um “novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar” (Freud, 2019, p. 575). Se, por um lado, o psicanalista verifica a pluralidade de leituras possíveis de um sonho – a sobredeterminação –, ele também se defronta com um limite, um centro incógnito, “ponto de convergência final de todos os significantes” (LACAN, 2016, p. 119)<sup>20</sup>. Levando isso em consideração, encontraremos em Shoshana Felman um método de leitura que será

---

<sup>18</sup> Original de 1914, publicado, primeiramente, em 1918.

<sup>19</sup> Original publicado em 1971.

<sup>20</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1958 e 1959.

decisivo para propor um certo modo de estar à escuta em análise e, também, de tomar o texto psicanalítico: uma leitura “ao nível do umbigo”. A autora nos lembra de que o umbigo era ponto de contato entre o corpo materno e o *infans*, lugar onde se corta para separar o que outrora os reunia. É, portanto, um ponto tanto de conexão quanto de desconexão, encarnando, em um só termo, o modo como um “sonho está, todo e de uma só vez, ligado ao desconhecimento e desconectado de seu desconhecimento” (FELMAN, 2012, p. 30). Ao reconhecer que há um ponto de opacidade em toda cena onírica, Freud (2019)<sup>21</sup> também revela que a resistência não é um fenômeno circunscrito à situação analítica, mas diz respeito à estrutura mesma do neurótico. Desse modo, apresenta-se como entrave e força motriz de uma análise. Fenômeno que condiciona um trabalho e, ao mesmo tempo, impõe um insondável. Um umbigo que pressiona à leitura.

Ainda no quarto capítulo, movida pela leitura “ao nível do umbigo”, investigaremos Felman (2020)<sup>22</sup>, Freud (2020)<sup>23</sup> e Lacan (2003)<sup>24</sup>, enquanto leitores, com o objetivo de extrair da leitura que cada um faz, dessa vez do texto literário, um modo de leitura em análise. O fato de os objetos terem sido textos não psicanalíticos em nada altera, em nada invalida a proposta de extrair destes um saber-fazer, pois a leitura que fazem é realmente psicanalítica. Examinaremos os três em seus três textos principais que marcam a relação de cada um com o legente: *A coisa literária*, *Das Unheimliche* e *Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*.

Ao recorrer a seus artigos e examinar a experiência de cada um com a letra, destacarei três significantes, *coisa literária*, *unheimlich* e *arrebatamento*. Será por intermédio do que eles nos transmitem que formalizarei o leitor enquanto função e um modo de ler que consente com o indecifrável de um sonho, o umbigo.

Nos remeteremos, ainda, a outra leitura, a Paul De Man (1996)<sup>25</sup>, leitor de Lacan, que afirma algo precioso acerca do ensino lacaniano. Ele nos diz que “Jacques Lacan é, antes de tudo e entre muitas coisas, um ensino e uma leitura, o ensino de uma leitura” (DE MAN, 1975 *apud* FELMAN, 2012, p.18) Se Lacan, de fato, nos ensina uma leitura, e, se o seu próprio ensino é uma leitura, somos levados a concluir, com o percurso de investigação da presente tese, que Lacan nos ensina mesmo a depor as nossas armas

---

<sup>21</sup> Original publicado em 1900.

<sup>22</sup> Original publicado entre 1977-1978.

<sup>23</sup> Original publicado em 1919.

<sup>24</sup> Original publicado em 1965.

<sup>25</sup> Original publicado em 1979.

diante da leitura. Diante disso que se impõe como opacidade no texto, que não comunica, mas que evoca, provoca elaboração, proponho um recurso metodológico: ler *com* o ilegível. Em resposta às suas cartas, às suas letras, proponho, então, que o fracasso d'a leitura é também um modo de ler.

Encerro esta introdução, apontando que a leitura não será somente objeto de estudo, mas também será tomada como metodologia de pesquisa. Desse modo, farei uma leitura da leitura, também uma leitura da leitura que Lacan faz de Freud, de Duras e Poe; que Freud opera diante do conto de E. T. A. Hoffman; que Felman faz de Freud e também do texto literário; e, finalmente, que De Man faz do ensino de uma leitura de Lacan – ou, como designei no título, procederei a uma leitura em abismo.

Será também desse mesmo lugar – como leitora, enquanto leitora surpreendida pelos acontecimentos contingentes da clínica e pela experiência de leitura dos textos psicanalíticos – que procederei à redação de cada um dos quatro capítulos que comporão este trabalho. Esta tese será, portanto, a minha leitura.

## 2 CAPÍTULO I – AOS LEITORES

Entretanto, lamento ter que sacrificar meu leitor favorito e melhor dentre todos entregando-lhe provas [do livro sobre os sonhos, *Traumdeutung*], pois como se pode gostar de uma coisa que se tenha que ler nas provas? Infelizmente, não posso prescindir de você como representante do Outro – e, mais uma vez, tenho outras sessenta páginas para você (FREUD, 1988, p.375)<sup>26</sup>.

Cabe a esse leitor devolver à carta/letra [*lettre*] em questão, para além daqueles que um dia foram seus endereçados, aquilo mesmo que ele nela encontrará como palavra final: sua destinação (LACAN, 1966, p.10)<sup>27</sup>.

Este primeiro capítulo não se destina àqueles que se aventurarem a ler as páginas a seguir. De outro modo, o dedico a nós, leitores incansáveis de Freud e Lacan. E, por extensão, a todos aqueles que suportam a dureza da não compreensão de um texto e, a despeito desse fato, insistem na leitura.

Na epígrafe, o leitor encontrará as palavras dos próprios psicanalistas, endereçadas a quem identifico como um leitor “novo”. No caso de Freud (1986)<sup>28</sup>, testemunhamos, nas cartas a Wilhelm Fliess, uma clara elaboração de suas hipóteses, muitas ainda embrionárias. Também os percalços de sua clínica, as frustrações e desânimos são submetidos aos comentários desse “leitor favorito”. A respeito de Lacan (1998)<sup>29</sup>, não deixei de notar que ele abre os *Escritos* como se estivesse selando uma carta, carimbando, em seu “envelope”, o endereço de um signatário especial. Cinco anos depois de ter redigido esse prólogo, ele nomeou o livro como suas “cartas abertas”, coincidência – ou não – que soa, no mínimo, curiosa (LACAN, 2003, p.16)<sup>30</sup>.

Na sequência, trarei uma passagem extraída da mencionada abertura de *Escritos*, que acrescenta a pequena frase já citada acima, como epígrafe. As palavras nela contidas requerem atenção. Solicito que sejam lidas, pelo leitor, com a devida cautela, pois seu conteúdo foi decisivo para a constituição do tema deste capítulo e, portanto, retornarei a ele sempre que necessário.

Eis exatamente a questão que nos coloca esse *novo leitor* do qual foi feito argumento para reunirmos estes escritos. Condescendemos-lhe um

<sup>26</sup> Freud, em carta a Fliess, em setembro de 1899.

<sup>27</sup> Lacan, aos leitores, na Abertura de *Escritos*, em outubro de 1966.

<sup>28</sup> Original de 1887, publicado primeiramente em 1904.

<sup>29</sup> Original publicado em 1966.

<sup>30</sup> Original publicado em 1971.

patamar na escalada de nosso estilo, dando a “A carta roubada” o privilégio de abrir sua sequência, a despeito de sua diacronia. Cabe a esse leitor *devolver à carta/letra* em questão, para além daqueles que um dia foram seus endereçados, aquilo mesmo que ele nela encontrará como *palavra final: sua destinação* (LACAN, 1998, p.10, grifo nosso).<sup>31</sup>

Próximo ao fim desse mesmo texto, Lacan devolve à palavra final a sua destinação. Ele encerra sua *Abertura* com a seguinte frase, que também nos será cara ao longo do trabalho:

Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si (*Ibidem*, p. 11).

Ao atinar a importância dos destinatários, tanto para Freud quanto para Lacan, elegi dois eixos para orientar a investigação e a costura textual deste primeiro capítulo. São eles: o estatuto que ambos deram ao lugar-leitor nos respectivos ensinamentos, o que me faz reconhecer a importância que a prática da leitura tem para a práxis psicanalítica, e, ainda, um modo singular de operar com a linguagem, divergente do domínio circunscrito pela comunicação e pelo âmbito da informação: a destinação.

A concebível ambiguidade entre os termos “carta” e “letra”, autorizada pelo fato de haver no francês uma única palavra – *lettre* – que designa ambas, pode gerar no leitor a expectativa de que o problema da letra seja aqui desenvolvido. Todavia, saliento que a *lettre* nos fará companhia, desta vez, abordada de modo explícito, no terceiro e quarto capítulos.

## 2.1 Um “novo leitor” para Lacan ou a psicanálise não vai sem a leitura

Não raro, escutamos a afirmação, quase paródica, de que o texto de Lacan é intragável. Em meados de março de 2020, início da quarentena que visava minimizar a disseminação da Covid-19, circulou pela internet uma foto dele, com uma frase que exortava: “fique em casa até entender Lacan”. Isso, que foi replicado em tom chistoso e que produziu um riso necessário em meio aos riscos do vírus, é também o que comumente escutamos dos analistas. Dizer que a leitura de seus escritos é difícil, contudo, não seria conformar-se, resignar-se à dificuldade de compreendê-los? Nesse ponto, interrogo se não seria um equívoco, pois supõe que o objeto de uma psicanálise e também de uma análise, o

---

<sup>31</sup> Original publicado em 1966.

inconsciente, seria da ordem do conhecimento. Como nos diz Lacan, não compreender sua escrita<sup>32</sup>, “será razão para explicá-la” (LACAN, 2008, p. 273).<sup>33</sup>

A leitura de seus escritos é, de fato, uma experiência. É um texto que evoca uma ressonância sonora e, por vezes, uma musicalidade, um ritmo, convocando-nos, amiúde, a fazer uma certa leitura sonora, em voz alta. Não é um texto fácil, tampouco de passagem rápida. Por vezes, se assemelha a um escrito em língua estrangeira e, de certo modo, talvez seja. Lacan é enfático ao afirmar que o sujeito do inconsciente não habita a linguagem, mas é (des)habitado por ela.

Não é sem consequências que tenhamos acesso a Freud (em totalidade) e a Lacan (em grande parte) tendo como recurso os seus livros. No primeiro caso, redigidos de próprio punho e, no outro, alguns de redação própria, outros redigidos a partir da transcrição da fala. Conforme nos lembram os tradutores, que aceitaram o desafio de estabelecer uma das versões que temos disponíveis hoje, no Brasil, de *Mais, ainda*, os seminários de Lacan se deram na dimensão da palavra, diante de ouvidos atentos, e o que lemos nas edições publicadas é “o escrito que se decantou da palavra ouvida” (RIBEIRO *et al.*, 2010, p. 7). Por conseguinte, a fala de Lacan, com suas pausas, repetições, chistes e jogos de linguagem, inscreve-se em um tempo perdido para sempre.

Diante do limitado, embora rico, material textual de que dispomos, é fundamental nos interrogarmos sobre os efeitos que esse trabalho de edição pode trazer para um texto. É também impactante notarmos que tanto Freud quanto Lacan foram traduzidos para diversas outras línguas, e, a respeito disso, cabe refletirmos sobre as inegáveis perdas decorrentes de cada tradução, bem como os equívocos de interpretação que porventura podem ocorrer. Lembremo-nos do que a poeta Ana Martins Marques (2015, p.22) anuncia sobre essa transformação das palavras em um outro idioma: “Este poema/ em outra língua/ seria outro poema/ um relógio atrasado/ que marca a hora certa/ de algum outro lugar”.

Por certo, constatamos que, no caso de Lacan, a tradução, ou a hora certa de um outro lugar, prejudica a referência sonora dos seus termos, recurso que tão frequentemente é usado por ele para transmitir em ato aquilo de que o inconsciente como

---

<sup>32</sup> Em verdade, neste momento, Lacan forja um neologismo, ao aglutinar “esta escrita”, propondo uma nova palavra, que se formula como tentativa de apreender a ressonância sonora da expressão, se falada rapidamente: *stescrita*. Na edição francesa, lemos: *Vous ne comprenez pas stécriture* (LACAN, 1973, p. 253).

<sup>33</sup> Original publicado em 1973.



uma linguagem produz. Se o lemos em uma edição cuja tradução é feita de modo cuidadoso, tais detalhes são explicitados em notas de pé de página, o que nos permite fazer uma “leitura advertida”, por assim dizer. Entretanto, não é suficiente para poupar o texto de ser acometido pela defasagem que é inerente ao processo.

À vista do que expus, somos confrontados com uma tarefa fundamental. Nós, psicanalistas, leitores de Freud e Lacan, somos os responsáveis por não ignorar as suas enunciações e por mantê-las reverberando, tanto na clínica quanto nas discussões do cotidiano de nossa formação. Fazemo-nos destinatários de suas cartas? Para lê-las, não há outro modo que não seja o de adentrar o texto. Portanto, é preciso reconhecermos a importância da prática de leitura para o discurso psicanalítico.

Entre 1953 e 1979, durante vinte e seis anos, Lacan promoveu os seus seminários, quase que semanalmente. Tais encontros se realizaram em três instituições diferentes: hospital de Saint-Anne, *École Normale Supérieure* e Faculdade de Direito do Pantheon, segundo narra a historiadora e psicanalista Roudinesco (2011). Das publicações de Lacan, temos os citados seminários – nem todos foram ainda publicados, há algumas versões extraoficiais que circulam entre as instituições psicanalíticas – e, ainda, duas compilações de artigos, estes redigidos por ele mesmo: *Escritos* e *Outros Escritos*. Nos deteremos em ambos os materiais, os seminários e os escritos, pois considero fundamental ficarmos cientes do que está em jogo no texto que chega até nós, fonte de que dispomos para retomar as enunciações lacanianas em nossa formação.

Para a árdua tarefa de estabelecer e publicar os seminários, Lacan elegeu o, então, genro, o psicanalista Jacques-Alain Miller, como responsável legal. É curioso, no entanto, que não lhe tenha deixado nenhuma instrução sobre a sua apresentação. Miller (2011)<sup>34</sup> também opta por nomear esse ofício como “estabelecimento de texto”, já que, de acordo com ele, Lacan não considerava como original o texto que era gerado pela estenografia, não acreditava que seriam publicáveis. Até 1973 – ano em que o primeiro seminário foi lançado<sup>35</sup> –, ele tampouco simpatizava com a ideia de que seu ensino se transformasse em livro. É pertinente notarmos que o texto estabelecido é, portanto, uma redação, e Miller tem, judicialmente, o estatuto de coautor, embora apresente certa resistência em se denominar como tal.

---

<sup>34</sup> Original publicado em 1985.

<sup>35</sup> Trata-se de *O seminário, livro II – Os quatro conceitos fundamentais*, realizado no ano de 1964.

François Ansermet, que o entrevistou, tendo como tema justamente “O seminário”, formula uma pergunta que julgo contundente. Partindo do argumento de que os seminários seriam conhecidos por serem mais palatáveis, ou menos intragáveis do que os *Escritos* e *Outros Escritos*, ele interroga Miller: “Que quer dizer ler Lacan? Há uma diferença notória entre o Lacan falando, o Lacan transcrito e o Lacan escrevendo?” (ANSERMET, 2011, p. 12)<sup>36</sup>.

Corroborando o que lhe foi dito, Miller reconhece que essa diferença é indiscutível e parafraseia Lacan, ao lembrar que ele mesmo considerava que, diante do escrito, o leitor não tinha outra saída a não ser a de entrar no texto. Além disso, dizia que muitos dos frequentadores dos seminários o tomavam como hermético, alegando que tinha uma oratória “rebuscada” e “inventiva”. Certa vez, ele teria dito a Miller: “Falo como outros escrevem”. É digno de ressalva que, ao mesmo tempo em que o detentor dos direitos autorais das obras de Lacan atesta a densidade do texto, ele não deixa de reconhecer também que o discurso oral “era tão complexo quanto o Lacan escrito” (Miller, 2012, p. 13).

Na sequência, Ansermet lhe faz a difícil, e, talvez, insolúvel, pergunta: “O que quer dizer ler Lacan?” Ao respondê-lo, Miller se recorda da primeira vez em que se defrontou com o texto lacaniano. Na ocasião, ele não o conhecia, jamais o tinha visto ou escutado e tampouco sabia da relevância de Lacan no cenário intelectual daquele tempo. Louis Althusser, filósofo e supervisor de Miller, à época, foi quem o introduziu a Lacan e lhe fez recomendações expressas para que não apenas o lesse, mas que fosse pessoalmente assistir a um de seus seminários. Bom, se por um lado Miller não nos apresentou uma resposta clara para aquela pergunta, por outro, o impacto desse primeiro contato com a leitura de Lacan estava na ponta da língua. Sua primeira reação foi: “eu estava lendo alguma coisa inaudita” (Miller, 2012, p. 14).

Não passou despercebido, diante da árdua pergunta de Ansermet – que se interessava em saber o que seria ler Lacan –, que a resposta tenha sido, justamente, a descrição da experiência inaugural de Miller com o escrito lacaniano. É como se, diante da questão que visava, talvez, alcançar um certo *savoir faire* sobre um modo de leitura, de fato só lhe restasse recuar e dizer das repercussões que foram suscitadas por aquelas palavras: “inaudito”.

---

<sup>36</sup> Original publicado em 1985.

Constatamos, pela resposta de Miller, que realmente não há outro jeito de dizer sobre a experiência de leitura de Lacan que não seja a tomando como se fosse a primeira, única a cada vez. A agudeza das enunciações, por vezes herméticas, sempre cortantes, convocam-nos a adentrar as linhas e entregar a nossa leitura – tal como se depõem as armas. A opacidade das formulações nos convoca a parar, por vezes, deixar o livro de lado, para fazer uma análise do que ali se impôs como enigma. Também nos intriga o fato de que, frequentemente, uma mesma frase, um parágrafo ou uma das lições nos soe como inédita, ainda que já tenha sido exaustivamente lida e relida, diversas vezes. A cada nova volta, a cada vez, nos surpreende algo novo.

Ainda a propósito da entrevista, recortei um fragmento em que encontrei material para avançar e elaborar sobre o referido ineditismo do texto lacaniano. Miller (2011)<sup>37</sup> propõe uma espécie de hipótese que, segundo percebi, retoma a árida pergunta de Ansermet (2011, p.15) – o que é ler Lacan? Ele nos diz: “Você me pergunta a qual leitura isso obriga: isso obriga a mesma leitura que o inconsciente, por que não?” Encontro nessa resposta um material que permite atestar o desdobramento entre a leitura de um texto e a leitura que ocorre na experiência de uma análise. Nesse ponto, uma pergunta surge, não para ser elucidada neste primeiro capítulo, mas para vislumbrar o percurso que faremos até o encerramento desta tese. Miller parece mesmo testemunhar aí “que a prática da letra converge com o uso do inconsciente”, confissão feita por Lacan, em 1965 (p. 200). De sua afirmação, extraio uma direção de trabalho: a prática da leitura converge, ainda, com o uso do inconsciente?

Lacan já mencionava essa dobradiça no primeiro ano de seu seminário. Na ocasião, discorria sobre o célebre livro de Freud sobre os sonhos, *Traumdeutung*. A importância que o francês dava à dimensão textual foi expressa, quase de modo literal, ao afirmar que “comentar um texto é como fazer uma análise” (LACAN, 2009, p.102)<sup>38</sup>. É também fundamental atinarmos a frequência com que ele recorria a algum texto durante as exposições orais, recurso que parecia ter para ele um duplo estatuto – o de uma orientação de trabalho investigativo, mas, também, clínico. Na sequência da frase que mencionei, ele prossegue, dizendo:

---

<sup>37</sup> Original publicado em 1895.

<sup>38</sup> Original publicado em 1953-1954.

Quantas vezes não fiz observar àqueles que controlo<sup>39</sup>, quando me dizem – *Acredito ter compreendido que ele queria dizer isto, e aquilo* – uma das coisas que mais devemos evitar é compreender muito, compreender mais do que existe no discurso do sujeito. Interpretar e imaginar que se compreende não é de modo algum a mesma coisa. É exatamente o contrário. Eu diria mesmo que é na base de uma certa recusa de compreensão que empurramos a porta da compreensão analítica (Lacan, 2009, p.102, grifo do autor).

A aridez do deserto textual de Lacan se assemelha à solitude de uma sessão. Nesta última há uma estranheza que lhe é própria, não apenas do lado do analisante, mas, também, do analista. Há algo mais desconcertante que um ato falho?

Desde Freud (2019)<sup>40</sup>, principalmente desde seu trabalho com os sonhos, depreendemos um modo de escuta que é, também, leitura. Escutar-ler, uma leitura que testemunha e dá lugar à estrangeirice no texto do analisante cujos efeitos se depuram tanto menos se quiser compreender. Extraio desses pressupostos uma orientação de trabalho. Com frequência, quando os psicanalistas se referem à leitura, normalmente abordam a relação que têm com a escuta, ou mesmo com a noção lacaniana de letra e significante. Embora seja claramente justificável essa relação, a qual corroboro, é imprescindível não desconsiderarmos o lugar que a prática de leitura também exerce em nossa formação. Com isso, inevitavelmente me defrontei com algumas interrogações: de que leitura se trata? Como saímos da armadilha construída por nós mesmos, toda vez que reforçamos a ideia de que Freud e Lacan nos apresentam um texto de difícil apreensão?

No posfácio do *Seminário 11*, primeiro da série a ser lançado, Lacan nos diz: “não é de se tomar por acidente, porque eles sejam difíceis” (LACAN, 2008, p. 271)<sup>41</sup>. Se por um lado reconhecemos o espinhoso trabalho que os *Escritos* e *Outros escritos* nos convocam a fazer, também somos advertidos, com a recomendação do próprio autor sobre eles: não são para serem lidos (LACAN, 2010, p. 91; 2008, p. 271)<sup>42</sup>. Árduo como todo axioma lacaniano, enigmático como também soa a grande maioria dos conceitos psicanalíticos, essa formulação me incita ao trabalho. Para seu estilo, um leitor. Melhor

<sup>39</sup> Um pequeno parêntese se faz necessário, para retificar um dos termos presentes no parágrafo anterior, e, desse modo, reiterar a advertência que o próprio Lacan nos faz. Na edição francesa que consultei, o termo “controle”, aparece como: *contrôle*. Reconheço que o termo mais condizente com a proposta seria “supervisiono”, já que ele se refere a algo radicalmente diferente da ideia de “controle” – que estaria do lado de uma fiscalização, domínio ou vigilância. De outro modo, ele nos transmite sobre o que, em toda análise, justamente escapa a uma tentativa de controle. Não compreender é inerente a toda leitura e com o que nos confrontamos em toda experiência de análise. Prefiro a tradução “supervisiono”.

<sup>40</sup> Original publicado em 1900.

<sup>41</sup> Original publicado em 1973.

<sup>42</sup> Originais publicados, respectivamente em 1972-1973 e 1973.

dizendo, “um novo leitor”, segundo designa na *Abertura desta coletânea*, em *Escritos* (LACAN, 1998, p.10)<sup>43</sup>.

Como anteriormente mencionei, na citação de Lacan, exposta no início do capítulo, o “novo leitor” a quem endereça os *Escritos* talvez possa ser dito não passivo, não resignado, e, portanto, vulnerável aos efeitos que retroagem a cada leitura e a cada desvio que se impõe e provoca o exame de outros artigos. O próprio percurso da leitura, com os impactos produzidos a cada parágrafo, a cada frase e a cada releitura, parece ser determinante para este psicanalista. Do mesmo modo, ao não visar uma leitura “única” do que um analisante nos fala, ou, ainda, ao não intencionar compreender os escritos lacanianos, algo se impõe, obriga-nos “a uma consequência em que ele [o leitor, o analista, e, também, o analisante] precise colocar algo de si” (*Ibidem*, p.11).

Elejo outro aspecto, que também não parece ser sem consequências. Lacan, no retorno aos fundamentos de Freud, dispunha somente dos livros – as obras “completas” – como material de investigação. Para reaver os princípios da fala e da linguagem, não havia outro meio que não o da leitura. Foi exclusivamente pelo submetimento aos significantes freudianos, que Lacan, do lugar de leitor, permitiu que as enunciações elementares do vienense continuassem repercutindo, procedendo a uma leitura que não as obliterava – como ele tanto denunciou –, mas as recuperava. Desse modo, ele propiciou que o texto de Freud provocasse o trabalho de outros muitos leitores (LACAN, 1998; 2003)<sup>44</sup>.

Há uma indicação de Freud (2010)<sup>45</sup> que, de tantas vezes que foi replicada, acabou por tornar-se trivial. Trata-se do que ele denomina como o tripé da formação de um analista, composto por análise, supervisão e estudo. Para caminharmos na contramão da banalidade, é crucial atentar para o que está implícito na terceira recomendação. Freud condiciona, a todo analista em formação, o trabalho da leitura. Dito isso, e ao reiterar a importância dessa indicação, relembro um dos principais argumentos que embasam a importância de minha pesquisa de tese: a psicanálise não vai sem leitura e sem um leitor que, segundo fui levada a reconhecer, entrega a sua cifra – que cede algo de si – ao que se impõe como indecifrável em um texto.

Mesmo após a morte de Freud, em 1939, e de Lacan, em 1981, seus textos permanecem sendo lidos e relidos, mantendo, assim, viva a pulsação dos enunciados. O

---

<sup>43</sup> Original publicado em 1966.

<sup>44</sup> Obras publicadas originalmente em 1953.

<sup>45</sup> Original publicado em 1919.

fato de as obras estarem para sempre abertas, suscetíveis a toda sorte de interpretações, convoca a considerar o problema da autoria. A quem pertenceria um texto, a quem escreve, ou a quem lê? Encontrei em Bekerman e Amster (1999) um desdobramento possível acerca da questão da autoria. Com o argumento de que o atributo psicanalítico de um artigo não deve ser avaliado pelo conteúdo, tampouco pelo fato de o seu escritor se dizer psicanalista, interrogo: como discernir um texto psicanalítico? O que faz com que um trabalho possa ser dito “psicanalítico”?

Ambas as questões convergem para um mesmo problema. Para me aprofundar neste, examinarei o material de autores como Roland Barthes, Maurice Blanchot e Michel Foucault, que versa sobre a prática de leitura e acerca de um lugar no qual o leitor se insere.

## **2.2 “Ato teórico”: do texto em queda à morte do autor**

Ao constatar que pouco se falava da leitura, mas muito sobre o autor, Barthes (2004)<sup>46</sup> é levado a elaborar uma “doutrina da leitura”. Ele faz duras críticas à ideia comum de que o escritor seria proprietário eterno de suas obras e à consequente proposta do leitor como um mero usufrutuário. Questiona, ainda, a suposta “autoridade” do primeiro, não corroborando a suposição de que ele saberia, previamente, os efeitos que seu texto pode vir a provocar, já que isso implicaria uma padronização do sentido, tomado como o único a ser verdadeiro.

De outro modo, Barthes privilegia a singularidade e admite as nuances, pois verifica que o texto toca a cada leitor de um jeito. Sendo o sentido jamais único, sendo ele mesmo disperso, a cada leitura se produz “um suplemento de sentido de que nem o dicionário nem a gramática podem dar conta” (*Ibidem*, p. 28). Essa proposta nos concerne, pois inclui no escopo da prática de leitura a mesma polissemia e a sobredeterminação com a qual trabalhamos em uma análise.

Ao extrair do universal da interpretação a condição de um particular, Barthes encontra, na textura textual, o que ele nomeia de “letra do texto”, ruptura que faz corte, instante em que o leitor é encharcado por uma chuva de associações. Propõe uma analogia entre a leitura e a pintura, pois reconhece em ambas um mesmo gesto, o de imprimir o traço próprio de cada um no objeto a ser (re)tratado. Sendo assim, do mesmo modo que o pintor reproduz na tela o contorno corporal de um modelo vivo, segundo as próprias

---

<sup>46</sup> Original publicado em 1970.

marcas estilísticas, todo leitor empresta ao corpo do texto a própria postura. Esse contorno, uma gestualidade que é sempre particular, determinante para que cada leitura seja única, é da ordem de uma invenção.

Abrir o texto, propor o sistema de sua leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, e muito mais radicalmente, levar a reconhecer que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica; e, ainda mais, o jogo não deve ser entendido como uma distração, mas como um trabalho – do qual, entretanto, se houvesse evaporado qualquer padecimento: ler é fazer o nosso corpo trabalhar [...] ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade chamalotada de frases (BARTHES, 2004, p. 29).<sup>47</sup>

Ao não silenciar as duplicidades de um texto, mas, ao contrário, apontar para o transbordamento semântico, Barthes (2004) nos permite testemunhar o que ocorre na retroação de um exercício quando ele recai sob si: uma leitura da leitura. Este objeto, tanto inusitado quanto contundente, é examinado por ele de acordo com quatro eixos: pertinência, recalque, desejo e sujeito.

Sobre o primeiro, nos diz que infelizmente a leitura “ainda não encontrou o seu Saussure”, ou seja, alguém cuja análise do tema tenha sido de fato revolucionária, ao ponto de engendrar uma disciplina de estudo sobre o tema – muitos autores, incluindo Lacan (2010)<sup>48</sup>, concebem a teoria saussuriana como o marco da criação da linguística. Barthes (2004) nos faz atinar com um ponto importante. No caso do verbo *ler*, ele é transitivo, o que implica não haver, para ele, um único objeto. Assim sendo, pode ser aplicado, mesmo que metaforicamente, a uma multiplicidade de complementos. Podemos ler uma imagem, ler rostos, ler uma cidade, ou, ler a fala, por exemplo. Outro ponto relevante é também elencado por ele. Embora o processo de alfabetização nos autorize a localizar um “começo” na leitura, não é possível defini-la em níveis, já que é inerente, a todo texto, a possibilidade de se abrir ao infinito. A liberdade de leitura implica, necessariamente, a escolha de também não o ler, e o desejo seria como uma linha invisível, que não pode ser vista, mas que transtorna os limites entre o legível e o ilegível. É por esse motivo que Barthes justifica a leitura como sendo produção, não de imagens, projeções ou fantasias,

---

<sup>47</sup> Original publicado em 1970.

<sup>48</sup> Original publicado em 1972-1973.

mas de um trabalho perpétuo, contínuo, incansável. Não se produz um produto, mas, com efeito, o próprio ir e vir de uma elaboração.

Comumente a leitura é tomada como uma conjugação de letras, palavras, sentidos, estruturas. Barthes (2004, p. 42) não desconsidera esse processo de decodificação, mas identifica que há nele um infinito. Ao excluir a possibilidade do sentido único, a leitura se torna sobrecodificada; não decifra, mas amontoa possíveis avanços, desdobramentos irrevogáveis, inferências sempre provisórias, que são tocadas e atravessadas por um inesgotável. Advertido de tais fatos, conclui que não pode mesmo existir uma semiologia da leitura, já que esta não se esgotaria em categorias. Desse modo, a leitura seria uma “hemorragia permanente”, lugar onde a estrutura desmorona. E, segundo sou levada a concluir, o leitor poderia ser considerado como a travessia ou, ainda, legente do trajeto dessa estrutura em queda.

Portanto, a concepção de *ler* com a qual estou trabalhando não contempla um saber prévio, não condiz com nenhuma transmissão de um *savoir faire* que se pretenda a compor um manual da “boa” leitura. Como Blanchot (2011)<sup>49</sup> mesmo menciona, em um breve ensaio intitulado pelo verbo *Ler*, trata-se de uma prática que exige mais ignorância do que conhecimento, requer um *saber-ignorante* “que não é dado de antemão, que é preciso a cada vez receber, adquirir e perder, no esquecimento de si mesmo” (*Ibidem*, p. 208).

A cada vez que um livro se exuma, que um manuscrito é retirado de sua garrafa pelas mãos de um leitor, reencontra-se com sua origem. Está condicionada a um leitor, portanto, a própria existência de um livro. De outro modo, algo que não foi lido é um texto não escrito. Para Blanchot (2011, p. 210), o livro se escreve no ato da leitura, e ele se escreve sem que ninguém o escreva. O leitor, presença sem nome, um também ninguém, faz dele um livro e um livro sem autor. O verbo fazer, aqui, não é para ser tomado no sentido de produzir, mas indicando uma operação. A leitura faz do livro um livro, “deixa ser o que é”. Ao consentir com o texto, não se faz mais do que atestar ao mesmo tempo o início e seu derradeiro fim, o de que uma obra é existência abrupta, e nada além disso.

A leitura faz do livro o que o mar e o vento fazem da obra modelada pelos homens: uma pedra mais lisa, o fragmento caído do céu, sem passado, sem futuro, sobre o qual não se indaga enquanto é visto. A

---

<sup>49</sup> Original publicado em 1955.



leitura confere ao livro a existência abrupta que a estátua “parece” reter do cinzel: esse isolamento que a furta aos olhos que a veem, essa distância altaneira, essa sabedoria órfã, que dispensa tanto o escultor quanto o olhar que gostaria de voltar a esculpi-la (BLANCHOT, 2011, p. 210).<sup>50</sup>

Ao destituir o livro de seu autor, condicionando-o a um leitor, Blanchot dissolve as rígidas fronteiras que constituiriam para ambos uma identidade, personalizando-os e fazendo deles uma história, uma religião ou uma entidade. Do mesmo modo, também impossibilita que esses lugares, leitor e autor, estejam dados de antemão, posto que a leitura é, a cada vez, única, e faz com que o livro seja tanto lido quanto jamais lido. Como um movimento que só se garante na própria vertigem que ele causa, a leitura se articula no desbravamento de uma linguagem à outra, uma marcha arriscada ou, como ele nos diz, “uma felicidade difícil” (*Ibidem*, p. 213).

Enquanto felicidade difícil, realmente, a leitura não é fácil. Não é de compreensão que se trata, senão de insistência. Situando-se tanto aquém quanto além do entendimento, ler é o que se faz com o apelo provocado pelo texto, um apelo ruidoso, que só um leitor que suporta a impermanência dos sentidos pode escutar. Todavia, também pode ele colocar a leitura em risco, caso pretenda justamente apagar a impossibilidade, a tendência ao ilimitado, através da qual o texto resiste a comunicar.

A leitura é essa operação evanescente, que coincide com o instante em que a obra se torna o que é (ou seja, não feita), mesmo instante em que seu autor se anula. No ato de ler, na iminência de esculpir o texto com o cinzel da leitura, impõe-se um perigo. Barthes se refere, aí, às atribuições de valor que são dadas a um livro, julgando-o bom, ruim, útil ou inútil. Assim sendo, aponta que a leitura seria como uma criação, mas, ao mesmo tempo, ele também afirma, que nada produz. Se o leitor decide se comportar como especialista e extrai do texto uma infinidade de sentidos conclusivos, ele ignora, não respeita o inacabado e o indeterminado de toda obra. Outro perigo é, ainda, o da adulação das palavras do autor, prática que se converte em um culto de admiração. Nesse caso, o leitor replica os termos sem neles se implicar, renunciando a fazer uma análise crítica dos conceitos, declinando do ato de imprimir o próprio gesto, a própria postura, àquele texto.

Embora o objetivo da presente tese convirja mais com o problema da leitura, também convém fazer considerações, ainda que breves, sobre a questão do autor. A

---

<sup>50</sup> Original publicado em 1955.

preocupação com o autor constitui um problema relativamente novo, herança da modernidade, segundo postula Barthes (2004)<sup>51</sup>. No âmbito da literatura, tal figura é fortemente vinculada à do personagem, como se não houvesse uma separação clara entre autor e obra; esta é alçada à posição de uma alegoria da vida do autor. Ele critica a demasiada consistência atribuída à pessoa do autor – sua história, seus gostos, suas paixões – e argumenta que, em qualquer livro, quem fala não é o autor, mas a linguagem. À vista disso, Barthes postula a escrita como um “neutro”, espaço em que se perde toda a identidade. No que um fato é contado, “a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte” (BARTHES, 2004, p. 58).

A desconstrução do autor trouxe consequências para a concepção do texto na modernidade, que acaba por se desvincular de um começo e um fim. A linguagem faz com que esses limites se tornem opacos, traçando um campo sem origem. Desse modo, o texto se torna um espaço de sobreposições e dimensões variadas, tecido de várias citações, o que impossibilita localizar a origem, o ponto inaugural, de uma ideia. Barthes (2004) chega a se referir ao escritor como copista, jamais original, cuja única criação consistiria em selecionar os fragmentos que serão repetidos, em relação aos quais serão cotejados ou contrapostos. Sucedendo o autor, o escritor não teria uma originalidade, mas disporia de um imenso dicionário do qual se serve para sua escrita, não fazendo mais que mimetizar outra já existente. Qual a consequência dessa concepção barthesiana sobre o autor?

Ao destituí-lo de uma posição de autoridade, a pretensão de uma decifração dos sentidos presentes num texto torna-se vã (LO BIANCO, 2014). Ao contrário, convém ao leitor acompanhar a sua estrutura, sua malha, sua textura, testemunhar os seus desdobramentos, advertido de que há níveis, mas não fundo. Logo, Barthes situa a escrita como um espaço em que o sentido incessantemente se produz, estando sempre a deslizar, a evaporar. A instância do texto o condiciona, portanto, a um leitor, lugar em que a dispersão de significados se reúne. Ele nos diz que “a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino” (BARTHES, 2004, p. 64). A unidade se compõe a cada vez que encontra com um legente. É possível considerar, portanto, que a derrocada do autor como aquele que teria a chave de leitura do texto promove a ascensão do lugar de leitor.

---

<sup>51</sup> Original publicado em 1968.

Um ano após Barthes redigir esse artigo, Foucault (1994)<sup>52</sup> faz uma conferência a uma plateia composta por importantes intelectuais da época, dentre os quais estava Lacan, versando exatamente sobre o mesmo tema. O título da conferência, ao mesmo tempo em que anuncia o trabalho, também endereça uma pergunta: *O que é um autor?*

Foucault atesta e confirma o desaparecimento do autor, ao tomar a escrita como o espaço em que o sujeito está sempre a desaparecer e ao evidenciar a estreita proximidade entre ela e a morte. À guisa de exemplo, menciona a narrativa contida em *As mil e uma noites* cuja motivação era a de não deixar o autor morrer: falava-se para adiar a morte. Todavia, ele também argumenta que as teorias em torno da morte do autor ignoram alguns pontos cruciais. O primeiro refere-se à noção de obra. Foucault identifica um problema tanto técnico quanto teórico: “Será que se poderia dizer que o que ele [o autor] escreveu, ou disse, o que ele deixou em seus papéis, o que se pode relatar de suas exposições, poderia ser chamado de ‘obra’?” (FOUCAULT, 1994, p. 269). Um pedaço de papel em que se encontra um rabisco, isso é para ser absorvido no escopo do nome “obra”? Ele também interroga até que ponto o editor deve publicar todos os escritos póstumos de um autor, ou seja, até onde ir com as publicações? Com tais questões, atinamos a precariedade da noção de autor e a pretensão, equivocada, de que haveria uma completude em relação à obra, tal como o termo sugere.

O segundo ponto interpelado por Foucault (1994) refere-se ao estatuto conceitual comumente dado à escrita, que não contempla o ato de escrever e que suprime os traços da marca estilística do autor. Portanto, não é suficiente repetir que o autor esteja morto, mas convém localizar e considerar esse espaço que se tornou vazio pelo seu desaparecimento. Que dificuldades decorrem disso?

O nome de um autor, quando evocado para justificar uma ideia ou mesmo para compor um certo raciocínio, é diferente de um nome próprio. No primeiro caso, ele é empregado para marcar uma dada posição discursiva e traz, consigo, um certo arcabouço conceitual. Por exemplo, se citamos o nome de Lacan em uma discussão entre leigos, não psicanalistas, mesmo eles saberão que seu “campo semântico” se compõe por noções como inconsciente, psicanálise, tratamento etc. Ademais, evocar o nome de um autor implica situá-lo em relação a outros que trataram sobre um mesmo tema. Portanto, o uso de seu

---

<sup>52</sup> Original publicado em 1969.

nome sempre aponta para uma certa tendência discursiva, ele não é apenas um elemento, mas imprime uma determinada posição em relação ao discurso. Foucault conclui que o status do autor não está em sua obra, mas na ruptura que ela instaura, no giro discursivo que ela produz. A sua função estaria atrelada ao modo de existência, “de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1994 p. 274).

Mas me parece que se viu aparecer, durante o século XIX, na Europa, tipos de autores bastante singulares e que não poderiam ser confundidos nem com os "grandes" autores literários, nem com os autores de textos religiosos canônicos, nem com os fundadores das ciências. Vamos chamá-los, de uma maneira um pouco arbitrária, de "fundadores de discursividade". Esses autores têm de particular o fato de que eles não são somente os autores de suas obras, de seus livros. Eles produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. (*Ibidem*, p. 280).<sup>53</sup>

Foucault aponta, por exemplo, que Freud e Karl Marx não são simplesmente autores, pois reconhece que ambos fundaram uma discursividade. Eles não apenas possibilitaram que fossem desenvolvidas, a partir de suas hipóteses, teorias análogas, como também provocaram vertentes contrapostas às suas, que os têm justamente como baliza.

Como dizer, no âmbito de nossa cultura, o que seria a função-autor? Foucault nos lembra que a questão da autoria de um texto assumiu importância no mesmo ponto em que o seu autor se tornou passível de ser punido, na medida em que emitir uma ideia poderia equivaler a uma transgressão. No fim do século XVIII, concomitantemente à instauração de um regimento para a edição dos textos e para os direitos do autor, o ato de escrever passou a assumir, cada vez mais, um imperativo da literatura. Se outrora o anonimato não traria em si nenhum problema, no século XVII há uma mudança. A qualidade ou o rigor de um texto passou a ser também mensurado pelos autores que foram utilizados, a veracidade se garantiria na citação de um autor – “Hipócrates disse”, “Aristóteles conta”. Instaurou-se um *modus operandi* em que o nome se torna representante, índice de um conjunto de elementos, uma via de imprimir credibilidade às ideias desenvolvidas em um texto. Nesse ponto, me pergunto se essa não seria também uma desresponsabilização, uma recusa em assumir os riscos inerentes a toda tomada de

---

<sup>53</sup> Original publicado em 1969.

posição diante de um texto. Essa discussão permite agora proceder uma nova volta em relação ao “novo leitor”, este destinatário impresso nas cartas de Lacan (1998)<sup>54</sup>.

Retornar a letra de Freud à sua destinação, foi isso o que Lacan fez. Discernindo uma certa baliza para o método de retorno a um autor, Foucault (1994) aponta que se trata de fazer retornar ao texto a sua nudez. Nessa perspectiva, não seria coerente afirmar que tudo estaria lá, em Freud, e que Lacan apenas revisitou o seu texto, repetiu as suas palavras. Munido da leitura, sustentado pelo princípio investigativo que ela impõe, considero que Lacan pôde recortar e identificar as lacunas, a nudez do texto freudiano, procedendo a um reexame que retroagiu sobre a própria discursividade, outrora instaurada por Freud, trazendo consequências para o próprio discurso psicanalítico.

Relembro, pontualmente, algumas das propostas descritas em Barthes e Blanchot. Ambos situam a prática de ler como trabalho infindável, começo e derradeiro fim de qualquer texto cuja existência se condiciona, portanto, à presença de um leitor. Em Barthes (2004)<sup>55</sup>, a leitura se define como produção, não de um produto, mas do próprio exercício de ir e vir provocado pelo apelo do texto. Em Blanchot (2011)<sup>56</sup> há ênfase no ato de criação do leitor, que, curiosamente, cria coisa alguma. Extraio de ambos um ponto comum. Surpreende-me que os dois autores tomem a leitura como produção, mas produção de coisa alguma. Para renovar essa discussão, desta vez introduzindo Lacan (1998)<sup>57</sup>, reencontro o “novo leitor”, este que, ao depor suas armas diante do texto, é levado a uma consequência na qual precise colocar algo de si. Essa “coisa alguma” de que nos falamos os dois autores, não seria esse quinhão, sem o qual nenhum leitor adentraria os *Escritos*? A partir da aniquilação da consistência do autor, proponho a hipótese de que esse “novo leitor”, ao se implicar nos significantes do texto e examiná-los segundo a própria cifra, procede um “ato teórico”, imprimindo a sua originalidade, indo na contramão daquele estilo de escrita citado por Foucault, em que o nome do autor é evocado para eximir-se de uma responsabilidade pela ideia desenvolvida. Ao se abster de ocupar a suposta autoridade do autor, Lacan nos convoca a fazer o mesmo. Ele pede que suas palavras retornem ao destino que lhes cabem: a destinação.

---

<sup>54</sup> Seminário realizado por Lacan em 1966.

<sup>55</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1968, 1970 e 1976.

<sup>56</sup> Original publicado em 1955.

<sup>57</sup> Seminário realizado por Lacan em 1966.

Lo Bianco e Costa-Moura (2013, p.253) formalizam um duplo modo de se relacionar com o texto, neste caso, o psicanalítico. Um primeiro almejava a apreensão do objeto, esperando que um texto fale a verdade sobre o verdadeiro, contraposto a uma segunda forma, assim conflitante, posto que está advertida de “que à verdade falta saber”.

A dimensão do equívoco está no cerne da fundação da psicanálise. Freud se apropriou das falhas nos discursos das analisantes, bem como dos próprios deslizes, como material de investigação. Em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 2006)<sup>58</sup>, por exemplo, expõe situações vivenciadas por ele, que, se inicialmente pareciam mero erro de cunho léxico, posteriormente, foram identificadas como formações do inconsciente. A propósito dessa passagem, Lo Bianco e Costa-Moura (2013) nos lembram do famigerado autorrelato feito em torno de *Signorelli*.

Em uma conversa com um amigo, Freud (2006)<sup>59</sup> se vê constrangido diante de um esquecimento. Seus esforços para lembrar do nome do pintor do afresco na Catedral de Orvieto foram todos em vão. Em vez de recordar a palavra dita correta – *Signorelli* –, ocorrem-lhe outros substitutos: *Boltraffio* e *Boticelli*. Tais associações eram prontamente acusadas como errôneas, mas, ainda assim, curiosamente, impunham-se insistentemente nos pensamentos.

Freud examina as implicações de cada substituto, procedendo uma decomposição do nome ali retido, e as formaliza em um esquema: *Signorelli* → Signor – Herr – Elli. Ao cotejar esse vocábulo esquecido com os outros que se impuseram, Freud surpreende, lendo nos fragmentos decompostos de *Signorelli*, o elemento ali recalcado, a morte e a sexualidade.

Isso posto, lembremos da concepção de uma leitura que, ao mesmo tempo que se define como uma produção, como dissemos, produz coisa alguma. Os significantes demasiadamente incômodos e sem sentido, *Boltraffio* e *Boticelli*, levam Freud a proceder uma leitura do nome ali retido e, nesse intervalo “é novo ver surgir outra significação que não estava apenas na palavra estranha e sim no jogo que se formou entre esta e a palavra familiar” (LO BIANCO e COSTA-MOURA, 2013, p. 257).

O sujeito designado em uma frase não é nada além de um marcador, um indicativo, estando sempre condicionado e apenso a uma tomada de posição ética. É por

---

<sup>58</sup> Original publicado em 1901.

<sup>59</sup> Original publicado em 1901.

meio do que Lacan (1998)<sup>60</sup> nomeia como ato, que se passa de uma suposição a uma antecipação, da impotência à verdade. Como vimos, o nome *Signorelli* está lá como atividade, mas apagado. Apenso à falha na troca de nomes, sustentado por sua posição ética, Freud extrai, da produção do enigma de “coisa alguma”, evocado em Boltraffio e Boticcelli, um ato falho.

Em função disso, Lo Bianco e Costa-Mora (2013) propõem, em homologia ao ato analítico, a existência de um ato teórico, que seria a decisão conceitual ou a tomada de posição de um leitor frente aos significantes de um texto. No retorno dessa leitura, será novo ver surgir um “novo leitor” (LACAN, 2008)<sup>61</sup>. Embora não circunscrito ao âmbito de uma análise, o ato teórico não deixa de ter o mesmo caráter transgressivo, imprevisível, posto que não é garantido por nenhum saber prévio.

Nesse ponto, podemos retomar e avançar em relação à interrogação anteriormente proposta: o que tornaria um texto psicanalítico, senão o conteúdo ou o autor? Considerei que o atributo “psicanalítico” poderia surgir como efeito de um ato teórico, na medida em que um leitor se implica nos significantes do texto, imprimindo neles a sua tomada de posição, a sua postura, o seu gesto, o seu cinzel. E, ainda, ao proceder a uma leitura que faça emergir a sua marca. Diante do texto em queda cuja leitura só faz atestar o traçado de seu desmoronamento, o leitor é “levado a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” (LACAN, 1998, p. 10)<sup>62</sup>. Não seria essa a “destinação” visada por Lacan, em oposição ao destino de uma “palavra final”, tal como consta na epígrafe deste capítulo?

### 2.3 Destinos da carta/letra: destinatário, destinação e o “voo da leitura”

De Lacan leitor de Freud e do texto psicanalítico, encaminho-me à tomada de posição de Lacan frente a um texto literário de Edgard Allan Poe (2003)<sup>63</sup>. Em *O seminário sobre “A carta roubada”*<sup>64</sup>, ele procede a uma análise surpreendente de um conto do escritor, *The purloined letter*. Nos demoraremos no exame dessa leitura, ainda neste tópico,

<sup>60</sup> Original publicado em 1967.

<sup>61</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

<sup>62</sup> Seminário realizado por Lacan em 1966.

<sup>63</sup> Original publicado em 1844.

<sup>64</sup> O escrito em questão começa a ser “ditado” em duas lições do Seminário 2, especificamente a de 30 de março e a de 26 de abril de 1955. Segundo nos contam Bekerman e Amster (1999), menos de um mês depois desta última, Lacan começa a redigir o texto, mas a data da publicação não seria tão imediata e ocorre um ano depois, na revista *La psychanalyse*.

mas, antes, impõe-se como necessário apresentar a história do conto, para que possamos, em seguida, explorar as passagens que foram privilegiadas por ele (LACAN, 1998)<sup>65</sup>.

A história se desenvolve em torno de um roubo tão simples quanto intrigante. O criminoso, o Ministro, não está oculto, ele é revelado ao leitor desde o início da narrativa. Também não é desconhecido pela vítima, no caso, a Rainha, a quem a carta havia sido endereçada. Ela presencia o instante em que o larápio age. Esse é um ponto importante, pois, ao mesmo tempo em que tudo parece estar às claras, é nessa exibição que algo se esconde.

A cena do crime ocorre no gabinete real, e nela estão o Ministro, a Rainha e uma assembleia. O roubo pode ser descrito pelo trajeto de um olhar: a mulher recebe a carta, fica claramente embaraçada diante do conteúdo e sua reação não passa despercebida pelo Ministro. Ao se ver flagrada, se ver sendo vista, ela rapidamente transfere o objeto para uma mesa, resguardando o sobrescrito daqueles olhos de lince que a deixaram constrangida.

Contudo, ela não contava com a perspicácia do Ministro. Ele saca do bolso um envelope similar ao da missiva, finge ler, aproxima-se da mesa e, finalmente, coloca o simulacro lado a lado do original. No instante em que ensaia a sua saída do recinto, o personagem agilmente se apossa do tal envelope agalmático, deixando em seu lugar aquele envelope disfarçado. Embora seus movimentos não tenham sido percebidos pela assembleia, não escaparam ao olhar da Rainha, que sabe ser ele quem agora detém aquela carta.

A significativa cifra prometida como recompensa para quem a recuperasse, nos informa o preço que tem para a Rainha. Caso o conteúdo viesse a público, custaria a sua honra. A questão é que o documento dá a quem o possui um certo poder. O infrator, o ousado Ministro, um mero tolo aos olhos do delegado responsável pelo caso, usa esse “poder” para manipular a vítima, beneficia-se do uso da carta para fins políticos. Um ponto importante: é a posse de tal objeto que confere o seu valor, e não o seu uso. No mesmo instante da divulgação, o valor seria anulado.

Em dado momento da história, o delegado desabafa sobre os augúrios desse caso com Dupin, personagem descrito no livro como um poeta, não inteiramente tolo. Ele lhe conta que uma busca atenta e extremamente minuciosa já havia sido feita, sem sucesso,

---

<sup>65</sup> Seminário realizado por Lacan em 1955.



no escritório do Ministro. Incrédulo, confessa que nem a mais minuciosa investigação conseguiu desvendar o esconderijo da carta. Dupin, por sua vez, intrigado com a sofisticação tanto do crime quanto do artifício usado para escondê-lo, intui que só haveria uma saída para solucionar o enigma: para manter a carta oculta, o infrator provavelmente a mantinha descoberta.

Sensível à própria intuição, advertido da sagacidade do Ministro, Dupin decide visitá-lo em seu apartamento. Como parte do traje, ele usa um item importante: óculos escuros. Afinal, queria examinar o recinto com todo o cuidado possível, a despeito do olhar de lince do Ministro, sem ser flagrado. Ao mesmo tempo em que fingia interesse pelo diálogo ele perscrutava o espaço, quando, de repente, flagra o que aparentava ser uma carta. Ela estava suja, manchada e rasgada e parecia ser um papel qualquer, sem valor algum, prestes a ir para o lixo. Mas Dupin, não inteiramente tolo, não se tapeia. Ele encontra nisso uma confirmação para o que antes havia intuído. Aquele pedaço de papel, disponível para quem quisesse ver, era também o que ocultava dos olhares a sua origem: era a carta da Rainha.

Nesse ponto, uma reviravolta. Uma nova volta em torno da volta anteriormente feita, operada pelo Ministro, em relação à Rainha. O larápio se torna, agora, vítima do crime que cometeu. Dupin se vale do mesmo artifício do criminoso para usurpar a carta, substituindo aquele papel rasgado por outro simulacro, preparado previamente, que mimetizava a aparência de seu envelope. Em seguida, se despede, como é comum após um encontro fortuito. Mártir da própria volta, o Ministro segue acreditando que ainda detém a tal missiva.

Lacan (1998)<sup>66</sup>, leitor de Poe, extrai do conto uma “cena primária”, a do crime, pois verifica nela um mesmo elemento que se repete a cada desdobramento da história. Essa repetição se sustenta em três tempos lógicos, delimitando lugares que são ocupados e nos quais uma decisão se antecipa. Na cena do roubo, o que precipita o rapto se dá no instante de um olhar. Um olhar que nada vê, o do Rei, que desconhece a infâmia da Rainha, e, também, o da polícia, que é tapeada pela suposta tolice do Ministro. O segundo tempo, no qual identificamos que há uma nova volta, é marcado por um olhar que atesta que o primeiro nada vê, e percebe o que ele oculta, caso da Rainha e do Ministro. No terceiro tempo, temos um olhar que testemunha aquilo que os outros dão a ver, a saber, que a carta

---

<sup>66</sup> Seminário realizado por Lacan em 1956.

se esconde ao se mostrar. Trata-se do Ministro e, por fim, Dupin. Se ele, um poeta não inteiramente tolo, é o único a solucionar o enigma sobre o esconderijo, é ao não pautar sua busca por uma cadeia prévia de sentido, isto é, o modo como a Rainha descreveu a carta.

Lacan, também leitor desse circuito que se desenha a cada nova volta e que circunscreve um núcleo que se repete e não cede, verifica a incidência de uma lei (um automatismo de repetição) que determina o seu desenrolar, fixando um modo único de tapeação. A cada vez, os personagens tanto usam, quanto padecem, do mesmo artifício que outrora usaram para camuflar a carta, escondendo-a ao mesmo tempo em que a mantêm visível.

Encontramos no escrito uma passagem que, curiosamente, foi escondida por Lacan em uma nota de pé de página, do mesmo modo que a carta. Todavia, se não somos tapeados, sabemos que nesse esconderijo está também o seu valor. Está reproduzida, abaixo, revelando o que nela encontro de importante, ao leitor que agora lê. Nessa nota, ele faz uma análise etimológica da palavra *despistar*, em francês, *dépister*.

É necessário aqui chamar a atenção do leitor para os dois significados da palavra *dépister*: seu emprego mais usual e atual é com o significado de descobrir alguém ou algo seguindo sua pista; e o mais antigo já em desuso na França é seu exato oposto, *despistar*. (LACAN, 1998, p. 24).<sup>67</sup>

Despistar seria tanto dissimular quanto descobrir “alguém ou algo seguindo sua pista” (*Ibidem*, p.24). Ao colocar essa passagem como nota de rodapé, não estaria Lacan tentando nos despistar de sua exegese do termo – despistar? Contudo, se não somos inteiramente tolos, logo nos apercebemos de que talvez esse seja mesmo o seu modo de mantê-la não oculta, e, portanto, de destacá-la ao leitor.<sup>68</sup>

A cada novo voo, a cada nova apresentação, seja rasgada, amassada ou selada por uma cursiva feminina, nota-se que o mesmo artifício que despista, também dá pistas. O vocábulo em francês para “selo” é *cachet*, para “esconder”, *cache*, e para os verbos “lacrar” e “selar”, *cacheter*. Assim, Lacan demonstra que o que se se dá a ver, no mesmo golpe, sela e esconde. Como apontei anteriormente, o título do conto policial na língua de origem é *The purloined letter*. Sobre a etimologia do verbo designado por Poe, *pur-loigner*,

<sup>67</sup> Seminário realizado por Lacan em 1956.

<sup>68</sup> A frase presente no corpo do texto para a qual ele acrescenta esta nota é: “Descubramos, pois, sua pista onde ela nos despista” (LACAN, 2003, p. 24). Diferente do que Lacan fez, despisto-a aqui em nota de rodapé, mas sem ocultar do leitor os seus rastros.

Lacan destaca uma associação à antiga palavra francesa *loigner*, que, por sua vez, remete-o à expressão *au loin*, que quer dizer, *ao longo de*. Nesse sentido, também indica *pôr de lado*, ou, *mettre à gauche* em francês, podendo também designar *reservar disfarçadamente* ou *dissimular* a carta (*Ibidem*, p. 33).

O *desvio* que Lacan brevemente faz, ao proceder a uma análise etimológica de alguns termos do texto, ratifica, outra vez, ao que Poe nos conduz, pois nos confronta com a própria especificidade *desviada* (despistada) da carta, *la lettre en souffrance*.<sup>69</sup> À vista disso, ele nos diz que a carta é o sujeito do conto, e “é por poder sofrer um desvio que ela tem um trajeto *que lhe é próprio*” (LACAN, 1998, p. 33, grifo do autor). É por esse trajeto que Lacan fica siderado.

Se, como vimos com Blanchot e Barthes, o livro se escreve no ato da leitura, é nesse espaço em que o texto desmorona que Lacan procede a *sua* leitura. Lacan não se ocupa dos personagens, não propõe uma análise deles pelo viés da compreensão ou da exaustão do sentido, tomando-os como casos clínicos, tal como Marie Bonaparte, por exemplo, fez. De outro modo, interessa-se pela rota que vai sendo desenhada pela carta, desde o instante em que é recebida pela Rainha e a cada desvio que *sofre*. O que o captura é o trajeto de sua queda.<sup>70</sup> Ele lê o modo como cada personagem se reveza a partir desse lance de dados da cena primária, atento também aos seus deslocamentos e, especialmente, aos efeitos que *sofrem* a cada nova volta, a cada voo da carta.<sup>71</sup> Assim, apercebe-se de que cada um dos personagens que provisoriamente a detêm padecem de uma feminização, pois reiteram o lugar da Rainha: um olhar que vê que o primeiro nada vê e vê encoberto o que ele oculta.

---

<sup>69</sup> Lacan usa a expressão *la lettre en souffrance* para se referir a uma carta que não chega ao destinatário. De acordo com o *Dictionnaire des Expressions et Locutions* (REY e CHANTREAU, 2003), tal expressão indica algo que está em espera, em suspenso ou que ainda não foi concluído. O termo *souffrance* tem o sentido antigo de atraso, *delay*, espera.

<sup>70</sup> Neste ponto, já começamos antever o trajeto da queda, a mesma que será objeto do interesse de Lacan em *Lituraterra*. Ao voar por um trajeto inédito, por cima da Planície Siberiana, entre as nuvens, ele avista o litoral que separa dois campos heterogêneos, não recíprocos, e reencontra com a *lettre* soletrada em 1956, a propósito da carta-letra de Poe. Esse novo desvio, essa nova volta, permitirá que forje uma concepção singular para a letra. Destaco, ao leitor, algumas das palavras que nos acompanharão neste percurso, até retomarmos esse tema, no terceiro capítulo: voo, trajeto, queda.

<sup>71</sup> Lembro que o título do conto de Poe na edição francesa é *Vôl de la lettre*, o que também abre para a possibilidade de que seja traduzido como “O voo da carta”.

Sobre o conto e a conta da leitura de Lacan, depreendemos que o importante não é a mensagem contida na carta, que ela chegue ao destino ou mesmo que seja lida. De outro modo, os impactos produzidos a cada volta são importantes – e nos interessam.<sup>72</sup>

Neste ponto, é possível retomar o texto da *Abertura de Escritos*, que já tive oportunidade de abordar, incitada pela expressão “novo leitor” que dali foi recolhida. Com o percurso que fizemos em torno da carta, é possível, finalmente, adentrar no endereçamento a esse “novo”. Lacan (1998) nos faz uma advertência que ressoa, também, como um convite. Repito: “Cabe a esse leitor devolver à carta/letra em questão, para além daqueles que um dia foram seus endereçados, aquilo mesmo que ele nela encontrará como palavra final: sua destinação” (LACAN, 1998, p. 10).

Leio, ali, um apelo. Com esse novo leitor, Lacan me faz considerar uma diferença sutil, porém crucial. Trata-se da dessemelhança entre destino e destinação. A palavra final da *lettre* não se esgota na mensagem, tampouco é a do remetente ou a do destinatário, mas a da sua destinação.

A destinação visa não o endereço, mas o percurso, o trajeto e mesmo os desvios – a leitura como “felicidade difícil” do desmoronamento do texto, como define Blanchot (2011). A referência que Lacan faz, em 1966, nesse outro escrito, ao conto de Poe, é tão explícita quanto a sua carta. Contudo, é também aí que ela se oculta. Nessa franja do que não é claro, do que é opaco e resiste a uma elucidação – onde foi parar a carta?, perguntam-se os personagens do conto –, um inevitável se impõe, e obriga o leitor “a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” (LACAN, 1998, p. 11).

Poe nos mostra, e Lacan o repete, que a *lettre* faz peripécias a despeito de seu conteúdo. Este trabalho fornece material para problematizar a questão sobre o destino da psicanálise. O modo de leitura que convém adotar em nossa formação de analistas, implica

---

<sup>72</sup> É importante salientar que as cartas de outro escritor literário também foram objeto do interesse de Lacan (1958/1998). Em *Juventude de Gide ou a letra e o desejo*, o psicanalista examina a obra de André Gide, especialmente interrogando sobre o lugar que ocupam as cartas endereçadas à sua amada, Madeleine Rondeaux, sua prima que, posteriormente, tornou-se sua esposa. Ao descobrir que Gide nutria sentimentos por um de seus amantes – de quem ela sabia, mas não poderia prever, quicá conceber tal envolvimento emocional –, Madeleine queima todas as correspondências que recebeu de Gide, destruindo longos anos de um trabalho de escrita. Segundo Lacan é levado a reconhecer, a partir do relato desse episódio por Jean Delay – um dos biógrafos de Gide –, que as cartas eram como um desdobramento de Gide, desempenhando para ele a função de objeto fetiche. Nesse sentido, conclui que a carta/letra assume o lugar de onde o desejo de Gide se retirou, o que justifica o seu dilaceramento com a perda. De acordo com a análise de Souza (2004), escrever lhe era vital, assumia a função de um recurso contra uma dissolução. Madeleine foi, por longo tempo, o silêncio receptivo que permitia reiteração do endereçamento, sem abalar a posição subjetiva inicial. Na medida em que todas as suas cartas foram queimadas, ele foi desalojado da posição anterior, deixando vazio aquele lugar.

a destinação, uma leitura à letra, que não se interessa pelo que uma mensagem supostamente comunicaria, que não tem compromisso com a compreensão/revelação do sentido final de um texto.

Estou ali, como autor, menos implicado do que se imagina, e meus *Escritos* são um título mais irônico do que se supõe, já que se trata seja de relatórios, função de congressos, seja, digamos, de “cartas abertas” em que faço um apanhado de uma parte de meu ensino (LACAN, 2003, p. 16).<sup>73</sup>

No trecho acima, encontro um comentário de Lacan (2003) a respeito de *Escritos*, emitido cinco anos após a data de publicação (que ocorreu em 1966). Não deixei de notar que, *a posteriori*, ele toma este livro como as suas “cartas”, reiterando, de certo modo, o pedido encaminhado a seu leitor, para que tome as suas palavras não como um destino, mas que se possa tomá-las por sua destinação. Ele parece se referir a um modo de leitura que nos provoque, que tenha um destino que não cesse. Lacan deseja que suas cartas sejam o fio condutor para outras leituras e discussões, que sejam termináveis e também intermináveis e que, finalmente, relancem-nos a um trabalho permanente.

Retomo a palavra de Freud (2010)<sup>74</sup> sobre o tripé da formação de um analista – estudo, supervisão e análise. O termo “estudo” não condiz com apreensão, com aprendizagem. Como Bekerman e Amster (1999) mesmo pontuam, trata-se de formação, e não de informação. Se tomamos Lacan e Freud como fontes de informação, supomos, equivocadamente, que o conteúdo contido nessas fontes podem ser acessados, sem perdas, por aquele que o assimila, neste caso, um aluno. Desse modo, haveria um fim, um término, um destino que cessa. Um diploma ou certificado, talvez, validaria ou garantiria que todo o programa foi absorvido.

Todavia, acrescentam Bekerman e Amster, a psicanálise se transmite no que se passa mais além dos enunciados, mais além da informação, nisso que “nos despista”, no duplo sentido do termo. Ou, como pontua Colucci (2006, p. 10), é nesse fracasso, no que cessa de funcionar “como óbvia transparência, que se revela que algo não cessa, ao contrário, insiste.” O programa de Lacan não se pretende mesmo a uma simplicidade. Lembremo-nos daquelas palavras, de 1973, que já foram citadas aqui: a dificuldade de seu ensino não é de se tomar por acidente – tem uma destinação. Trabalhamos com um modo

<sup>73</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

<sup>74</sup> Original publicado em 1919.

de transmissão, portanto, que não opera sem uma contrapartida, ou seja, não é sem um leitor. E, no âmbito da destinação, uma carta sempre chega a seu destino, porque nunca deixa de impactar aquele que tem a audácia de ocupar esse lugar-leitor.

Lacan frustrou neste ponto a posição do autor como aquele que sabe o que diz, de tal modo que perdura uma dimensão de suposição, um lugar de verdade – para fazer referência a seu discurso – que haja precisamente esse saber suposto, e não o autor idêntico a si mesmo (MILLER, 2011, p.27).<sup>75</sup>

Mais uma volta ao texto-comentário de Lacan (1998)<sup>76</sup>, *O seminário sobre “A carta roubada”*, impõe-se, mas sem perdermos o fio de nossa elaboração sobre a destinação. É realmente curioso que depois do ponto final que supostamente encerraria o texto, há um corte, que o faz reabrir. Na página seguinte de seu “término”, um interminável se relança, e encontramos outro subtítulo – nomeado *Apresentação da sequência*. Em um mesmo golpe, na medida em que nos defrontamos com o não fim, também se revela uma nova dobra no texto, uma “sequência”, da qual esse outro tópico será apenas a apresentação. Aqueles que, nesse momento, ainda insistem na leitura, descubram que a parte terminal do texto é intitulada de *Introdução*. O que de fato ela introduz, já que se localiza quarenta páginas depois do início do texto?

Ao eliminar as fronteiras entre um começo e um fim, Lacan faz com que o início fique condicionado ao “ato teórico” do leitor. O texto começa em qual página? E em qual se encerra? Podemos, ainda, considerar que *O seminário sobre “A carta Roubada”* é mesmo um apólogo do trajeto *en souffrance* da instância da letra, rota que só se interrompe, suspende-se e encontra um litoral para o precipício de seu trajeto em queda, mediante um início que, para se forjar, obriga o leitor a entregar algo de si.

Lacan também nos tapeia na leitura, pois, quando acreditamos chegar ao fim desse difícil ensaio, logo nos apercebemos de que fomos enganados e de que haverá outras tantas páginas para enfrentar. Bekerman e Amster (1999) observam, inclusive, que muitos desconsideram ou até não sabem da existência dessa parte nomeada como *Introdução*, que acaba por assumir uma posição marginal, secundária. Desse modo, não há leitura suficiente para captar as destinações do texto, mesmo que seja levada à exaustão, obstinada por uma

---

<sup>75</sup> Original publicado em 1984.

<sup>76</sup> Original publicado em 1956.

decifração. Lacan nos ensina ser necessário averiguar os efeitos provocados pelo *voo da leitura*.

Segundo Lacan também nos transmite, acerca do pretense “senso comum”, até há “senso”, mas o comum não existe, já que cada um vai interpretar entrando com o seu sentido. Em função disso, ele se esforça para não entregar nada esmiuçado, “para que vocês tenham que entrar com o seu, o que é uma secreção saudável e até terapêutica.” Em seguida, nos faz uma recomendação: “Segreguem o sentido com vigor, e vocês verão como a vida se torna mais cômoda” (LACAN, 2001, p. 85)<sup>77</sup>.

Surpresa, admito que fui tapeada por Lacan, do mesmo modo como cada um dos personagens do conto de Poe foram também tapeados, vítimas dos próprios artifícios que usaram para esconder a cartas. Nós, leitores, acreditamos ler o escrito lacaniano quando, de fato, somos lidos, acometidos pelas armadilhas do padrão de organização de um texto. Todavia, segundo Lacan pontua, é “ao ler mal que todavia lemos bem” (LACAN, 1998, p. 774)<sup>78</sup>. O estatuto de um “novo leitor” talvez implique não ficar inteiro, e, também, o efeito de surpresa por não ficar incólume aos destinos de um texto. Uma leitura que segregue o sentido, e na qual o novo leitor entre dando a sua interpretação.

#### **2.4 Um “leitor favorito”: cartas entre Freud e Fliess**

No âmbito da destinação, não podemos desconsiderar as preciosas cartas trocadas entre Freud e o seu dito “leitor preferido”, Wilhelm Fliess. Diante de um cenário intelectual demasiadamente resistente às suas ideias, essa relação tanto profissional quanto amistosa foi crucial para que conseguisse suportar, além das críticas, as dificuldades e frustrações de um médico em início de carreira.

Masson (1986)<sup>79</sup> – editor que reuniu em um livro as exatas duzentas e setenta e duas correspondências que tiveram a publicação concedida pela herdeira, Anna Freud – argumenta que biografia alguma de Freud teria fornecido um material tão fidedigno aos

---

<sup>77</sup> Original publicado em 1972.

<sup>78</sup> Original publicado em 1958.

<sup>79</sup> Em 1976, Jeffrey Masson procurou Anna Freud para requisitar-lhe o restante das cartas não publicadas, sob a justificativa de que reuniriam um material valiosíssimo para os psicanalistas. Como resultado, sua edição traz cento e trinta e três correspondências inéditas, que foram escritas por Freud para Fliess, e mais algumas partes que foram ocultadas das edições anteriores. Jamais saberemos, no entanto, se não houve outras que se perderam, foram desviadas. A ideia de “completude” no título “Correspondências *completas* entre Freud e Fliess” soa um tanto audaciosa.

primeiros anos de sua prática quanto esse material destinado a Fliess. Compreendidos entre 1887 e 1905, esses documentos realmente nos permitem testemunhar os bastidores da elaboração de alguns artigos que posteriormente fizeram a fama de seu nome e cuja importância seria sem precedentes para o problema das patologias psíquicas.

Antes de adentrarmos as questões mais técnicas sobre as cartas, convém fazer um parêntese, não tão breve, sobre a intensa ligação entre os dois correspondentes. Desse modo, espero construir como que um cenário que permita, a quem me lê, acompanhar o contexto do que se segue.

Fliess, também médico, se dedicava à especialidade da otorrinolaringologia, em Berlim, sua cidade natal. Conduzia pesquisas que se interessavam pela possível relação entre as afecções nasais e os sintomas emocionais-psicológicos. Ele chega a Viena em 1887 e, seguindo o conselho dado por Joseph Breuer, passa a frequentar as aulas de Freud sobre neurologia e neuropatologia. Poucos meses depois do retorno do aluno à cidade natal, Freud lhe escreve, demonstrando um grande interesse por manter o contato. Nessa primeira correspondência, datada de 24 de novembro de 1887, já podemos vislumbrar como que o cerne do que tornaríamos a reencontrar nas cartas subsequentes. Nela, o psicanalista lhe endereça informações sobre um caso que acompanhava, suas impressões, e termina dando-lhe notícias de sua vida pessoal. Seus conteúdos eram entremeados com passagens de sua prática clínica, seus sucessos e insucessos e confissões, por vezes, bastante íntimas.

Através da escrita a seu leitor preferido, ele lhe relatou aspectos do próprio cotidiano familiar, as minúcias do nascimento e da infância de cada um dos seis filhos e, até mesmo, compartilhou algumas das poesias escritas por um deles, quando pequeno, Martin Freud. Também temos acesso a momentos difíceis de sua vida, como no caso da perda do pai, acometido de um câncer. Constatamos, ainda, as intempéries de suas tentativas de interromper o vício do charuto – seguindo a recomendação explícita de Fliess –, seus temores em adoecer, o relato de sintomas corporais de cunho psicossomático, as lamúrias dos dias que caracterizava como entediantes pelo escasso número de pacientes na agenda, bem como as dificuldades financeiras em função disso.

Ao ler as cartas, acompanho, pouco a pouco, a tessitura de uma amizade afetuosa. No decorrer das confissões de suas “pilhérias tolas”, como Freud (1986, p. 30)<sup>80</sup> mesmo as caracterizava, averiguo a passagem de um linguajar polido para um tipo de

---

<sup>80</sup> Original publicado em 1892.



abordagem cada vez mais carinhoso. Em dado momento, ele passa a assinar como “Seu, Freud” na despedida das cartas. Freud ansiava pelos momentos em que ele e Fliess poderiam se encontrar pessoalmente e conversar não apenas sobre seu estado emocional, mas também sobre os últimos avanços teóricos que havia feito. Também lhe enviava relatos dos sonhos, tanto seus, quanto de seus pacientes. Lamentava a distância geográfica entre os dois e usavam o espaço das correspondências para também combinarem de se encontrar, o que geralmente ocorria nas férias ou durante algum congresso. A limitação da presença física de Fliess, no entanto, não foi um fator limitante da influência que teve para Freud.

Que acharia você de dez dias em Roma, na Páscoa (nós dois, é claro), se tudo correr bem, se eu puder arcar com a despesa e se não tiver sido trancafiado, linchado ou boicotado por causa do livro egípcio dos sonhos? Uma promessa de longa data! Travar conhecimento com as leis eternas da vida na Cidade Eterna, pela primeira vez, não seria uma combinação ruim (FREUD, 1986, p. 369).<sup>81</sup>

Algumas das cartas endereçadas no final do ano de 1892 passaram a apresentar um adendo, localizado depois de seu assim dito término, após despedir-se com sua assinatura. Sob o título de “rascunhos”, esses anexos foram redigidos como ensaios, esboços das ideias e hipóteses com as quais vinha trabalhando naquele momento e, algumas vezes, também constatações. É o caso da carta de 30 de maio de 1893, na qual, mesmo após “selar” o conteúdo despedindo-se com sua assinatura, ele suspende o término reabrindo-o com uma suposição recém-elaborada. Ele se pergunta se as alterações orgânicas do nariz não produziriam poluções e, dessa forma, a neurose. “O que você acha, e será que sabe de alguma coisa a esse respeito?”, Freud (1986, p. 50)<sup>82</sup> interroga Fliess.

Os anexos acabaram por se tornar uma constante. Testemunho, a partir deles, a elaboração de um método de tratamento para o problema das patologias psíquicas, seus avanços, interrupções e recuos. Em 15 de outubro de 1895, ele escreve a Fliess para revelar “o grande segredo clínico”, o de que a histeria seria oriunda de um choque pré-sexual, a neurose obsessiva, por sua vez, de um prazer pré-sexual que posteriormente se transformaria em pensamentos de cunho recriminatório (*Ibidem*, p. 145). Na carta seguinte, refere que tal descoberta lhe rendeu uma “alegria pálida”, que não lhe seria o suficiente, pois não solucionava todos os problemas psíquicos de que se ocupava (*Ibidem*, p. 146).

---

<sup>81</sup> Original publicado em 1899.

<sup>82</sup> Original publicado em 1893.

Suas conclusões, sempre provisórias, são retificadas e submetidas a uma reelaboração a cada vez em que um novo paciente lhe procura para atendimento, nos permitindo atestar os entusiasmos, também os desânimos e até mesmo o sentimento de culpa diante do insucesso de um tratamento. Como é o caso de Emma Eckstein, nomeada em seus livros com o pseudônimo de Irma. Ela o buscou por sentir desconfortos estomacais cuja origem lhe parecia um tanto incerta. À vista disso, chamou Fliess para também examiná-la e emitir um parecer. Segundo foi possível depreender das cartas trocadas, ambos supuseram que Emma se beneficiaria de uma cirurgia nasal. Todavia, não apenas isso não curou os sintomas, como também lhe rendeu uma grave infecção, quase fatal, decorrente de um deslize de Fliess, que esqueceu uma gaze em seu nariz. A suposição de que o procedimento a ajudaria transformou-se em uma supuração, extremamente danosa, que perdurou por alguns anos.

É esse o cerne do famoso sonho de Freud, nomeado como *O sonho da Injeção de Irma*. Voltarei a ele no último capítulo desta tese, mas é importante ressaltar, desde aqui, o impacto que esse caso trouxe à clínica freudiana. Ele submeteu o sonho a Fliess em uma carta, que lhe replicou chamando a atenção para a troca de datas que ele havia feito no relato. Freud extrai consequências desse equívoco, considerando-o como um exemplo “do que se consegue quando não se para para interromper a cadeia de pensamentos antes de se chegar ao ponto a que leva a explicação” (FREUD, 1986, p. 369). Nesse momento, em 1899, nem a associação livre enquanto método de investigação e tratamento havia sido formalizada, tampouco o ato falho como sendo uma formação do inconsciente. A despeito disso, é evidente que, desde aí, Freud não deixa passar despercebido a relevância dessas ocorrências não intencionais.

Aos poucos, Fliess vai se tornando um verdadeiro propulsor de sua escrita, não apenas das hipóteses clínicas, mas também dos seus artigos. A sua importância é referida por Freud em vários momentos. Este se refere a Fliess como a sua “plateia” (*Ibidem*, p. 343), sem a qual não seria possível trabalhar (*Ibidem*, p. 244), e nomeia as suas discussões de cunho científico como “nossa sociedade” (*Ibidem*, p. 51). O lugar privilegiado desse correspondente fica mesmo bastante claro, por exemplo, ao lermos as cartas a ele enviadas entre dezembro de 1896 e novembro de 1899, período em que Freud se dedica à escrita de *Traumdeutung*.

Esse destinatário, a quem Freud não hesitou em se endereçar (até 1905), certamente não foi sem consequências para a construção dos conceitos primordiais da

psicanálise. Ao ser posto no lugar de “leitor preferido”, Fliess recebeu amostras e rabiscos, notas embrionárias da teoria dos sonhos, que, durante este período, foram compartilhadas exclusivamente com ele. Ao me fazer leitora de suas cartas, depreendo a dificuldade que ele enfrentou para redigir esse livro, o tédio decorrente da revisão da desinteressante literatura que havia sobre o tema – que constituiu o estofado do primeiro capítulo –, a comemoração dos avanços feitos e, por fim, a celebração mediante o envio do manuscrito final ao editor.

Com respeito ao livro do sonho, as coisas estão assim: faltava a ele um primeiro capítulo, uma introdução à literatura especializada, que — a menos que eu esteja muito equivocado — você também me pediu, para que esclarecesse o restante. [...] Agora, não entendo o que é que você quer ver, e quando. Devo mandar-lhe este primeiro capítulo? E depois as revisões sucessivas, antes de remetê-las ao editor? Você estaria assumindo um encargo enorme, sem nenhum prazer, se ainda se preocupasse com isso (FREUD, 1968, p. 363).<sup>83</sup>

Freud sabia que aquele material apresentaria à comunidade médica uma abordagem inteiramente inédita do problema dos sonhos, já que, à época, eram tomados como meros absurdos ou como visões do futuro. De modo diverso, o psicanalista descobriu, na estrutura onírica, a realização de um desejo inconsciente, surpreendendo ali um funcionamento similar ao das neuroses. Ao proceder suas investigações, ele infere que “não apenas os sonhos, como também os ataques histéricos, são realizações de desejos” (FREUD, 1968, p. 346). O estudo desse tema lhe rendeu instrumentos teórico-clínicos para a elaboração de aspectos que restavam insolúveis acerca do psiquismo. Ademais, também foi crucial para que desenvolvesse, posteriormente, a sua metapsicologia.

A despeito do oneroso trabalho até a publicação de *Traumdeutung*, Freud (1968, p. 354) se refere a esses anos de escrita como um alento e que o livro reunia sua “melhor descoberta e, provavelmente, a única duradoura”. Ele de fato parecia se reconhecer, também escrito e impresso em cada página algo seu, ou, segundo nos diz, “meu próprio monte de esterco, meu arbusto” (*Ibidem*, p.354).

O primor do material contido nesse livro cuja importância é ratificada não apenas pelo campo analítico, servindo também como embasamento para estudos de outras áreas, não obteve um reconhecimento significativo naquela época. Embora Freud intuísse

---

<sup>83</sup> Original publicado em 1899.

essa possibilidade, também não deixa de descrever, a Fliess, o impacto das críticas negativas. Em tom chistoso e mediante esse cenário de não aceitação de suas ideias, ele imagina como seria se, anos depois, fosse instalada na porta de sua residência – onde também era o seu consultório –, uma placa de mármore contendo a seguinte frase: “Aqui, no dia 24 de julho de 1895, o segredo do sonho se revelou ao Dr. Sigm. Freud” (FREUD, 1986, p. 418).<sup>84</sup> De fato, ele estava certo ao intuir que era um homem terrivelmente à frente de seu tempo, já que, muitos anos depois, em 1977, essa placa, com os mesmos dizeres, foi instalada no mesmo local designado por ele. A sua residência de Londres, onde morou nos anos finais de sua vida, transformou-se em um museu biográfico dedicado a ele (*Ibidem*, p. 392).

É uma tarefa ingrata esclarecer um pouquinho a humanidade. Ninguém me disse, até agora, que se sente grato a mim por ter aprendido algo novo no livro dos sonhos e por ter sido apresentado a um mundo de problemas novos. “Muito interessante”; e depois encaram isso como condescendência. A única reação gratificante foi uma carta, que lhe envio em anexo, do Dr. Gomperz Jr., que está agora estudando meu método de interpretação dos sonhos comigo, à noite (FREUD, 1986, p. 388).

Considero demasiadamente precioso o modo como Freud descreve o processo da escrita deste livro, mais especificamente quando se aproxima do momento de concluir. Para atualizar Fliess do *status* do livro, lhe diz que ele prossegue trabalhando, mas de uma forma estranha, e que o texto se compõe “como que num sonho” (*Ibidem*, p. 319). Na carta posterior, ele finalmente anuncia o término, o que lhe permite constatar que sua escrita seguiu “completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical”, que nunca sabe dizer para onde está indo e que, quando é interrogado sobre seu destino, apenas responde: “E eu sei? Pergunte ao cavalo” (*Ibidem*, p. 320).

Não passei intacta pela leitura dessa passagem. Ao dizer que o livro dos sonhos foi escrito tal como um sonho se escreve, Freud abandona as rédeas e se deixa levar pelo cavalo. Ande estava indo? Não sabia. Ele foi sendo levado pelo fluxo dessa tessitura textual, sem saber aonde chegaria, certo apenas de que havia um caminho a seguir. À revelia de Freud, o livro dos sonhos se escreve ao modo de uma cena onírica, transmitindo-nos alguns dos princípios básicos, fundamentais e irrevogáveis, da psicanálise. Em *Traumdeutung*, lemos que todo sonho é um texto e que o inconsciente é para se soletrar.

---

<sup>84</sup> Original publicado em 1900.

Tanto a letra, quanto a leitura dos sonhos, nos acompanharão no terceiro capítulo. Todavia, é preciso, ainda, extrairmos mais algumas consequências sobre as cartas, antes de adentrarmos a *lettre*.

Foi também impactante averiguar que, em dados momentos, Freud tenha se dirigido a Fliess sem esperar qualquer resposta, a despeito de não saber se haveria um retorno. Depreendo esse detalhe nas várias vezes em que houve um hiato maior do que o habitual entre uma de suas cartas e o retorno do amigo. Além disso, na correspondência de 25 de maio de 1892, por exemplo, ele escreve: “Penso que não há necessidade nenhuma de o Sr. responder [...]. Na verdade, quero ter certeza, agora, de poder escrever-lhe sem esperar uma resposta sua” (FREUD, 1968, p. 30). E, ainda, em 11 de dezembro de 1893, lemos: “Minha pronta resposta a sua carta significa que disponho de algumas horas livres num domingo e não constitui um pedido de reciprocidade no mesmo estilo. Escreva quando tiver tempo e assunto” (*Ibidem*, p. 62).

Desse modo, Freud já antevia que, no âmbito das cartas, o importante não é a correspondência, no sentido de uma reciprocidade, mas o ato mesmo do endereçamento e os efeitos aí produzidos. Freud lhe escreve sem esperar uma resposta, mas ainda assim, não deixa de lhe falar.

Lembremo-nos de uma das conferências de Lacan (2001)<sup>85</sup>, proferida na Capela do Hospital Psiquiátrico de Saint-Anne. Ao modo do viajante Itzig, ele solta as rédeas de sua fala e se vê surpreso com os rumos que seu discurso tomou. Lacan fala, fala, fala e vai parar em um outro assunto, diferente daquele que inicialmente gostaria de abordar. Ao tomar esse desvio de rota como um lapso, ao conferir importância ao voo de sua *lettre*, ele conclui que se tratou de um ato falho. A quem estava ele falando? A quem ele ali se dirigia? Ao remontar a série de associações que o conduziram a essa nova volta, ele se vê diante dessas novas indagações. A resposta óbvia, a de que se tratava de uma plateia de psiquiatras, não o satisfaz. Perseguindo as veredas abertas, desta vez pela livre associação, ele é interrompido por uma contingência, um estrondo que ecoa pelas paredes da capela. Em função de um estouro, do barulho provocado por seu eco, ele interrompe sua exposição, e, com esse novo desvio, forja uma elaboração. Ele deduz, “Estou falando com a capela”, para, em seguida, retificar, “quer dizer, estou falando com as paredes” e, então, concluir, “sempre falei com as paredes” (*Ibidem*, p. 79).

---

<sup>85</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1971 e 1972.

Pelo eco do estrondo, por meio do qual se apercebeu a presença, outrora invisível e insignificante das paredes, ele depreende sua função: elas foram feitas para circundar vazios.

O que está em jogo para Lacan não é a abstração completa dos ouvintes, já que ele mesmo refere que isso seria impossível. De outro modo, ele aponta para o que se endereça a despeito de qualquer presença que seja física, e, nesse ponto, ele se refere ao sempre presente muro da linguagem. Este muro é o que produz os desvios, como o ato falho que o conduziu a falar sobre as paredes e, também, os reenvios. Novamente reencontramos a importância não do destino ou da entrega das cartas, mas de que os efeitos desses envios sejam acompanhados, que suas novas voltas testemunhem os seus desenhos, que seja lido o trajeto de sua queda. A carta de Poe (2003)<sup>86</sup> convém porque ela permite testemunhar o circuito cujo trajeto é alongado e desemboca, à revelia do falante (os personagens do conto), em uma outra curva. É esse também o trajeto em queda, a surpresa de Lacan ao se descobrir falando com as paredes, e também a de Freud, que confessou não saber, de antemão, o que cada parágrafo escrito lhe reservaria.

Há mesmo um certo momento em análise, durante a livre associação, em que parecemos falar em vão, murmurando para paredes que instauram um silêncio. No instante em que algo se estatela no enunciado, produzindo um novo que surpreende e aturde, as paredes feitas para circundar vazios fazem retornar à enunciação ali endereçada de modo invertido. Finalmente, reconheço e estabeleço a destinação como o modo de endereçamento de uma análise, já que inclui os desvios e atos falhos enquanto atos (ou envios) bem-sucedidos. Nesse momento de concluir, todavia, uma outra questão desponta e se impõe como objeto a ser investigado.

Conduzindo o leitor a outra volta, prossigo ao segundo capítulo, que versa sobre a escuta analítica. Esta, não enquanto uma operação especular, diádica, como se pudesse haver uma correspondência, uma comunicação entre emissor e receptor. Trata-se, de fato, de uma operação dialética, circunscrita em um ternário que inclui, além do falante e do ouvinte, um terceiro, a linguagem. Nesse caso, não há a assim dita comunicação, tampouco uma mensagem isenta do mal-entendido de interpretação, o que invalida a leitura única entre o que se falou e o que disso se escutou.

---

<sup>86</sup> Original publicado em 1844.

### 3 CAPÍTULO II – À ESCUTA

A surpresa – aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava [...] (LACAN, 2008, p. 32).<sup>87</sup>

O que se espera de uma sessão é justamente aquilo que se recusa a esperar por medo de meter demais o dedo: a surpresa [...] (LACAN, 2003, p. 252).<sup>88</sup>

#### 3.1 A surpresa

Arrebatamento, *unheimlich*, estranho-infamiliar-incômodo, significantes que assumiram concepções muito particulares, quiçá conceituais, ao serem inseridos na matriz semântica da psicanálise. Lacan jamais encontrou Freud, ao menos pessoalmente. Apesar desse fato lamentável, me arrisco a fantasiar um encontro metafórico entre ambos, transcorrido no campo da *lettre*, no campo tanto das letras quanto das cartas. Tendo em vista o trabalho que cada qual faz com os escritos literários, verifico que, neste ponto, eles se esbarraram, tocaram-se, conversaram longamente. Desse diálogo que insisto em imaginar, pinço algo que não passou despercebido. Ambos os psicanalistas foram atravessados, revirados, atropelados, realmente surpreendidos pelo texto de alguns escritores e produziram outros textos para dizer desses efeitos.

Freud (2020)<sup>89</sup>, leitor confesso de importantes nomes da literatura, presenteou-nos com um testemunho da passagem por um conto de E. T. A. Hoffman (2020)<sup>90</sup>, *O homem da Areia*. Ao ser tocado por esse texto, redigiu um escrito que nos permite acompanhar as tessituras do esforço hercúleo para tangenciar o efeito provocado por sua leitura. Ele o nomeia de *unheimlich*, palavra que seria elevada ao título de conceito psicanalítico e cuja grafia nos indica uma complexa operação psíquica, o recalque, circunscrito e indicado pelo prefixo *-un*.

---

<sup>87</sup> Original publicado em 1844.

<sup>88</sup> Original publicado em 1968.

<sup>89</sup> Original publicado em 1919.

<sup>90</sup> Original publicado em 1815.

Enquanto Freud foi capturado por algo estranho e, na mesma medida familiar, em Hoffman, Lacan foi arrebatado pela narrativa de Duras (1986)<sup>91</sup>, no livro *O arrebatamento de Lol V. Stein*. Ao prestar homenagem à escritora, por meio de um escrito endereçado a ela, o psicanalista depreende uma semelhança entre a prática da letra e o uso do inconsciente. É sabido que tantos outros artistas também ganharam a atenção de ambos, como é o caso de William Shakespeare, de James Joyce, de Leonardo Da Vinci, de André Gide. Contudo, se dou ênfase ao trabalho que fizeram em torno de Hoffman e Duras, é por neles encontrar de modo quase literal a dimensão da surpresa e o inquestionável impacto produzido por esses escritos, por essas letras. Através da palavra-conceito freudiana, *unheimlich*, e da palavra-enigma lacaniana, *arrebatamento*, encontro um modo de trabalhar sobre esse tal efeito tão súbito quanto incalculável, o mesmo que também reencontro ao ler escritos não literários, mas psicanalíticos. É possível, ainda, testemunhar esse mesmo impacto na prática do consultório, no sobressalto de um analisante ao se escutar e se espantar com o que, por um desvio de sua intenção, por um deslize, se impõe, como no caso de um ato falho.

Nos primeiros meses, quando eu ainda falava com ele face a face, fiquei, de repente, *surpresa* ao ver seu espanto, seu maravilhamento por *algo que eu acabava de lhe dizer sem ouvir*. Mais tarde, eu iria entender que aquele homem, de mais de 70 anos, ainda era capaz não só de se espantar como também de representar ali a terceira pessoa, a do chiste, aquela que tornava possível para mim, *que não escutava meu dizer*, interessar-me por ele como fonte do que podia ter capturado sua surpresa e seu interesse (LAZNIK, 2009, p. 63, grifo nosso).

No fragmento acima, leio os dizeres de um dos tantos analisantes que se deitaram no divã de Lacan. Conduzo o leitor a perceber o efeito produzido por uma escuta, descrito nos termos de um “espanto”. Ao flagrar o espanto do analista, no *a posteriori*, Laznik se escuta, flagra-se. Nesse ponto, interrogo se um espanto, um arrebatamento, um estranho-familiar, ao modo *unheimlich*, não estaria estritamente entrelaçado ao campo da escuta analítica.

Ao longo das incessantes leituras e releituras que inevitavelmente fazem parte do trabalho de escrita de uma tese<sup>92</sup>, um detalhe, quase silencioso, sobressaltou. Notei que

---

<sup>91</sup> Original publicado em 1964.

<sup>92</sup> E porque não dizer, também, de uma análise? Leituras e releituras de um mesmo significante, redução do significante à letra, parece ser mesmo a operação com a linguagem que está em jogo no trabalho analítico. Lembremo-nos, também, de Lacan (2010, p. 92), ao comentar sobre a função concernente ao “reler-se”: “De todo modo, esse ‘se reler’ representa uma dimensão que deve ser situada propriamente naquilo que, do



o significante *surpresa* aparecia diversas vezes ao longo do texto. Essa repetição, em vez de resolvê-la ao, simplesmente, encontrar um sinônimo para substituir o que estava insistindo em aparecer, decidi encaminhá-la de um outro modo. Flagrada durante a leitura, constrangida como se tivesse “soltado” um ato falho em uma sessão de análise, escolho então escutar e incorporar o lapso ao texto e à tese.

Ao escutar a repetição desse significante – surpresa/surprender –, noto que ele havia sido usado muitas vezes de modo “equivocado”, remetendo a uma semântica diferente da que consta na definição do dicionário. Leitora do próprio texto, verifico que tanto a forma verbal, “surprender”, quanto substantiva, “surpresa”, foi empregada no lugar de outros termos, que, talvez, comporiam – de modo mais “dicionarizado” – o sentido que deveria ser transmitido, tais como “vislumbrar”, “antever”, “avistar”.

A surpresa como efeito, ao ser flagrada no lapso e também com um significante escrito à minha revelia, reconduziu diretamente ao cerne do objeto de pesquisa desta tese: o que se diz à revelia do discurso intencional em uma análise produz tal estranhamento. A falibilidade da comunicação, evidente nesses acidentes de linguagem que sobrevêm à fala em livre associação, foi justamente o que deixou Freud siderado – um outro significante que também exprime o inesperado de uma enunciação inconsciente que sobressalta à escuta. Em uma frase que se diz, alguma coisa tropeça, estatela-se, cai. Nesses atropelos, Freud surpreende o inconsciente. Como nos diz Lacan (2008)<sup>93</sup>:

Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma *estranha* temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como *um achado*. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. Um achado que é, ao mesmo tempo, uma solução – não forçosamente acabada, mas, por mais incompleta que seja, *tem esse não-sei-o-quê* que nos toca com esse sotaque particular que Theodor Reik tão admiravelmente destacou – apenas destacou, *pois Freud tinha muito bem chamado atenção para ele – a surpresa* – aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava – mas que, de todo modo, é, em relação ao que ele esperava, de um valor único (*Ibidem*, p. 32, grifo nosso).

---

ponto de vista do discurso analítico, é a função do que se lê”. E, o que se lê, para Lacan, é a letra: “É claro que a letra se lê, e isso parece mesmo ser feito assim, no prolongamento da palavra, ela se lê e literalmente” (*Ibidem*, p. 91).

<sup>93</sup> Original publicado em 1964.

No que toca ao que é dito à revelia da intenção, outra surpresa. Encontro, na passagem acima, o uso desse mesmo significante, o que aproxima o trabalho desta tese daquilo que Lacan define como a descoberta de Freud. Ele verifica nos atravessamentos da linguagem, algo que “quer se realizar”, e que se produz como um *achado*. Este, não no sentido de uma solução, algo que cessaria a busca, mas um achado que tem “esse não-sei-o-quê”, a surpresa como “aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado”.

Esse “não-sei-o-quê” é um acontecimento, incalculável, disruptivo. No campo semântico em que Freud situa a escuta flutuante não cabe o emprego de *antever*, *vislumbrar*, ou *avistar*, estes mesmos significantes que teriam sido mais coerentemente escritos no lugar de *surpreender*. Ao fazer uso da surpresa como lapso – ou, ainda, ao ser usada pela surpresa –, a situo como baliza para a escrita desta tese: é de onde a escrita parte, é para ela que a escrita se endereça. É também desse lugar que procedo a investigação que concerne a esta tese: uma leitura da escuta.

Em outro artigo, Lacan (2003, p. 350)<sup>94</sup> interroga: “O que faz com que uma psicanálise seja freudiana?” Embora a contundente e fundamental pergunta, de imediato, passe a impressão de que a resposta seria complexa, extensa, trabalhosa, ele a desenvolve de um modo tão simples quanto certo. Nos diz que uma psicanálise dita freudiana está condicionada unicamente à coerência de um procedimento, o da associação livre. Esta, sob o estatuto de regra, atribuído por Freud (2019)<sup>95</sup>, não deve aqui ser confundido com qualquer pretensão burocrática. Ao contrário, o mesmo Lacan (2003) esclarece que o método psicanalítico, por excelência, trabalha justamente com a não preparação. Em verdade, ele aponta que “o que se espera da sessão é aquilo que se recusa a esperar” (*Ibidem*, p. 352), sendo esse imprevisível... a surpresa.

Para além de, uma vez mais, encontrar Lacan fazendo referência ao que se recusa a esperar e, assim, surpreende, também considero preciosa a articulação que ele estabelece entre tal efeito – a surpresa – e a associação livre. De fato, é sempre impactante quando algo solta-se dos ditames do controle, cai, vem à tona, de um modo que não se pode mais voltar atrás naquilo que se disse. Algo escapa, e, nesse atravessamento, um significante cai. Esse duplo aspecto da fala espontânea acompanhará o leitor ao longo deste capítulo, motivo pelo qual o destaco desde agora. Teremos oportunidade de averiguar que o próprio termo designado para nomear a regra fundamental, *freie einfäll*, deriva do verbo

<sup>94</sup> Original publicado em 1967.

<sup>95</sup> Original de 1904, publicado em 1905.

*fallen* que, em português, traduz-se por “cair” cuja forma substantiva corresponderia à “queda”.

Por ora, retornemos ao que atravessou a escrita desta tese. Seguindo o fio de suas leituras e releituras, exponho, na sequência, um parágrafo extraído do Projeto de Qualificação desta tese, redigido em 2018. Ao revisitá-lo, “surpreendo” que já havia “antevisto” o interesse em investigar o que rompe com uma “ordem” auditiva na fala em análise, a surpresa de um ato falho, “esse não-sei-o-quê” que se diz em sessão, à revelia do falante.

Essa questão [a escuta como leitura] se impôs a partir da clínica, ao sermos surpreendidas pelos efeitos de uma palavra quando falada, quando escutada. Também ao nos depararmos com as consequências e deslocamentos que isso opera tanto do lado do analisante, quanto do lado do analista. Isso pode trazer uma obviedade, mas nosso trabalho também é reconhecer que não há nada de óbvio ou ultrapassado em nos determos nesse ponto. Tratamos como sendo sempre novo surpreender as possíveis repercussões de uma palavra em análise (PASTORINI, 2018, p.3).

Dois anos depois, desta vez já na redação da tese, sigo tratando como sendo sempre novo, sempre inédito, testemunhar as repercussões da fala em uma análise. A atenção flutuante, designada por Freud como contrapartida da associação livre, justamente toma como premissa estar à escuta, vulnerável aos acidentes, às contingências.

Tanto a fala quanto a escuta são reconhecidamente os únicos instrumentos de que dispõe um analista para dirigir um tratamento. Todavia, é importante não esquecermos que o interesse pela palavra vinda do paciente – e não do médico – só surgiu a partir da discursividade instaurada por Freud. Anteriormente, o sofrimento psíquico não era tomado como um problema, podemos dizer até mesmo que não existia. Corroborando com a relevância desse ato teórico-metodológico freudiano, é fundamental investigar os seus antecedentes, a fim de cernir o que, da clínica, foi determinante para que essa subversão fosse feita.

### **3.2 Os efeitos da subversão freudiana: um breve percurso histórico e conceitual da clínica do silenciamento à clínica da escuta**

A respeitável figura do psicanalista, bem como a psicanálise enquanto prática clínica, são dois significantes que circulam amplamente no cenário contemporâneo, e não apenas no campo analítico. É cada vez mais corriqueiro presenciar discussões de leigos que

se apropriam dos conceitos para elaborarem suas arguições de cunho intelectualista, embora muitas vezes estas sejam feitas de forma selvagem. No entanto, a atual popularidade da psicanálise não faz jus aos impasses que Freud precisou enfrentar no início da carreira, no século XVIII. À época, ele chegou a se nomear como o “*joão ninguém* de Viena” (FREUD, 1986, p. 230)<sup>96</sup>. A pouca receptividade às suas ideias denunciava a aversão do meio científico a assimilar os fatores sexuais envolvidos na neurose. O que foi apresentado à sociedade era algo sem precedentes, motivo pelo qual sua teoria emergiu numa marginalidade solitária e amarga (GARCIA-ROZA, 2019)<sup>97</sup>.

Os primeiros anos de sua clínica foram árdus. Faltavam-lhe pacientes, poucos eram os que recorriam a ele para se tratar, apesar de sua tenacidade para a pesquisa nunca ser escassa. Em carta a Fliess, datada de 1894, ele confessa sentir-se solitário nas tentativas de desvendar a problemática das neuroses e que é “encarado como uma espécie de monomaniaco, embora tenha a nítida sensação de haver tocado num dos grandes segredos da natureza” (FREUD, 1986, p. 74)<sup>98</sup>. Àquela época, ele estava redigindo o ensaio *Sobre a etiologia das neuroses*, ao qual todo psicanalista em formação, ou mesmo qualquer leigo, tem hoje acesso. Todavia, sua escrita era acompanhada de um amargor, por intuir que lhe renderia, no máximo, “um respeitável fracasso” (*Ibidem*, p.74).

A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza! Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória — em suma, a psicologia inteira (FREUD, 1968, p. 137).<sup>99</sup>

Não à toa, portanto, a subversão e o ineditismo do inconsciente freudiano foi tomado por Lacan (2008)<sup>100</sup> como equivalente a um abalo sísmico, resguardando a mesma potência revolucionária das teorias de grandes nomes como Newton, Planck, e Einstein. Um verdadeiro ato “a-cosmológico”, conforme aponta, já que, justamente, traça um sulco no real, extraordinário a um conhecimento que, até então, era atribuído a Deus. Não seria de se estranhar, então, tamanha resistência às ideias de Freud.

---

<sup>96</sup> Original publicado em 1897.

<sup>97</sup> Original publicado em 1985.

<sup>98</sup> Original publicado em 1894.

<sup>99</sup> Original publicado em 1895.

<sup>100</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

É fundamental estarmos advertidos do incansável desejo do psicanalista em prol de seus estudos investigativos e do que ele viola ao estabelecer um método inédito de tratamento. Não para situar um “ponto zero” de sua subversão – o que, por razões de estrutura, seria impossível –, mas, sobretudo, porque “não há muitas razões para que permaneça aberta a via que ele abriu – salvo uma vontade de reabri-la igual à sua” (COTTET, 1982, p.19). A fim de investigar o ato de criação freudiano, é importante averiguar com quais paradigmas teóricos ele vem a romper no século XVIII.

No século XVI, rupturas significativas promoveram um cenário de extrema insegurança e desamparo. O dismantelamento do que até então funcionava como pilares sociais, tais como a autoridade de Aristóteles, a fé na igreja e nas grandes instituições do mundo ocidental, foi um dos motores de tal conjuntura devastadora. O que restou da destruição do mundo e de Deus? Remanesce a segurança proporcionada pela interioridade, o Eu. Logo, a estabilidade, outrora garantida por fatores externos, desloca-se e passa a ter sede no Eu, que se torna, portanto, o novo lugar da certeza (GARCIA-ROZA, 2019)<sup>101</sup>.

É nesse contexto que se articula o pensamento cartesiano cujo pressuposto básico consistia em considerar a dúvida como meio único de alcançar a certeza. Nessa perspectiva, o Eu se assumia como fonte do conhecimento e da verdade, cuja subjetividade era identificada à consciência. O desejo, por sua vez, representava o perturbador dessa ordem interna e da razão, uma vez que submetia o pensamento a um possível erro. De modo contrário, uma alma puramente passiva, quer dizer, cognitiva, estaria imune ao engano. A teoria de Descartes defendia a concepção de uma unidade do sujeito, suscetível de ser ameaçada pelo desejo, que introduz deformações no material alcançado pelo conhecimento. Como consequência, a razão é elevada a uma primazia.

Contudo, no século seguinte, a razão será ameaçada. As cortinas do desatino foram, enfim, abertas, desvelando o fenômeno da loucura e, conseqüentemente, acusando a iminência da desrazão. Foucault (2012)<sup>102</sup> reforça o quanto essa passagem é radical, dado que só podemos dizer da existência desse diagnóstico após esse momento. Isso porque o louco era reputado como semelhante aos alcoólatras, aos leprosos, aos delinquentes, todos estes ecoando em unísono a fatia da população a ser silenciada e descartada. Os que apresentavam alguma divergência em relação à curva prevista pelos conformes da consciência estavam fadados à marginalização. O objetivo era evidente: excluí-los de

---

<sup>101</sup> Original publicado em 1985.

<sup>102</sup> Original publicado em 1961.

qualquer aparição à sociedade e, inevitavelmente, acabavam sendo privados de um tratamento. Não havia a loucura, portanto. O que havia era o conhecimento de um estatuto único do que divergia da “normalidade”. À vista disso, não existiam categorias ou mesmo parâmetros que fossem sensíveis às nuances e às singularidades de cada um.

O fenômeno da loucura, “esse novo espantalho que sucede à lepra nos medos seculares” (FOUCAULT, 2012, p. 8)<sup>103</sup>, é reconhecido dois séculos após a epidemia da lepra, mas manteve a chama acesa da mesma prática segregativa. Os loucos eram escorraçados para além dos muros da cidade, transportados em barcos que os carregavam como se fossem cargas, de um local a outro<sup>104</sup>. A rigor, as paredes que os escondiam também denunciavam que eram simplesmente alocados em prisões. Afastá-los das cidades, entregá-los aos marinheiros assegurava à sociedade a proteção pelo suposto perigo que representavam. Prisioneiro de sua própria partida, o louco, assim como a loucura, tornam-se ameaças.

Como consequência, instauram-se duas categorias, que protocolam uma espécie de sentença. Nesse sentido, um sujeito era visto na consoladora posição de portador de sã consciência, ou teria o desolador diagnóstico da insanidade. Ocorre que o vazio da existência, outrora creditado a elementos externos, passa a se localizar no interior de cada um. O medo de morrer se desloca para o de perder a razão. Um cenário de extrema insegurança, promessa de uma possível catástrofe social, se instaura. Embebida nesse caldo, surge a psiquiatria enquanto especialidade da medicina. À época, cabia ao psiquiatra preservar a sociedade do “perigo” que seus pacientes representavam, diagnosticá-los para segregá-los. Cabia a ele, portanto, elaborar e discernir os critérios que comporiam tal nosologia, com o objetivo único de efetivar o controle disciplinar. É lamentável que a interrogação a ser aí privilegiada, quer dizer, o que era propriamente a loucura, ou o que compunha as especificidades de tal quadro, ou, ainda, de que modo tratar esses casos, passa ao largo. Essa pergunta era despejada junto com eles, ambos silenciados em navios cujo destino era selado pelo horror.

Encontro, neste ponto, algo que concerne diretamente a esta pesquisa de doutorado. Até que Freud estabelecesse um dispositivo clínico cujo tratamento incluísse

---

<sup>103</sup> Original publicado em 1961.

<sup>104</sup> Os barcos que carregavam tais sujeitos de uma cidade para outra ficaram conhecidos como a “Nau dos Loucos” ou dos “insensatos”, que ganhou inúmeras representações, inclusive artísticas. Essa cena, tão presente à época, foi retratada em pinturas e descrita em livros literários.

justamente a cisão e o que escapava do “saber racional”, esses elementos não eram contemplados. O espaço que ainda acolhia algum desvio era o confessionário da igreja, para onde se dirigiam, cabisbaixos, os “pecadores”. Foi demasiadamente surpreendente concluir que antes de a psicanálise intervir no que outrora era desprezado pelo discurso médico, a prática de confissão era a única via de endereçamento da fala, de falar sobre o sofrimento, e, em contrapartida, a de oferecer algum suporte pela via da escuta.

Veremos que mesmo Freud percorreu um sinuoso caminho de investigação, de pesquisa e de prática clínica, até enfim eleger tanto a fala quanto a escuta como metodologias de tratamento, por assim dizer. Entre os anos de 1891 e 1896, por influência de Fliess, ele trabalhou com a hipótese de que as neuroses histéricas seriam decorrentes de alguma afecção do órgão nasal. Ainda assim, Freud, visionário, nunca deixou de lado a hipótese de uma etiologia psíquica dos sintomas corporais. Concomitantemente ao tratamento cirúrgico de Irma, por exemplo, ele se dedicou a estudar o aspecto econômico dos fenômenos mentais, analisando se não haveria um ganho secundário envolvido na psicopatologia dos neuróticos. Há um artigo, de 1890, em que ele nos presenteia com belas formulações, as mesmas que posteriormente se constituiriam como premissas da psicanálise. Ele toma as palavras como um meio de eliminação dos “distúrbios patológicos”, reconhecendo que elas são como magia empalidecida. Diante disso, caberia ao médico fazer retornar a elas “pelo menos uma parte de seu antigo poder mágico” (FREUD, 2019, p. 19)<sup>105</sup>.

O leigo achará difícil entender que distúrbios patológicos do corpo e da alma possam ser eliminados por “meras” palavras do médico. Ele achará que se lhe imputa acreditar em magia. E ele não está de todo enganado; as palavras de nossos discursos cotidianos nada mais são do que magia empalidecida (*Ibidem*, p. 31).

Dentre os demais mecanismos utilizados à época, para tratar dos sintomas “desviantes”, convém destacar o braidismo e o mesmerismo. O segundo, criado pelo psiquiatra Franz Anton Mesmer, supunha a composição de um fluido magnético no organismo dos sujeitos, o que os tornaria suscetíveis à influência de ímãs. Era por meio deles que inicialmente empreendia os tratamentos, sendo posteriormente substituídos pelo uso da mão do médico, mantendo, todavia, o mesmo pressuposto. Assim, direcionava-a à

---

<sup>105</sup> Original publicado em 1890.

parte enferma do corpo do paciente, a fim de magnetizá-la (GARCIA-ROZA, 2019)<sup>106</sup>. Tal inovação, entretanto, não foi bem recebida pela medicina vigente, motivo pelo qual seu criador foi acusado de charlatanismo. A veracidade dos tratamentos era colocada em xeque por suporem que a “cura” era oriunda da imaginação dos pacientes, e, portanto, irreal. Fato curioso, já que seria justamente pelo efeito da sugestão, exercido pela figura do médico, que Freud (2006a; 2006b)<sup>107</sup> conduziria o tratamento das histéricas posteriormente. Hoje sabemos reconhecer, nesse ponto, o cerne do conceito de transferência.

Uma vez denunciado, o mesmerismo cedeu espaço para que outras propostas de intervenção fossem desenvolvidas. A nova terapêutica que se apresenta é a da hipnose, que, antes de assim ser denominada, manteve por muito tempo o nome de *braidismo*. Consistia em conduzir a pessoa a um estado hipnótico. Com isso, o médico passava a ter controle sobre o corpo do paciente, de forma que assim pudesse eliminar os sintomas ou domesticar um comportamento (GARCIA-ROZA, 2019).<sup>108</sup>

Há um aspecto digno de nota, o que identifico como sendo um traço comum aos tratamentos dessa época. A palavra dos “doentes” se configurava como um mero acessório ao êxito da clínica, secundário. A clínica da histeria foi determinante para a construção das bases da psicanálise. Os sintomas aí constatados desafiavam as terapêuticas comumente usadas, equivocando não apenas os pressupostos da medicina, mas também os da religião.<sup>109</sup> Questionando, ademais, a neurologia e a psiquiatria, a casuística demonstrava que tratamentos que se valiam da influência psíquica obtinham resultados mais eficazes (IANNINI & TAVARES, 2019). Neste ponto, em que o sintoma histérico se provou suscetível ao tratamento psíquico, um campo inédito se abriu. A estreita relação entre tal sintomatologia e o sofrimento psíquico parecia finalmente se estabelecer, e, conforme salientam Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares (2019, p.10), foi “nesse cenário que o gesto freudiano de reconhecer a verdade do sofrimento psíquico funda a psicanálise”.

A revolução provocada pela clínica da histeria não seria a mesma sem Martin Charcot, pioneiro em assumir que os sintomas não eram decorrentes de uma disfunção neurológica, como comumente se defendia, mas de alterações do sistema

---

<sup>106</sup> Original publicado em 1985.

<sup>107</sup> Os originais foram publicados, respectivamente, em 1893 e 1914.

<sup>108</sup> Original publicado em 1985.

<sup>109</sup> Sob uma perspectiva histórica, lembro que a histérica chegou a ser condenada como bruxa e penalizada nas fogueiras da inquisição na época medieval.



nervoso. Ao surpreender que havia algo que “ultrapassava o conhecimento consciente imediato do paciente” (LO BIANCO, 2003, p.119), ele promove uma reformulação no modo como tal quadro era concebido, dando um lugar para a objetividade e a qualidade genuína do fenômeno histérico.

Durante alguns meses, entre os anos de 1885 e 1886, Freud reside em Paris, para fazer um estágio em um serviço de Salpêtrière, inaugurado e coordenado por Charcot.<sup>110</sup> Ao constatarem que o trauma subjacente aos sintomas não era apenas de ordem física, acessível pelo exame do corpo, portanto, o tratamento passou a incluir o exame da palavra.

Freud retorna deste estágio obstinado pelos enigmas que a histeria suscitava. Encontra em Joseph Breuer um contraponto teórico importante, estabelecendo uma parceria de trabalho profícua para prosseguir em seus estudos.<sup>111</sup> Em artigo escrito a quatro mãos, ambos descrevem a hipnose e a catarse como método utilizado para acessar, *através do relato da paciente*, o evento desencadeador do fenômeno patológico (BREUER e FREUD, 2006)<sup>112</sup>. A fim de suprimir o sintoma produzido pelo traumático, o tratamento se propunha a efetuar uma descarga do afeto que ali teria ficado retido, procedendo uma ab-reação. Os sintomas seriam, portanto, reminiscências do evento traumático, que assim permanecem tendo efeitos no psiquismo, como um corpo estranho, conservando com vigor o colorido afetivo da cena.

Embora o artifício da palavra já estivesse em uso, apenas o relato feito sob hipnose era considerado. A eficácia da recordação presente apenas no estado de adormecimento, no entanto, evidenciava a hipótese de uma divisão na consciência, o que posteriormente seria descrito como consequência do recalçamento.

Mencionamos as condições que, como demonstra nossa experiência, são responsáveis pelo desenvolvimento de fenômenos históricos provenientes de traumas psíquicos. Ao fazê-lo, já fomos obrigados a falar nos estados

---

<sup>110</sup> Sobre isso, Jorge (2017) aponta o fato curioso, mas nem por isso um mero acaso, de que o nome escolhido por Freud para seu primeiro filho foi Jean-Martin, o mesmo de Charcot. Todavia, no período em que travou uma inestimável amizade com Fliess, Freud (1895/1986) nos revela que se o bebê que a esposa Martha estava esperando à época fosse menino, ganharia o nome Wilhelm. Não menos curioso, é o fato de que sua primeira chama-se Mathilde, o mesmo nome da esposa de Joseph Breuer, com quem teve uma relação de admiração e, posteriormente, ódio.

<sup>111</sup> Convém esclarecer que esta relação não se manteve de modo permanente, e que Freud rompeu com Breuer, pois passaram a discordar sobre a etiologia sexual das neuroses. Em carta a Fliess, datada exatamente do mesmo ano em que foi publicado o famoso ensaio escrito por ambos – *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos: comunicação preliminar* –, ele chega a confessar que “Breuer é um obstáculo a meu progresso profissional em Viena” (FREUD, [1893]1986, p.56).

<sup>112</sup> Original publicado em 1893.

anormais de consciência em que surgem essas representações patogênicas e a ressaltar o fato de que a lembrança do trauma psíquico atuante não se encontra na memória normal do paciente, mas em sua memória ao ser hipnotizado. Quando mais nos ocupamos desses fenômenos, mais nos convencemos de que *a divisão da consciência, que é tão marcante nos casos clássicos conhecidos sob a forma de “double conscience”, acha-se presente em grau rudimentar em toda histeria, e que a tendência a tal dissociação, e com ela ao surfimento dos estados anormais da consciência (que reuniremos sob a designação de “hipnóides”), constitui o fenômeno básico dessa neurose* (BREUER e FREUD, 2006, p.47).<sup>113</sup>

Ao se dispor a escutar as histéricas, Freud averiguou algo inédito, que durante tanto tempo ficou suprimido por terapêuticas que desconsideravam a fala. Ele notou que uma espécie de obstrução se impunha sempre que as pacientes tentavam contar sobre o evento traumático e seus desdobramentos. Concomitantemente, percebeu que os sintomas cediam ao serem relatados e endereçados à sessão. De fato, ele testemunha “o poder mágico das palavras” (FREUD, 2019)<sup>114</sup>, e localiza-se aí, nesta descoberta, a novidade freudiana: o ato da palavra e o da escuta, que fazem frente a ruptura simbólica provocada pelo trauma. O declínio da hipnose enquanto método é a consequência inevitável dessa constatação (FREUD, 2019; 2006a; 2006b)<sup>115</sup>.

Convém enfatizar que, embora o conceito de recalque, assim como a primeira tópica freudiana – que concebe o aparelho psíquico como uma estrutura tripartite, composta por consciente, pré-consciente e inconsciente – sejam, nesse momento, hipóteses provisórias elaboradas a partir de inferências clínicas, já se nota ali uma clara menção a ambos. Por exemplo, Freud menciona que o psiquismo tem como base uma operação de linguagem, a tradução. Em 1896, ele esboça algumas suposições tanto acerca da histeria quanto em relação a neurose obsessiva. Distingue o desenvolvimento do sujeito mediante quatro fases, divididas por períodos de idade. Até os 4 anos, seria a “fase pré-consciente”, que apresenta a característica de ser *intraduzível*. Ele interroga se este não seria o caso da cena traumática na histeria, na qual os resíduos mnêmicos não foram traduzidos em imagens verbais. Desse modo, a atualização desse conteúdo traumático produz uma conversão, porque a simultaneidade entre o mecanismo defesa e o excesso sexual justamente impossibilita que haja uma tradução. No âmbito da neurose obsessiva, por sua

---

<sup>113</sup> Original publicado em 1893.

<sup>114</sup> Original publicado em 1890.

<sup>115</sup> Respectivamente, os originais foram publicados em 1890, 1895 e 1914.

vez, o evento traumático cenar seria traduzível, por assim dizer, mas, quando é evocado na forma de lembrança, produz sintomas (FREUD, 1986, p.189-190)<sup>116</sup>.

Encontro, ainda, outra formulação digna de nota, relevante por também nos apontar o papel da linguagem e de seus efeitos para o psiquismo, intuído mesmo em um momento ainda tão preliminar de sua prática clínica, e que, novamente, revela o papel determinante da fala e da escuta para o tratamento psíquico. Freud conclui: “Uma falha de tradução – eis o que se conhece clinicamente como recalçamento” (*Ibidem*, p.209). A partir dessa constatação clínica, Freud sofisticou a hipótese descrita no parágrafo anterior, e conclui que o aparelho psíquico é composto de estratificações. Embasado nesse modelo pautado em instâncias, ele infere que um evento desprazeroso produz uma marca, deixa um registro mnêmico, que visa evitar o sofrimento ao ser lembrado. No entanto, também se apercebe de que, em alguns casos, esse mecanismo não é eficaz, e a lembrança age como se fosse um evento atual, a despeito de sua cronologia. Finalmente, ele é levado a concluir que o trauma se circunscreve em um outro registro temporal, como se sua intensidade estivesse constantemente em vigência e atuante no psiquismo, fora do conhecimento consciente do sujeito. A obstrução, verificada por Freud, no relato de suas pacientes é situada, então, como efeito do recalçamento e da falha de tradução proveniente do trauma. Na medida em que tanto o trauma, quanto as suas repercussões sintomáticas davam cada vez mais provas de sua estrutura simbólica, abre-se um campo inédito de possibilidade de tratamento, e a fala e a escuta assumem um lugar de importância para abordar o sofrimento.

### **3.3 *Freie Einfäll*: palavras em queda livre**

Reencontro, no caso de uma paciente atendida por Freud, Miss Lucy R. (FREUD, 2006)<sup>117</sup>, com a dimensão da surpresa na clínica. Certamente, nesse momento, Freud também reencontra com o caráter “mágico” da palavra, que havia ficado um tanto “empalidecido” com o método catártico (FREUD, 2019).<sup>118</sup>

Lucy R., essa jovem governanta, apresentava um sintoma curioso, uma alucinação olfativa persistente: sentia a todo momento o cheiro de um pudim queimado. Freud se defrontou com um impasse em seu tratamento, já que ela não cedia à hipnose. Ao

---

<sup>116</sup> Original publicado em 1896.

<sup>117</sup> Original publicado em 1895.

<sup>118</sup> Original publicado em 1890.

dispor-se a escutá-la apesar desse entrave, Freud nota algo importante e, até então, inédito para ele. Desperta, em estado consciente, o fluxo da fala da paciente, de repente, se interrompia. Essa fatalidade, esse intervalo em que algo parecia escapar dos pensamentos dos analisantes, não apareciam quando estavam sob hipnose.

Miss Lucy justificou tal lapso como sendo uma mera falha de memória. Porém, além disso, ela também teve dificuldade em precisar datas, confundia-se em relação à temporalidade dos eventos, trocava nomes, lugares. Freud constatou, ainda, que algumas lembranças provocavam um intenso mal-estar na paciente. Ocorre que a suposição de uma cisão na consciência, outrora verificável durante os ataques histéricos, na ruptura da cadeia simbólica entre o sintoma e evento traumático, é, então, *surpreendida* no próprio relato da jovem. Ele se defronta com algo novo na clínica, o que o leva a rever a sua teoria. Posteriormente ele concluiria que o desuso da hipnose marca o início da psicanálise, tamanha foi a relevância do encontro com esta novidade (FREUD, 2006)<sup>119</sup>.

A novidade freudiana [...], é a revelação, no fenômeno, desses pontos vívidos, subjetivos, em que uma palavra emerge que ultrapassa o sujeito discorrente. Novidade tão comovente que dificilmente podemos acreditar que nunca tenhamos nos apercebido disso antes. Sem dúvida, era preciso que o comum dos homens estivesse engajado há algum tempo num discurso bem perturbado, desviado talvez, e de algum modo inumano, alienante, para que se tenha manifestado com tal acuidade, tal presença, tal urgência, essa palavra (LACAN, 2009, p.348).<sup>120</sup>

Este ponto em que Freud encontra algo novo, é também o reencontro desta pesquisa com a surpresa, também com o *unheimlich*, e com o arrebatamento. Em suma, com os efeitos de algo inesperado. Encontro, uma vez mais, com o que se apresenta tanto à revelia da técnica hipnótica quanto do discurso intencional de Miss Lucy. Seguindo o fio desse ineditismo, examinaremos no caso de Emmy Von N. (FREUD, 2006)<sup>121</sup> um novo desdobramento dessa passagem, de uma clínica que privilegiava a palavra do médico para uma prática que dá lugar a espontaneidade na fala.

---

<sup>119</sup> Original publicado em 1914.

<sup>120</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1953 e 1954.

<sup>121</sup> Original publicado em 1895.

Essa jovem mulher de 40 anos foi atendida diariamente por Freud no hospital psiquiátrico em que estava internada. Em uma das sessões, enquanto ele a massageava<sup>122</sup>, percebe que a conversa aparentemente banal que ali se dava não era sem importância. Ao contrário, Freud é sobressaltado ao escutar Emmy recordando episódios jamais antes relatados, elaborando questões de sessões precedentes, mesmo que isso não tivesse sido solicitado por ele. Em seu texto, lemos: “*de maneira bem inesperada*, progride até as reminiscências patogênicas, que ela vai desabafando sem ser solicitada” (*Ibidem*, p. 89, grifo nosso). A paciente passa a falar de modo espontâneo, como se “tivesse adotado meu método e se valesse de nossa conversa, aparentemente sem constrangimento e guiada pelo acaso, como um complemento de sua hipnose” (*Ibidem*, p. 89).

Em uma sessão, de um modo que não se poderia prever, a paciente intervém, calando o analista. Furiosa, Emmy pediu que não ele não a interrompesse enquanto falava, afirmando que “não devia continuar a perguntar-lhe de onde provinha isso ou aquilo, mas que a deixasse contar o que tinha a dizer” (FREUD, 2006, p. 95). Ela endereça um apelo pontual e preciso: me deixe falar!

Essa intervenção surpreendente, ato de calar Freud e, na mesma medida, pedir a palavra, certamente teve efeitos. Freud, conivente e assentindo com esse inesperado, escuta a enunciação desse apelo, a testemunha, a válida. Depreende que é necessário autorizar mesmo a voz para que se exerça em seu livre funcionamento, deixar o fluxo da fala operar espontaneamente em sessão. Emmy o informa de que a fala “livre”, na presença de uma escuta, tem consequências.

Munido da surpresa, Freud (2019)<sup>123</sup> elabora outro método de tratamento, que não apenas incorpora a especificidade simbólica do sintoma, mas valoriza e inclui os acidentes que se insurgem à fala, interessando-se por tais interrupções e pelo que surge de modo súbito. Trata-se da associação livre (*Freie Einfällt*), técnica elevada ao estatuto de única regra a ser praticada em uma análise. Esses fenômenos de linguagem se tornaram um material de trabalho para Freud porque pôde deixar-se surpreender por eles. Reconheço, neste ponto, a “marca de nascença” da associação livre e, também, da psicanálise, já que,

---

<sup>122</sup> A massagem era um recurso terapêutico usado por Freud, à época. Também consta na literatura psicanalítica o uso de banhos frios, banhos de farelo de trigo, eletroterapia, dentre outros, como apontam Iannini e Tavares (2019).

<sup>123</sup> Original publicado em 1913.

afinal, tais manifestações só puderam se apresentar na medida em que a palavra pôde assumir a sua configuração “livre” em uma sessão.

Ao examinar o termo que Freud escolheu para designar esta técnica, *freie einfälle*, verifico alguns pontos de inflexão acerca das traduções comumente praticadas no português. Segundo Iannini e Tavares (2019), o verbo *einfällt* deriva de *fallen*, que significa “cair”. Em relação à sua etimologia, Hanns (1996)<sup>124</sup> aponta que o prefixo *ein* indica um movimento que ocorre para dentro, algo “que entra em” (HANNS, 1996, p. 270), penetra, correspondendo ao “in” da língua portuguesa. O termo *fallen*, por sua vez, é a forma substantiva obtida do verbo, correspondendo a “caído”, “queda”, “caso”, “ocorrência”, e provém da concepção de um dado lançado, que, a depender do número resultante, pode indicar sorte ou azar.

Logo, mediante a análise do termo, chegamos à sua forma verbal, *einfall*, e à substantiva, *fallen*. Hanns menciona, ainda, alguns significados de ambos os verbetes, tais como: desabar, desmoronar; invasão; ideia que sobrevém, súbita, inspiração; incidência; murchar. Ademais, reiterando a ligação semântica desse verbo com algo súbito e inesperado, nos lembra que seu emprego pode evocar “a imagem de um despencar para dentro” (HANNS, 1996, p. 271).

Hanns elenca alguns vocábulos alemães que carregam *fallen* em sua composição, como no caso de *befallen werden* (ser tomado, ser invadido), *anfall* (ataque ou surto), *fallbeil* (guilhotina). É interessante notar que todos apontam para uma contingência, um acidente, um imprevisto e um imprevisível. Nas edições brasileiras das obras de Freud, a expressão *freie* (livre) *einfälle* é traduzida por associação, ocorrência, ideia, ideia incidente, associação inintencional. Não obstante, Hanns adverte que a tradução de *einfall* por *associação* faz com que tais sentidos, os que remetem a algo que irrompe, se percam. Há um outro termo alemão que talvez manteria melhor o seu campo semântico, *assoziation*. Diante desse percalço, frente a esse problema que a tradução inevitavelmente coloca, extraio desse impasse uma proposta de tradução, atenta para que o trabalho

---

<sup>124</sup> O psicanalista Luis Hanns (1996) produziu uma vasta pesquisa acerca de alguns termos freudianos, publicada em *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Longe de se colocar em uma posição de desvantagem por sua condição de estrangeiro, Hanns reconhece aí uma vantagem, pois observa que a familiaridade do leitor alemão com os verbetes freudianos originais pode fazer com que a peculiaridade de muitos deles passem despercebidos. Desse modo, ele ensaia uma tradução que seja mais crítica e menos aferrada ao dicionário.

concernido nessa operação não seja silenciado. Em vez de associação livre, talvez possamos traduzir por palavras em queda (*fallen*) livre (*freie*).

Com esse pequeno desvio pela análise dos termos escolhidos por Freud, mapeamos e circunscrevemos em que campo semântico a regra fundamental da psicanálise se insere. Encontramos, compondo-o, os seguintes significantes: cair, queda, súbito, desabar, despencar. Assim, testemunhamos que Freud projeta a fala em análise fazendo referência a algo que sobrevém, e que, acidentalmente, desmorona. Uma palavra que, fatalmente, se impõe. Não seriam esses outros nomes, ou mesmo deslizamentos metonímicos da surpresa, do arrebatamento, do *unheimlich*? Todos apontam para um mesmo acontecimento: algo que cai da linha de encadeamento signifiante em uma fala, se insurge à escuta e sobressalta o analisante, retornando-lhe como se fosse algo estranho e, também, conhecido, tal como ocorre na análise de Laznik (2009). Ao se defrontar com o espanto do analista pelo que irrompeu em sua fala e ao também se espantar, ela escuta aquilo que antes lhe soou como desimportante.

Desse modo, e ao trabalhar na dimensão da surpresa, o analista convoca o paciente a abandonar qualquer crítica que se imponha em relação a seus pensamentos, de tal modo que possa *pensar alto* e dizer tudo o que lhe ocorrer no momento. Como Cottet (1982) bem sublinha, convida-o a dizer não apenas o que sabe, mas principalmente aquilo que supõe não saber.

Apresentamos a ele a sua regra desde o início: “[...] a sua narrativa deve diferenciar-se em um ponto de uma conversa comum. Enquanto normalmente e com razão procuraria achar o fio da meada no contexto geral da sua narrativa, rechaçando todas as ocorrências e pensamentos adjacentes para não se perder em digressões, procede de outro modo aqui. Você observará que lhe ocorrerão vários pensamentos que você quer rechaçar com certas restrições críticas. [...] Nunca ceda a essa crítica, diga-o mesmo assim, justamente porque você sente uma rejeição diante disso. Portanto, diga tudo o que lhe passa pela mente. Comporte-se, por exemplo, como um viajante sentado à janela do trem que descreve para quem está dela mais afastado, do lado de dentro, como a paisagem vai mudando diante de seus olhos (FREUD, 2019, p.136).<sup>125</sup>

O convite feito ao analisante é uma aposta. Espera-se que, ao não se preocupar em manter uma coerência lógica em seu relato, uma outra determinação se torne audível: a do inconsciente. Desse modo se poderá escutar a sintaxe própria do inconsciente

---

<sup>125</sup> Original publicado em 1913.

que se enuncia em todo ato de fala, ou seja: quais os pedaços ou fragmentos se repetem, de que modo são trazidos? Em que circunstâncias se repetem? Quais conteúdos, quais frases, quais significantes são empregados juntos?

Ao se colocar como destinatário do que quer que seja que possa advir, abrindo-se aos acidentes, ao que desmorona, ao deduzir na fala a possibilidade de manifestação do inconsciente, o analista se coloca como um alvo. Aqui, novamente retornamos à dimensão da carta. O analista enquanto testemunha da letra, mas também das cartas, que ficam *en souffrance*, não entregues. Leitores da letra, e da carta, do destino das destinações inerentes ao significante, é também testemunha do que fica à espera, em instância, na iminência de...

A presença de um analista em sua função “ouvidor” – presença que não é física, mas que é efeito do inconsciente, como nos diz Lacan (2008)<sup>126</sup> – é condição para que uma análise possa vir a acontecer, posto que o significante “não se torna uma palavra a não ser quando alguém se coloca a questão de saber o que ele quer fazer crer. Uma palavra não é palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela.” (LACAN, 2009, p.312) No estremecimento da fala de um analisante, diante de uma interrupção, um ato falho que confessa, dependerá do ouvinte “que esse passo em si não tenha nenhuma importância” (LACAN, 2003, p. 143).<sup>127</sup>

Lacan (1998)<sup>128</sup> nos mostra que mais do que falar, o que o analisante efetua é uma verbalização, mas que isso não é sem uma testemunha. É preciso ler esse termo – verbalização – cotejando-o com o sentido de enunciar em voz alta, mais especialmente junto a sua outra correspondência semântica, a de “lavar um auto”. Segundo o Dicionário Michaelis, o verbo *lavar* indica escrever, passar para o escrito. Nesse caso, ao ser disposto junto a “auto”, adquire o sentido de preencher um auto de infração, como aquilo que fazemos ao dar testemunho de uma ocorrência por meio de um boletim policial. Portanto, ao endereçar os seus significantes a um “ouvidor”, o analisante faz o acontecimento *passar ao verbo*.<sup>129</sup>

<sup>126</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

<sup>127</sup> Seminário realizado por Lacan entre os anos de 1953 e 1954.

<sup>128</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

<sup>129</sup> Não podemos deixar de sublinhar ao leitor que, embora Freud tenha nomeado tal método como “associação livre”, não se pode afirmar que a associação seja livre. E, mesmo que à guisa de notas de rodapé, gostaríamos de acrescentar algumas observações sobre esse ponto. Lacan (1998; original publicado em 1953), atribui à associação livre uma espécie de discurso sem escapatória, na medida em que não há como desviar da estrutura inconsciente que necessariamente logra por meio da narrativa de



Nos termos de Lacan, a associação livre pode ser descrita como o duplo fluxo, paralelo, metonímico e insistente, entre o significante e o significado. Por outro lado, esse funcionamento nos coloca diante de um impasse clínico. Que a associação seja livre, não quer dizer que é para ser ininterruptamente contínua. Nesse ponto, convém interrogar sobre o que deteria esse fluxo em uma sessão.

Essa exata pergunta confirma a função determinante da escuta em uma análise. Não há cadeia metonímica que não se sustente como que apensa ao atamento de cada uma de suas unidades, e, sobretudo, que não se mantenha sem as ligações que atravessam verticalmente um significante. Um significante que se repete, por exemplo, só terá consequências se for escutado em sua insistência e retornado ao seu emissor para que surpreenda, para que também o sujeito possa vir a estranhar a sua repetição. Caso ocorra o contrário, o analista se demite de sua função de dirigir o tratamento. As intervenções, efeitos do que uma escuta acusa, indicam e cingem os pontos pelos quais o circuito da fala se endereça.

Em última instância, uma série de palavras *não basta* para que estas se assumam como frase. É necessário um último termo para fechar a sua significação, que sela, retroativamente, o efeito de cada um dos significantes. Não basta, é preciso uma palavra que faça função de ponto de basta, que parece ser o que Lacan (1998)<sup>130</sup> nomeia em *Função e Campo* como “pontuação oportuna”, a qual leio mesmo como uma intervenção, suspendendo a cadeia metonímica, que, por definição, tende ao infinito.

cada um, na insistência, na persistência da cadeia significante. A rigor, não há possibilidade de falar qualquer coisa que não tenha a ver com o próprio sujeito. Embora a associação livre desencadeie a passagem de um significante a outro, esse trabalho não esgota o campo do dizer. O discurso dos analisantes não escapa a uma repetição. Invariavelmente, esbarra em um mesmo conteúdo, um mesmo significante que surpreende o fluir da fala. Freud (2006a; 2006b, originais publicados, respectivamente, em 1914 e 1920), sensível ao impasse concernido em tais conteúdos reiterativos, se defronta com um limite, automatizado justamente na repetição. Tal fenômeno escancara um funcionamento que sobrepuja o princípio do prazer, indicando uma opacidade na pretensa memorização, e, ainda, traduz e aponta para o que resta do circuito da fala em análise, que não se apreende e, no entanto, relança o dizer. A reformulação da teoria pulsional é a consequência inevitável do enigma que tais manifestações clínicas impõem. Lacan, atento à Freud, dá corpo à repetição situando-a no campo da linguagem, desconsiderando o acaso como causa e estabelece a repetição como efeito da sintaxe inconsciente. Assim sendo, podemos afirmar que a associação é livre, mas não que é isenta de uma determinação. Do mesmo modo como Lacan (*Ibidem*) pôde apreender uma regularidade no jogo de cara e coroa, não há nada de arbitrário nos acontecimentos psíquicos, pois os fenômenos inconscientes apresentam uma estrutura fixa. Há uma lei na determinação simbólica, e a técnica analítica repousa inteiramente sobre o fato de que a associação livre está determinada inconscientemente.

<sup>130</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953(b).

O ponto de basta é tributário do trabalho de Lacan (1999; 2010)<sup>131</sup> com a psicose. É curioso notar que tal designação faz ato ao se nomear, melhor dizendo, ao se *bastar*, na medida em que o ponto de basta produz uma significação que denota justamente o efeito que está em jogo aí. Tomado de empréstimo do fazer do artesão, trata-se do ponto que alinhava, costura um pedaço e outro de um tecido, sem o qual restariam disjuntos. No campo da linguagem, trata-se do que detém o fluxo da associação livre, preservando, contudo, uma certa elasticidade nas ligações entre dois termos. O estatuto do ponto de basta é mítico, já que não é possível fixar, colar, um único significado a um significante. O que se pode fazer é afixar um significante a outro que, neste caso, produz o encontro com algo novo, o advento de uma significação (NANCY e LACOUE-LABARTHE, 1991).

Do lado do significado opera a retroação do significante. Não importa que forma demos ao termo cadeia significante, a partir do momento em que há cadeia significante, existe frase. E existe frase quando alguma coisa se fecha no nível do significante, ou seja, tudo aquilo que foi enunciado de significante, em seu lugar, entre o começo e a pontuação. O sentido se fecha quando é dita a última palavra da frase (LACAN, 1999, p. 527).<sup>132</sup>

### 3.4 Escuta flutuante: inconsciente como “órgão receptor”

Retornemos à Freud (2019), para examinar o que escreveu acerca da escuta analítica, ou, segundo designou, “atenção flutuante”. Ele a descreve do seguinte modo: trata-se, para o analista, de endereçar o seu inconsciente como *órgão receptor*, ao inconsciente emissor do paciente, tal como ocorre a transmissão entre um telefone e seu ponto de audição. Este último “transforma em ondas sonoras as oscilações elétricas da linha”, do mesmo modo que o inconsciente do analista, ao escutar, reconstitui “a partir das *ramificações do inconsciente* que lhe são informadas, esse inconsciente que determinou as ocorrências trazidas pelo paciente” (FREUD, p. 99, grifo nosso)<sup>133</sup>.

Encontro na citação acima contribuições valiosas para avançar no problema desta tese. Proponho lê-la com cuidado. Freud indica que o analista dirige o seu próprio inconsciente como *órgão receptor*. É realmente surpreendente que, nesse caso, ele não faça referência a nenhum órgão biológico, como os ouvidos, no caso da escuta, ou a boca, no

<sup>131</sup> Seminários realizados por Lacan, respectivamente, entre os anos de 1957 e 1958; e 1955 e 1956.

<sup>132</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1957 e 1958.

<sup>133</sup> Original publicado em 1912.

caso da fala. De outro modo, aponta que o analista escuta *com o inconsciente*, sendo este o órgão em questão a operar como receptor. Ao que parece, Freud encontra-se, desde aí, entusiasmado pela questão do que atravessa o corpo em termos inconscientes. Anos depois, em 1915, teríamos acesso ao conceito mais amplamente desenvolvido de pulsão, que se formula no esforço de tentar designar o limítrofe entre o somático e o psíquico (FREUD, 2010)<sup>134</sup>. Como consequência, o órgão é submetido à determinação inconsciente, destituído de sua função puramente orgânica. Como brinca Lacan (2008, p. 103)<sup>135</sup> “a função, dizem, cria o órgão. Puro absurdo – ela nem mesmo o explica”.

Dando sequência à leitura atenta da passagem citada acima, leio que a escuta, ao se deter nas *ramificações inconscientes* produzidas pela fala, produz uma construção. Em função das lacunas, interrupções que suspendem uma cadeia associativa, não se deve esperar um discurso lógico, organizado e coerente dos analisantes, pois o que de fato concerne a uma análise são as ramificações simbólicas, estas que, à revelia consciente, falam. De fato, o dito só adquire uma significação no *a posteriori*, motivo pelo qual, inclusive, Freud (2019)<sup>136</sup> contraindica anotações durante a sessão, posto que submeteriam o material apresentado pelo paciente a uma seleção. Ao fazê-lo, o analista só escutará aquilo que for determinado por sua intenção, ecos de sua expectativa, encontrando apenas correspondências ao que já esperava, e, portanto, falsificando o conteúdo. Retomando o que foi escrito à minha revelia nesta tese, na troca entre “surpreender” e “antever”, “vislumbrar”, não se trata de escutar antevendo, senão deixando-se surpreender. Sobre isso, Lacan (2016, p. 28)<sup>137</sup> pontua que o analista deixa-se guiar pelos “termos verbais” encadeados na fala do analisante, e, ainda, que não se deve presumir, acerca deles, qualquer ideia que seja. Logo, diante da prescrição ao analisante de que diga tudo que lhe venha à mente, Freud sugere, como contrapartida, deixar-se levar, deixar-se ser conduzido pelas associações do paciente.

Enquanto escuta, diz Freud (2019, p. 135)<sup>138</sup>, “entrego-me ao decurso de meus pensamentos inconscientes [...]”. Logo, noto que tanto a associação livre quanto a escuta analítica se pautam em um mesmo fundamento: por aquilo que vem à tona, de modo súbito. Ao surpreender aquilo que irrompeu, o sujeito tenta catar as consequências daquilo que

---

<sup>134</sup> Original publicado em 1915.

<sup>135</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

<sup>136</sup> Original publicado em 1912.

<sup>137</sup> Seminário realizado por Lacan em 1975.

<sup>138</sup> Original publicado em 1913.

escorregou das palavras, uma espécie de atravessamento a queima roupa. O analista, então, aponta com a sua intervenção para essa palavra em queda livre, testemunhando também o trajeto desse deslize.

Um outro desvio se faz necessário, a fim de examinar a expressão freudiana *gleichschwebende Aufmerksamkeit*, em português, atenção flutuante. Nas diversas edições brasileiras da obra de Freud encontram-se as seguintes traduções: atenção ou escuta flutuante, atenção ou escuta equiflutuante, atenção difusa, atenção distraída. Iannini e Heliodoro (2019), destacam que o termo *atenção*, se transposto para o alemão, apresenta duas possibilidades: *achtung*, que seria atenção pontual ou *aufmerksamkeit*, que seria atenção continuada. Há, também, outra tradução comumente difundida, que transforma a expressão freudiana em um neologismo, nomeando-a como *atenção equiflutuante*.

Paul-Laurent Assoun (1999), por sua vez, nota que o adjetivo *gleichschwebend*, além de indicar uma flutuação, refere, sobretudo, à quantidade de batidas de asas suficientes para um pássaro poder planar. Encontro em sua proposta algo precioso. A ideia de trabalhar a escuta como batidas de asas, como uma pena que flutua pelos significantes encadeados em uma sessão, nos faz pensar no voo de um avião. Podemos considerar que, para planar, é necessário que o veículo atinja uma certa distância do chão para que possa flutuar no céu. No âmbito da psicanálise, esse veículo seria tanto a escuta quanto o inconsciente, já que, como vimos, Freud faz ambos se equivalerem. Trata-se, portanto, de alcançar uma certa altura do chão, um certo nível de distração, que é sempre inexato e impossível de precisar, para se deixar levar pelas associações do analisante. Distrair os ouvidos para *des-trair* a escuta-inconsciente. É possível, ainda, forjar uma outra aproximação a partir dessa metáfora introduzida por Assoun e da qual me apropriei. A batida de asas mencionada por ele, remete, quase que imediatamente, à pulsação inconsciente, ao ritmo de sístole e diástole, de abertura e fechamento inconsciente (LACAN, 2008)<sup>139</sup>. A escuta-inconsciente, portanto, é a própria flutuação das batidas de abertura e fechamento, por meio das quais, desse céu de significantes, algo precipita, desliza, chove. Sublinho isto ao leitor, como que constituindo uma cortina de significantes que nos farão companhia no terceiro capítulo: avião, voo, céu de significantes, algo cai.

Por ora, lembremos que o inconsciente segundo Freud é mesmo ruptura, descontinuidade – ou desmoronamento, invasão, queda, se quisermos usar os termos

---

<sup>139</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

concernentes ao campo semântico da associação livre. Entremeadada por uma concepção errônea ou uma leitura ingênua de seu texto, há uma ideia popularmente difundida de que o inconsciente seria localizável, e que estaria em um “local” submerso. Se assim fosse, caberia ao analista extrair algo de dentro, como do fundo de um armário, ou de um oceano (LACAN, 2008). Em uma montagem bastante conhecida, de ampla circulação pela internet, vemos um *iceberg* submerso no oceano, indicando com setas que o que fica acima da água seria acessível ao conhecimento, portanto, consciente, e o que resta oculto, o que não podemos “ver” a olho nu, o inconsciente.

Todavia, Freud concebe as formações do inconsciente como efeitos pontuais, evanescentes, ou, como bem sintetiza Lacan, *descontinuidade* no real. O uso desse termo, “descontinuidade”, de modo algum sugere que o inconsciente advém de um “todo” ao qual se remeteria ou se destacaria como parte integrante. Como Caldas (2007) sublinha, Lacan interroga a relação causa-efeito, desalojando a primeira de uma anterioridade. É o efeito que nos dirá sobre a causa, e ele sempre se apresenta como irrupção. Esse novo, que advém em descontinuidade com o discurso, não está lá *a priori*. Trata-se, ainda, de uma descontinuidade descrita nos termos da pulsação inconsciente cujas batidas se orquestram como a sístole e diástole coronariana, abrindo para, em seguida, se fechar.

A fim de demonstrar tal funcionamento, Lacan (2008)<sup>140</sup> se utiliza da *nassa*, uma espécie de rede construída para capturar peixes. A mecânica envolvida nesse artefato, pressupõe que o quando o peixe é atraído pela isca, ele a estimula. Contudo, isso não é suficiente para que o alvo seja detido. É necessário que a isca responda ao estímulo, capturando-o por fim. Do mesmo modo, o inconsciente se funda (se fuga)<sup>141</sup> no que cutuca a isca, um significante que pulsa para, em seguida, desviar e não ser içado. Contudo, se a isca não responder ao estímulo, o peixe escapa, tal qual um significante pode passar distraído em uma sessão – que não se escuta.

Notem, portanto, que é responsabilidade do analista homologar ou mesmo abolir a dimensão do sujeito em seu dizer, sustentar o discurso do analisante, e responsabilizar-se por nele intervir, e, também, por seu silêncio. A escuta flutuante *aloja* associações do falante, demarcando um lugar simbólico do qual ele parte ao falar, ponto

<sup>140</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

<sup>141</sup> Ao reler, em voz alta, essa frase escrita, em que inicialmente se lia “o inconsciente se funda [...]”, me vi atravessar por um ato falho, pois li *se fuga* em vez de *se funda*. Por remeter justo ao ponto em que algo se toca, mas se perde em seguida, modo de pulsação inconsciente, decidi integrar o erro como parte escrita do texto.

em que a palavra vazia terá podido se afirmar como plena (LACAN, 1998)<sup>142</sup>. A questão da escuta na clínica defronta o analista com uma tarefa ética: não ser solidário ao fechamento do inconsciente. A regra da abstinência descrita por Freud (2006)<sup>143</sup> orienta a manter o apelo do analisante pela resposta dos seus sintomas em aberto, não o preencher com respostas vãs, na aposta de que a questão ali endereçada possa ser relançada e desdobrada. Não obstante, é preciso reconhecer que essa recusa não nos torna inertes. De outro modo, estamos ali testemunhando o modo como o analisante formula essa indagação, escutando esse traçado que assim é desenhado em busca da “resposta”, e também os significantes que usa para descrever o seu sofrimento, já que é desse modo que um sujeito *se faz* reconhecer. Por isso Lacan (1998, p.142) faz referência a um “ato de fala” cujo efeito se obtém menos por comunicar do que por ser o fundamento do sujeito, seu anúncio.

O próprio dispositivo de análise provoca um certo modo de escuta nos analisantes. Não raro, testemunho uma espécie de *fisgamento* pelo enigma que o significante impõe, por uma opacidade que resta inexplicável na incoerência de suas ações. Também os analisantes ficam à escuta, como que premidos pelo enigma que o falar produz, e, desse modo, menos entusiasmados pela resolução de uma verdade única. Ou, como diz Mandil (2003, p.143), aprendem a ler justamente “essa impossibilidade que jamais se escreve”. É por essa via que leio, em *O Seminário II*, a proposta de considerar a transferência como instante do fechamento do inconsciente (LACAN, 2008)<sup>144</sup>. Ao não se perguntar por aquilo que está dizendo, ou ao não escutar o seu dizer, o analisante passa o poder ao analista, supondo residir nele o saber. Se não cair nessa armadilha, o analista ratifica e relança a pulsação contingente do inconsciente, designando ao sujeito a convocação de descobrir a sua dimensão de importância. A fala plena já antecipa a sua resposta, o analista a escuta e repete o seu refrão (LACAN, 1998)<sup>145</sup>.

Por outro lado, é urgente também reconhecer que a “abstinência” não deve ser a única direção a ser considerada em um tratamento. Trata-se mais de uma advertência, uma via de manejo de transferência e, sobretudo, é o cerne da atenção flutuante. É somente ao não supor saber o que aquilo quer dizer, que o analista terá podido escutar um dizer em análise. É importante manter e sustentar a dimensão do “querer dizer” em aberto, e não

---

<sup>142</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

<sup>143</sup> Freud iniciou a redação em 1914, sendo publicado originalmente em 1915.

<sup>144</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

<sup>145</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

suturá-la, pois justamente ela relança o endereçamento, o flutuar da escuta e também o da palavra em sessão.

Retomando as palavras de Freud (2019)<sup>146</sup> em sua tentativa de definir algo tão complexo como a escuta analítica, é precioso que ele atribua um órgão de audição inconsciente à escuta analítica, em um momento ainda tão incipiente de sua clínica. Destacamos que, desde aí, ele demonstra o traçado de um circuito pulsional implicado no ato de escutar. Não se escuta com os ouvidos – mas com o inconsciente. Do mesmo modo, é preciso calar o ouvido para escutar, como verifica-se no dizer bíblico, “ouvidos para não ouvir”. Com o auxílio do objeto *a* é possível pensar nesse órgão inconsciente-escuta, que contempla o irreduzível à cadeia significante e o sentido como efeito, pontual e provisório, do reenvio de um significante a outro.

Embora Freud não tenha formulado a voz propriamente como um dos objetos parciais da pulsão, convém apontar que ele não se abstém de apontar a *esquize* entre o campo da audição (que visaria a um entendimento) e o da escuta-inconsciente. Ao efetuar uma nova volta à elucubração freudiana, Lacan (2005)<sup>147</sup> acrescenta a voz e o olhar ao *rol* de objetos e estabelece um certo modo de funcionamento para a pulsão, descrevendo-a nos termos de um circuito demarcado por três tempos. Ademais, concebe a tais objetos um estatuto particular, nomeando-os com um “*a*”, aquilo que a pulsão incessantemente visa, mas pode apenas contornar. Nesse momento, o psicanalista introduz a ideia de algo que se furta à representação, uma falta irreduzível ao significante. A própria nomenclatura utilizada para designá-lo – “*a*” – faz referência a um resto que não é absorvido pela fala. Essa característica assume uma radicalidade no *Seminário 11*, no qual Lacan (2008)<sup>148</sup> concebe o objeto *a* como nada mais que um cavo, um lugar vazio, em torno do qual a pulsão se desenha.

A fim de seguir o propósito da tese não convém dedicar um único capítulo a teoria/erotologia lacaniana de objeto *a*. É importante, contudo, apresentar breves considerações sobre o circuito pulsional concernido no objeto voz, para deixar o leitor a par de alguns desses pressupostos toda vez que houver menção ao circuito implicado na escuta em análise.

---

<sup>146</sup> Original publicado em 1912.

<sup>147</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1962 e 1963.

<sup>148</sup> Seminário realizado em 1964.

Embora a voz enquanto objeto só tenha sido formalizada em 1962, é possível encontrar este tema em 1955, no seminário sobre as psicoses. Na ocasião, Lacan (2010)<sup>149</sup> trabalhou os fenômenos de alucinação auditiva e de automatismo mental, tão frequentemente presentes nesses casos, e que evidenciam de modo paradigmático a cisão entre a voz e o aparelho de fala e de escuta. Ele examina esse problema a partir da relação que a boca e as orelhas desempenham no campo vocal. Segundo nos mostra, é simplista e equivocado supor que um sujeito se escuta enquanto fala, já que a significação se relaciona a outra coisa. No fecho do circuito, a pulsão não retorna para o sujeito, mas para o Outro.

Embasado nessa constatação lacaniana, Erik Porge (2014) propõe um novo esquema para examinar a voz, argumentando que estaria situada num *entre*, entre a oralidade e a auriculidade, pois ele entende que Lacan postula o ouvir e o falar como duas faces de uma mesma superfície, tal como na figura topológica de Moebius. À vista disso, Porge procede uma torção, argumentando que o orifício da orelha pode se projetar sobre o da boca, constituindo, por este traçado, uma superfície tórica<sup>150</sup>. É no entre-dois do ouvir e do falar que vão deslizar as formações do inconsciente, tanto os lapsos da fala quanto os da escuta, os esquecimentos de palavras, os atos falhos, e também as formações sintomáticas.

O trajeto da pulsão invocante é então um trajeto em duplo laço, em oito interior, correspondendo à borda moebiana entre o ouvir e o falar à qual fazia referência Lacan. Ela se fecha sobre um vazio [...], no qual o *a* ocupa esse lugar. Um vazio que Lacan assimila ao silêncio (PORGE, 2014, p.92).

Posteriormente ao seminário das psicoses e a fim de demonstrar a especificidade do objeto voz, Lacan (2005)<sup>151</sup> se utiliza do chofar, um instrumento judaico cujo som representaria a voz de Deus. Ao ser utilizado, emite uma espécie de mugido que comove, inquieta, estarrece, provocando um efeito inusitado. Para Lacan, esse efeito produz corte, que se relaciona ao fato de estar inscrita, nesse som, a função paterna. Trata-se de um significante depurado, não mais articulado na cadeia, mas puramente vocalizado. É por isso que ele o aproxima do supereu.

<sup>149</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1955 e 1956.

<sup>150</sup> Ao longo de seus escritos e seminários, Lacan lançou mão de figuras da topologia como suporte para transmitir suas elucubrações, apostando no efeito que essas estruturas podem trazer. A banda de Moebius é uma superfície única que se apresenta sob a forma de uma faixa retorcida. O toro, por sua vez, é uma superfície esférica, fechada e sem bordas, semelhante a uma câmara de pneu, ou a uma boia inflada, e possui duas faces, uma interna e outra externa (CHAPUIS, 2019).

<sup>151</sup> Seminário realizado por Lacan entre os anos de 1962 e 1963.



A voz assume a apresentação de objeto *a*, isto é, como potencialmente separável, na medida em que é o que cai da demanda do Outro. O impacto aí concernido não remete à consequência de algo que foi dito. A voz é invocante porque convoca o sujeito a se representar, a se presentificar enquanto tal.

Ao reconhecer, portanto, que a voz é o único dos objetos a não prescindir de um Outro – presença que não é física, mas fantasiada, suposta, como no som do chofar –, Vivès diferencia a fala circunscrita no âmbito de uma conversa, da fala na sua dimensão de voz, posto que, nesse caso, há manifestação inconsciente. Ele nomeia como *timbre* esse ponto que excede à fala, e é ele “que nos soa quando, em uma sessão, ouvimos, admirados, mais além das palavras, um sujeito situar-se em sua fala e advir” (Vivès, 2018, p.47).

Desse modo, é de Outro lugar que o analisante se escuta em uma sessão. Como no caso de Laznik (2009), é ao contornar esse Outro que ela escuta seu dizer, tão seu quanto estrangeiro, posto que vem de alhures. Portanto, enquanto o “se ver”, a pulsão escópica, (ver – fazer-se ver/ser visto – vendo-se ver-se) implica um circuito que retorna ao sujeito, o *se escutar* implica o Outro e se fecha de um Outro modo.

Nesse sentido, o choro inaugural do *infans* não é, ainda, um apelo. Ele só se constitui enquanto tal em um segundo tempo, no que o Outro intervém, ratificando o seu choro como um endereçamento. O circuito da pulsão se realiza a partir da invocação, consistindo no fato de fazer-se voz e assim convocar o Outro que, em retorno, interpreta o grito. Tal qual aponta Caldas (2007), a voz se depura do material sonoro mediante uma operação de corte, isto é, quando uma intervenção cinge e, dessa forma, instaura um intervalo que estabelece uma diferença e que permite uma seriação.

A condição para que um eco seja produzido, é a de ter um espaço que propicie que o som emitido ressoe e que, na medida em que se defronta com uma superfície que lhe faça barreira, retorne à fonte de onde foi propagado. É responsabilidade do analista retornar ao remetente o seu grito. A introdução de um significante, ao ser escutado, pode levar a termo a dimensão da tagarelice que, de outro modo, persiste na vacuidade da vadiação. Ao intervir na fala, o analista escande uma abertura na surdez, retornando ao emissor e fazendo-o escutar o escândalo de um chiste, por exemplo (DIDIER-WEIL, 2009). Como no caso do apólogo hinduísta do qual Lacan se utiliza para propor uma inovação na técnica interpretativa em análise:

Quando os devas, os homens e os assuras, lê-se no primeiro *Bhradarankaya Upanishad*, terminaram seu noviciado [...] com Prajapati, fizeram-lhe esta súplica: "Fala-nos."

"Da", disse Prajapati, o deus do trovão. "Haveis-me ouvido?" E os devas responderam: "Tu nos disseste: **Damyata, domai-vos**" – querendo o texto sagrado dizer que as potências superiores submetem-se à lei da fala.

"Da", disse Prajapati, o deus do trovão. "Haveis-me ouvido?" E os homens responderam: "Tu nos disseste: **Datta, dai**" – querendo o texto sagrado dizer que os homens se reconhecem pelo dom da fala.

"Da", disse Prajapati, o deus do trovão. "Haveis-me ouvido?" E os assuras responderam: "Tu nos disseste: **Dayadhvam, perdoai**" - querendo o texto sagrado dizer que as potências inferiores ressoam à invocação da fala.

Eis aí, retoma o texto, o que a voz divina faz ouvir no trovão: **Submissão, dom, perdão**. Da da da.

Pois Prajapati a todos responde: "**Vós me ouvistes.**" (LACAN, 1998, p. 323-324, grifo do autor).<sup>152</sup>

Traçado circular no qual só terá havido mensagem no retorno que dela recebo do Outro. Circuito pulsional cuja partida localiza-se no sujeito que ao falar se faz escutar na medida retorna de Outro lugar. *A posteriori*, retroativamente no fecho do circuito, ele terá podido dizer: você escutou, eu escutei. Efeito de retroação pelo qual o sujeito, em cada etapa, transforma-se naquilo que era, como antes, e só se anuncia "ele terá sido", na temporalidade do futuro anterior (LACAN, 1998, p. 823)<sup>153</sup>. Trata-se do que ele terá sido para aquilo em que está se transformando. Nesses termos, o analista testemunha algo do passado que se inaugura e, no mesmo golpe, se articula ao porvir.

Como Porge (2014) situa, no eco não se trata de uma reduplicação idêntica, ao modo especular, mas de uma repetição modificante. No que a mensagem retorna de modo invertido, ela retorna deslocada, em continuidade e descontinuidade, circunscrita não em um circuito dual, mas numa relação ternária entre emissor, receptor e a linguagem, que imprime no que se diz a possibilidade de malograr no que intencionou dizer.

---

<sup>152</sup> Proferido, por Lacan, no seminário realizado em 1953.

<sup>153</sup> Seminário realizado por Lacan em 1960.

### 3.5 À escuta que arrebatada a forma

Seguindo no esforço de deslocar a escuta de um ofício que se proponha a elucidar, esclarecer, encontro em Nancy (2014) uma leitura que toca no cerne do problema desta tese. O autor sugere um modo de operar esse ofício na clínica: “estar à escuta”. Estar à escuta é como dobrar-se à lógica do inconsciente, disponibilizando-se como que à mercê do instante contingencial em que uma enunciação poderá surpreender.<sup>154</sup>

Embora a expressão “estar à escuta” possa fazer parecer que há um sujeito que desempenha uma ação, o autor destaca que se trata justamente do contrário. Mesmo que mencione um “sujeito da escuta”, enfatiza que está sempre por vir, jamais dado de antemão, e que se insurge atravessado e atropelado. Contrapõe-se ao que ele chama de um “sujeito da visada”, sempre posicionado em seu ponto de vista. Bernardo (2014), tradutora de Nancy, nos lembra que para ele “ponto de vista” é empregado com um duplo sentido, tanto pode ser lido como ponto de vista, no sentido mesmo de perspectiva, quanto como “nenhuma vista” e, portanto, cegueira. De certo modo, o ponto de vista sempre é um ponto de cegueira, já que não permite ver o que está para além do seu horizonte ou do seu enquadramento – está sempre “antevendo”, não vulnerável à surpresa.

Nancy (2014) toma o sonoro como objeto de investigação e constrói outro conceito para falar sobre a ressonância. O que esta coloca em jogo é um reenvio, reenvio de uma diferença, movimento metonímico que deixa o sentido sempre *en souffrance*, à espera, à instância. Um reenvio de um aqui a um algures. Desse modo, escutar insere-se não no campo do significado, mas da significância, que causa o reenvio sem-fim, que não é senão este próprio relançamento.

É possível considerar que a escuta analítica implica estar disponível à afetação, e não ao conceito, aberto ao reenvio de significantes, o que não é mais que este relançamento da pulsação inconsciente. Ou, como o próprio comenta, “estar disponível ao encetamento do sentido e, por conseguinte, a uma incisão, a um corte na indiferença insensata, ao mesmo tempo que disponível a uma reserva anterior e posterior a toda a pontuação significativa” (NANCY, p. 48).

---

<sup>154</sup> Na epígrafe do livro, Nancy (2014) justifica o título de seu livro, *À escuta*: “é ao mesmo tempo um título, um endereçamento e uma dedicatória”.

Logo, seu interesse é pela escuta não da mensagem, mas do que refere como “sonoridade”. Ele faz seus leitores recordarem que Stravinsky, compositor que ficou mais conhecido pelo sobrenome, escutava, aos seis anos, um camponês mudo que produzia com os braços sons muito singulares, sons que o futuro músico se esforçaria por reproduzir. O maestro e também pianista perscrutava uma outra sonoridade, que não a vocal, um outro som, um outro sentido que não aquele que é passível de ser falado – um sentido nos limites ou na borda.

Se a escuta se distingue do *ouvir* ou do *entender* [*entendre*], ao mesmo tempo, como a sua abertura (o seu ataque) e como a sua extremidade intensificada, quer dizer, reaberta para além da compreensão (do sentido) e para-além do acordo ou da harmonia (do *acordo* ou da *resolução* em sentido musical), isso significa forçosamente que a escuta está à escuta de outra coisa que não do sentido no seu sentido significante (*Ibidem*, p. 56, grifo do autor).

Estar à escuta é escutar à margem do sentido, ou num sentido de borda e de extremidade, como se o som fosse precisamente esta franja, este litoral entre os dois. O sentido insiste, num (re)envio, sempre *en souffrance*. “Re”, a repetição, o reviramento do som onde ele ecoa fazendo-se ouvir. Para tal, para surpreendê-lo, convém estar aberto ao reenvio, já que, conforme Nancy menciona, a presença sonora *chega*, comporta um *ataque*, uma fricção, um estalido – o grito emergindo. Ressonância, para ele, é condição do sentido, sendo este o próprio traçado, desenhado no reenvio iterativo – o circuito da pulsão invocante. À vista dessa proposta, ele cunha o neologismo *ressonanciação*, que nos mostra que o sentido seria o próprio ressalto do som, e a sonoridade, por sua vez, pode ser considerada como a própria reverberação. Não tendo nenhuma característica ou qualidade, apenas é.

Uma música, ao mesmo tempo que faz calar um barulho, os interpreta. Como a pintura faz com as cores, e a escultura, com as matérias e os volumes que, desprovidos de uma forma escultural, não são senão barro e água. Nesse sentido, a ressonância, situada como (re)envio, seria o trabalho-desenho gestual das mãos que, no ir e vir dos movimentos, moldam e dão alguma forma ao barro. Este ofício de estar-fazendo-uma-escultura, trabalho permanente e, portanto, no gerúndio, pensá-lo como a ressonanciação e, transpondo-o para a psicanálise, seria o deslindar, o traçado do encadeamento dos significantes na associação livre, que dá-a-escutar, na própria metonímia, na ressonância, o reenvio da pulsação inconsciente que abre para em seguida se fechar, por meio do qual se poderá, quem sabe, surpreender, esculturado, um fragmento de escultura – ou de escuta. Nancy interroga o que

é o sujeito senão este entre, “a fricção do batimento”, entre a abertura e o fechamento, “na prega/desprega de uma dança esboçada”? (NANCY, 2014, p. 68).

Na prega e desprega da dança, um jogo de carretel que ensaia<sup>155</sup>, pelo lançamento e recolhimento do objeto, um novo começo. Uma criança que brinca de jogar e de puxar um objeto para perto de si, que se diverte com o sumiço no reaparecimento do adulto, enquanto canta para o *fort* um *das*, no ritmo de um ir e vir, logra uma assunção enquanto sujeito desejante. O sujeito terá surgido nesse entre, nesse intervalo de reenvio, “ÓÓÓ---ÁÁÁÁ”, que pontua um redobramento/desdobramento, emergindo como um marcador, *shifter*, uma hipótese em instância (FREUD, 2010; LACAN, 2008).<sup>156</sup>

Leio, em Nancy, que tanto o som quanto o campo do sonoro, dizem respeito ao ruído<sup>157</sup>, ao “que arrebatava a forma. Não a dissolve, alarga-a antes, dá-lhe uma amplidão, uma espessura e uma vibração ou uma ondulação *que o desenho não faz mais do que aproximar*” (NANCY, p. 12, grifo nosso). Entre idas e vindas à Lacan, Freud, seus comentadores, e, agora, a Nancy, reencontro, novamente, essa palavra-enigma, arrebatamento. E, junto dela, a indicação de um arrebatamento da forma, que desenha um traçado cuja função não faz mais do que aproximar. Na prega e desprega da associação livre, no *fort das* do analisante em suas associações, o analista supõe, ele aposta, que algo possa irromper e arrebatara a forma. Não seria esse arrebatamento a palavra em queda na associação livre? Ou esse instante *unheimlich* em que a nossa voz retorna de Outro lugar? Ou, ainda, a surpresa de nos escutarmos de Outro lugar?

Tendo circunscrito estas questões, convido o leitor a nos endereçarmos para o segundo capítulo. Restamos no arrebatamento para deixar antevisto, a partir dele, a

---

<sup>155</sup> Faço referência ao jogo do carretel descrito por Freud ([1920] 2010). Nessa brincadeira infantil, mais especificamente a de seu neto, ele nota que o pequeno lançava e recolhia para junto de si um carretel. Para cada movimento, o menino emitia um som, Ó-----Ó-----Ó e Á----Á----Á, respectivamente. Na leitura de Freud, tratavam-se ambos de uma resposta à partida da mãe, ressonâncias fonéticas que simbolizavam e funcionavam como suporte de sua ausência. Na leitura de Lacan ([1964] 2008), o que o menino lança para em seguida recolher é um objeto do qual é forçado a *se* destacar: objeto *a*. A reiteração presença-ausência do Outro, bem como a opacidade concernente ao seu desejo, é causa de uma *spaltung*, representante da divisão do sujeito. Ao buscar o *fort* de um *da* e sua conseqüente alternância, a repetição almeja o que não está lá enquanto representado. Quando, uma vez mais, um representante vem a faltar, o próprio jogo se assume como representante da representação, *Vorstellungrepräsentanz*, na forma de articulação significativa. A alternância denota, portanto, a articulação de uma cadeia significativa: S1- S2.

<sup>156</sup> O texto freudiano foi originalmente publicado em 1920. A referência a Lacan é de um seminário, realizado por ele, em 1964.

<sup>157</sup> Cito, ainda, outra definição de Nancy sobre o que provoca “ruído na escuta”: é esse zunido, zumbido, borborigmo correspondente ao rastro deixado no ar pela retirada do conceito, pelo desvanecimento de seu sentido semântico.

dimensão da letra que faz litoral entre a forma e o que a arrebatada. Esse desenho, espessura e vibração da erosão de terra em *Lituraterra*, separa dois campos heterogêneos. Dessa terra, arrebatada pela erosão do solo, “se fez leitura” de seus sulcos para Lacan (2003, p. 20)<sup>158</sup>.

Entretanto, antes de adentrarmos no solo de *Lituraterra*, outro trabalho se impõe. Torna-se necessário examinar as elucubrações freudianas sobre a leitura, a fim de constituir como que um estofo, uma forma, para, na sequência, nos entregarmos ao problema da letra em Lacan. A fim de circunscrever, também, o estatuto da leitura para a psicanálise, nos debruçaremos em *Traumdeutung*, o livro dos sonhos de Freud (2019)<sup>159</sup>, pois nele encontraremos um material importante para localizar, no cerne das formações inconscientes, o que se lê. Tais pressupostos trarão consequências para a operação da escuta analítica, e será preciso, uma vez mais, retirá-la do campo dos ouvidos, pois concluiremos sobre um modo particular de estar à escuta: escutar-ler. Finalmente, veremos que, em uma análise, o inconsciente é leitor.

---

<sup>158</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

<sup>159</sup> Original publicado em 1900.

#### 4 CAPÍTULO III – DO APARELHO ASSOCIATIVO DE LINGUAGEM FREUDIANO À INSTÂNCIA DA LETRA NO INCONSCIENTE: SONHO-INTERPRETAÇÃO e INCONSCIENTE-LEITOR

É bem evidente, no entanto, que no discurso analítico só se trata disso, do que se lê (LACAN, 2010, p. 91).<sup>160</sup>

Ele [Freud] passava muito tempo escutando, e do que escutava resultava algo, paradoxal em vista do que acabo justamente de dizer, que é uma leitura. Foi enquanto escutava as históricas que ele leu que havia um inconsciente (LACAN, 2016, p. 17).<sup>161</sup>

Com seu humor ácido e sarcástico, o mesmo que ficou conhecido como a sua marca identitária, Lacan (1998)<sup>162</sup> fornece um conselho inusitado aos jovens analistas: façam palavras cruzadas. Defende com veemência que suas formações devem torná-los especialistas das funções da fala e os adverte a não caírem nas tentações que os levariam a se desviarem pelas suas periferias. Em uma análise não se trata de uma relação dual, há ao menos um elemento a mais, um terceiro, o muro da linguagem. Não se trataria de perscrutar algo além desse muro, procurar nos gestos, no esgar do rosto, na passada de mãos nos cabelos, aquilo que a palavra supostamente não diria.

Em Freud (2019)<sup>163</sup>, as formações inconscientes são analisadas como um texto, indicação que perpassa as minúcias de sua obra e que encontro principalmente em seu trabalho com os sonhos. Em *Traumdeutung*, as cenas bizarras e as absurdas imagens oníricas são tomadas ao pé da letra, ao modo de uma escrita pictográfica. À vista disso, chega a equiparar a sua estrutura com a da Sagrada Escritura do livro bíblico. Ao reaver os conceitos freudianos, Lacan (1998) recupera a estrutura de uma linguagem no inconsciente, desconsiderada por tantos analistas, contemporâneos dele, pertencentes à *International Psychoanalytical Association*. A sobredeterminação dos sintomas, os rébus oníricos, a polissemia da tirada espirituosa, todas elas denunciam uma trama simbólica.

Do trabalho com esse gesto freudiano, que revela a matriz textual dos sonhos, extraio um ponto crucial para a presente tese. Encontro descrito em *Traumdeutung* o entrelaçamento entre a escuta analítica e a operação de leitura. Por meio dessa inferência clínica freudiana,

---

<sup>160</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1972 e 1973.

<sup>161</sup> Seminário realizado por Lacan em 1975.

<sup>162</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

<sup>163</sup> Original publicado em 1900.

a mesma que situa o sonho como um efeito de linguagem, interrogo: de que leitura se trata quando trabalhamos com o inconsciente?

As imagens oníricas prenes de *nonsense* são novas figurações produzidas pelo trabalho de censura do recalçamento.<sup>164</sup> Os mecanismos do processo primário, deslocamento e condensação – ou, nos termos de Lacan, metonímia e metáfora –, intervêm sobre os restos diurnos, uma situação vivenciada em momento recente ou no mesmo dia, alguma frase escutada, algum significante que foi dito. Esses fragmentos são revirados, esmigalhados, desmembrados, amalgamados, e realizados em uma nova forma, a de uma escrita. Embora as ligações entre um elemento e outro possam parecer incongruentes ou aleatórias, Freud (2019)<sup>165</sup> não deixa de constatar uma estreita associação entre seus conteúdos. Cada pictografia que aparece no sonho deve ser examinada como um ponto nodal para a qual múltiplas representações convergem e, portanto, predestinada à ambiguidade e suscetível ao equívoco.

Na trama de significantes que se difundem e se condensam para a formação de um sonho, o desejo e a interpretação se situam como os fundamentos. Freud é categórico ao afirmar que o sonho é a realização do desejo inconsciente – mesmo no caso daqueles que produzem angústia –, sendo esta a sua força motriz. A outra tese, que acompanha esta primeira, é a de que o sonho é um “ato psíquico de pleno valor” (FREUD, 2019, p. 583), sendo, portanto, uma produção em ato do aparelho psíquico. É fundamental perscrutarmos com cautela essas duas acepções concernentes ao desejo e à interpretação, pois sua leitura será crucial para reformular o modo como regularmente a interpretação de um sonho é tomada.

O nome em alemão do escrito freudiano é *Traumdeutung*, e Interpretação dos sonhos é o título tal como traduzido para o português, segundo a edição inglesa de James Strachey. É importante interrogar, todavia se, ao lermos desse modo, não situamos o sonho e a interpretação em dois lugares díspares, separando o que, porventura, não convém distinguir? À diferença do pensamento de vigília, Freud identifica, nos sonhos, um traçado regressivo. No estado de adormecimento, as ações não podem ser efetivadas pela via da

---

<sup>164</sup> Os efeitos da censura são facilmente assimilados, passíveis de serem observados todas as vezes em que, após despertarmos, esquecemos ou vamos perdendo a nitidez e a clareza do sonho. Como Havelock Ellis descreve, podemos “imaginar a consciência do sono dizendo a si mesma: ‘Aí vem nosso mestre, a consciência desperta, que dá tanto valor à razão, à lógica etc. Rápido, pegue as coisas, coloque-as em ordem, qualquer ordem serve – antes que ela entre e tome posse do palco’” (FREUD, 2019, p. 550. Original publicado em 1900).

<sup>165</sup> Original publicado em 1900.



motilidade, e, desse modo, os estímulos subjacentes se endereçam novamente à extremidade sensorial do aparelho psíquico. Nesse circuito retroativo, o estímulo perpassa cada traço mnêmico, e, nesse mesmo ponto, é possível considerar que uma leitura se produz, o inconsciente se lê. Assim sendo, não seria o sonho mesmo interpretante desse voto inconsciente?

Trabalho com a hipótese de que, no movimento regressivo, o sonho é interpretação do inconsciente. Leem-se os significantes, efeito do movimento regressivo interpretante que é próprio de um aparelho psíquico que, conforme Freud mostra desde 1891, é um aparelho de linguagem. Não passou despercebido que mesmo em um momento ainda tão preliminar de sua prática clínica, o psicanalista já supunha uma operação de leitura ao inconsciente. Assim, o sonho será tomado não apenas como via régia de acesso ao inconsciente, mas também como uma baliza para interrogar se as formações inconscientes já não seriam, elas próprias, interpretação, e se, em uma análise, o inconsciente é leitor.

#### **4.1 O trabalho freudiano com os sonhos: via real para a estrutura de uma linguagem no inconsciente**

Embora a explanação a seguir possa deixar o leitor com a impressão de nos estendermos em demasia em alguns pontos, esclareço que esse cuidado não é irrelevante, já que é desse modo que apresento a ele minha leitura. Assim sendo, dou relevância aos questionamentos e, também, às surpresas que surgiram ao longo dos caminhos dessa leitura. O artigo a ser lido é *A concepção das afasias*. É realmente curioso, quiçá equivocado, que ele seja tomado frequentemente como um escrito pré-psicanalítico, já que nele Freud (2014)<sup>166</sup> traduz o psiquismo justamente nos termos de um *aparelho associativo de linguagem*, ou seja, trabalha sobre um problema que toca diretamente na experiência de uma análise.

Freud parte da tese do neurologista Carl Wernicke a respeito da etiologia das afasias, faz uma extensa apresentação de suas ideias para, em seguida, propor uma inflexão, demonstrando os pontos de inconsistência dessa teoria.<sup>167</sup> Segundo Wernicke, as funções

---

<sup>166</sup> Original publicado em 1891.

<sup>167</sup> Esse ensaio foi um tanto quanto ousado, já que, nele, Freud critica abertamente alguns dos neurologistas mais importantes de sua época. Em uma carta escrita a Fliess, ele confessa ao colega seu “despudor”: “Dentro de poucas semanas, darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre a afasia, pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso. Nele, sou muito despudorado, terço armas com seu

da linguagem são desempenhadas por duas áreas específicas do cérebro, sendo uma responsável pela função sensorial (apreensão sonora e acústica das palavras) e, a outra, pela função motora (aspectos motores da fala). Dessa maneira, os estímulos sensoriais que chegam ao córtex cerebral deixam marcas duradouras, resíduos de estímulos, *imagens mnêmicas*. O centro sensorial (nomeado de Área de Wernicke), recebe essas impressões oriundas dos sons da fala, enquanto a área motora (nomeada de Área de Broca) reúne as *imagens motoras* dessa linguagem memorizada. Por conseguinte, uma lesão ou patologia que comprometa a primeira área decorre na perda das imagens acústicas da palavra, tornando o paciente incapaz de compreender o que lhe é dito – caso da afasia sensorial ou surdez verbal. Em contrapartida, se o mesmo ocorre na Área de Broca, há uma destruição das imagens motoras, ocasionando a impossibilidade de “inervar os núcleos dos nervos cerebrais motores” responsáveis pela produção dos sons articulados da linguagem – caso da afasia motora. Ambos os casos são descritos como “afasias centrais”. As duas áreas supracitadas se conectam no córtex insular, que reúne a imagem acústica com a motora, de modo a executar as funções das duas áreas: compreender o que é escutado, bem como formular o que é dito. O dano patológico dessa via de ligação, por sua vez, resulta na afasia de condução, a qual mantém preservada a compreensão e a articulação da linguagem, mas acomete o paciente de uma confusão na troca de palavras e de insegurança para empregá-las, na tentativa de se comunicar.

Freud (2014)<sup>168</sup>, no que lhe toca, recusa a localização de um substrato fisiológico da atividade mental em uma ou outra parte do cérebro. Contrariamente a Wernicke, infere que os processos mentais estão submetidos a outro tipo de funcionamento, sendo o de um *Spracheapparat*<sup>169</sup>, um aparelho de linguagem cujo modelo, posteriormente, estabelece a estrutura mesma do inconsciente. Nessa perspectiva, portanto, os distúrbios afásicos são decorrentes de uma *interrupção na associação*. Sobre isso, é importante que o leitor

amigo Wernicke, com Lichtheim e Grashey, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert” (FREUD, 1968, p. 28). Na carta posterior a esta, ao receber a resposta do amigo, ele lhe replica: “Senti medo de ter estragado as coisas com o Sr. por causa da afasia” (*Ibidem*, p. 29), provavelmente se referindo ao medo de perder o apreço de Fliess, por haver criticado amigos dele.

<sup>168</sup> Original publicado em 1891.

<sup>169</sup> Jacques Nassif propõe que o termo em alemão seja traduzido para “appareil à langage”, uma vez que esta forma permite expressar o que está em questão para Freud nesse momento: a linguagem como efeito do funcionamento deste aparelho, e não como um mero instrumento da linguagem, como sugere a tradução comumente usada, “aparelho da linguagem”. No entanto, manterei o uso desta expressão, por não encontrar uma tradução mais adequada, mas, advirto o leitor de que, em verdade, estou trabalhando afinada com a particularidade que Nassif sugere.

averigue que, enquanto o neurologista patologiza a interrupção da fala, Freud não apenas fica obstinado nesse fenômeno, mas decide mesmo investigar as possíveis causas.

Seguindo esse fio, encontro-me com a aproximação que Freud (2014)<sup>170</sup> faz entre o estado patológico e o normal, ao propor que certos “distúrbios” na fala podem ser depreendidos em circunstâncias de cansaço ou de desgaste emocional, o que sugere uma “anormalidade” que é intrínseca ao campo da palavra. Nesse sentido, a afasia de condução (que, como mencionado, é uma afecção que acomete a via condutora entre a área motora e a área sensorial da linguagem) é, para Freud, um fenômeno de parafrasia. Garcia-Roza (2014) a descreve como distúrbio que se expressa pela palavra falada, consistindo na substituição da palavra-alvo por outra, errônea, mas que ainda mantém uma afinidade de campo semântico. Ou seja, trata-se de uma construção equivocada na tentativa de dizer a “correta”.<sup>171</sup> Ao pesquisar sobre o termo parafrasia no dicionário, deparo-me com a seguinte definição: “perturbação da palavra”.

Como consequência da proposta freudiana de um aparelho psíquico de linguagem, não é mais possível separar representação (imagens mnêmicas) e associação. Tampouco se torna aceitável dissociar impressão e associação. A evidência clínica de que uma “perturbação da palavra” pode acometer pacientes ditos “normais” – cujas áreas cerebrais responsáveis pela linguagem estão preservadas, por assim dizer – comprova que a excentricidade e a estranheza são intrínsecas à linguagem, e que, por esse malogro, a palavra assume uma outra significação, excedendo o sentido dicionarizado.

Assim sendo, ao apontar as incoerências de Wernicke, o psicanalista instaura um modelo de aparelho psíquico inteiramente novo cujo funcionamento se dá por condução e, sobretudo, por associações. Ademais, é também inédito que Freud admita uma operação de leitura com base no psiquismo. Neste artigo, ele situa a associação como um eixo do processo de alfabetização. Aprender a ler é “um processo bastante complicado, ao qual corresponde necessariamente um *repetido vaivém no sentido da associação.*” (FREUD, 2014, p. 92, grifo nosso).<sup>172</sup> Neste ponto, a pergunta que não posso deixar de formular é se

---

<sup>170</sup> Original publicado em 1891.

<sup>171</sup> Como variação de “parafrasia”, encontro o verbete “paráfrase”, um recurso de interpretação textual que remete ao mesmo movimento de substituição de uma palavra por outra. No dicionário Michaelis, há as seguintes possibilidades de significado, e que auxiliam a considerar o que Freud pondera como não sendo, em si, patológico: “maneira diferente de expressar algo que foi dito”; “versão em verso de um original em prosa” (e vice-versa); “no Renascimento, técnica de contraponto em que uma ou mais vozes faziam citações de uma melodia de cantochão”.

<sup>172</sup> Original publicado em 1891.

esse funcionamento não seria o mesmo que, anos depois, ganharia o nome de “associação livre” por Freud (2019).<sup>173</sup>

É digno de ressalva que o bojo da técnica psicanalítica é elaborado nesse momento, surgindo atrelado a uma operação de leitura. À vista disso, a ideia de que *A concepção das Afasias* seria um escrito pré-psicanalítico não pode ser corroborada. É fundamental atentarmos para a sutil e contundente formulação que parece estar se delineando para Freud, quando se depara com essas “perturbações” próprias do campo da palavra no sujeito. Percebam que, através dessa inferência, ele extrai consequências que seriam decisivas para a ciência da época, engendrando uma terapêutica que não apenas inclui os desvios da linguagem, mas os torna instrumento de trabalho.

Retornemos ao exame do artigo. Neste, a palavra é conceituada como um compósito, um complexo intrincamento entre componente visual, componente acústico e motor. Lê-se ao sequenciar, cadenciar as palavras que constituem uma frase. Freud está transmitindo a nós, leitores, algo da própria estrutura do significante, do modo como seria retomado por Lacan.<sup>174</sup> Ao definir que a leitura se efetiva por um processo associativo, “em vaivém”, é possível encontrarmos aí um índice do que posteriormente será estabelecido como deslocamento e condensação, as leis próprias do inconsciente. Portanto, esse modelo de aparelho psíquico converge com o modo de examiná-lo, isto é, direciona o modo de escutá-lo e também interpretá-lo – ou lê-lo. Para escutar as incidências desse aparelho associativo de linguagem, é preciso também escutar as suas associações “em vaivém” e, sobretudo, tomá-las na letra, lê-las.

Tal modelo de aparelho de linguagem é retomado, anos depois, em *Traumdeutung*. Nesta ocasião, ele é sistematizado como uma estrutura tripartite, sendo cada instância responsável por receber e acolher os estímulos sensoriais e determinar os possíveis destinos para eles. Freud (2019)<sup>175</sup> supõe que há uma superfície perceptiva, receptora de estímulos oriundos do interior ou do exterior, que se encerra na extremidade motora, abrindo ou não as “comportas” para a motilidade. Via de regra, o estímulo transcorre do

---

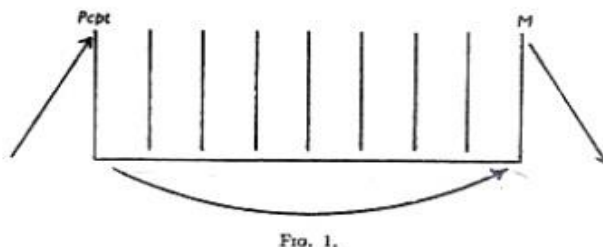
<sup>173</sup> Escrito em 1904 e publicado originalmente em 1905.

<sup>174</sup> Na verdade, Freud pouco faz uso do vocábulo “palavra” nesse texto, utilizando, por sua vez, “representação-palavra”. Surpreende-me que, já em 1891, Freud afirme que tal coisa como “A palavra”, não existe. Ao contrário, somente temos acesso ao seu representante, singular a cada sujeito, precisamente por se tratar de um complexo de diferentes elementos que, longe de terem a estrutura estabelecida de forma universal, estão suscetíveis às nuances e ao limite na interpretação.

<sup>175</sup> Original publicado em 1900.

fluxo da extremidade perceptiva em direção à ação, conforme o leitor pode averiguar no esquema a seguir.

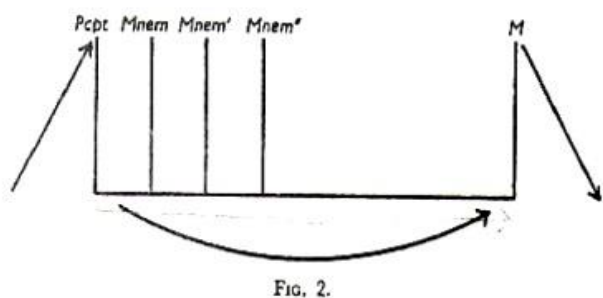
Figura 1: Modelo de Aparelho Psíquico (Pcpt → M)



Fonte: FREUD, 2019, p. 588. Original de 1900.

Freud situa entre ambas – a perceptiva e a motora – os traços mnêmicos que, do mesmo modo como foi estabelecido em 1891, servem à memória. A associação entre um traço e outro funda, *a posteriori*, uma cena como lembrança. Nesse caso, um acontecimento é *fixado*, alinhavado a um traço mnêmico que lhe reveste de uma representação. O primeiro desses traços conterà a fixação da associação pela simultaneidade; nos mais “distantes”, o mesmo material de excitação se organizará de acordo com outros tipos de coincidência, imprimindo relações de similaridade, contiguidade etc. Vemos abaixo:

Figura 2: Modelo de aparelho psíquico (traços mnêmicos)



Fonte: *Ibidem*, p. 589.

Mencionei anteriormente que as atividades psíquicas percorrem uma determinada direção, que parte dos estímulos sensoriais e se encerra nas inervações da extremidade

motora. Entretanto, Freud situa alguns casos que se insurgem como exceção, como nos sonhos, nas lembranças, na alucinação histérica (na qual os pensamentos são transformados em imagens), na paranoia ou sempre que houver um movimento “de algum ato complexo de representação para a matéria-prima dos traços mnêmicos subjacentes” (FREUD, 2019, p. 593).<sup>176</sup>

Logo, o sonho se produz por uma via inversa à do “pensamento em vigília”, que é delimitada pelo circuito “estímulo → resposta motora”. Como a fonte de descarga pela motilidade encontra-se barrada enquanto dormimos, as suas ações são, na verdade, alucinadas. Ou seja, em vez de a excitação gerada pelo estímulo se propagar rumo à direção motora do aparelho, há uma regressão no aparelho psíquico. É importante esclarecer, todavia, que tal mecanismo não remete a uma regressão temporal, que se daria em direção ao passado. Este é um ponto decisivo, peça-chave para considerarmos o que está em jogo. Trata-se, em verdade, de uma transferência, para empregar e assim enfatizar o termo designado por Freud para abordar a questão. Na operação de transferência, são os significantes do sujeito que sofrem a “regressão”, ao serem associados, sistematizados e articulados em uma série. No traçado regressivo dos traços mnêmicos há a passagem pelas suas associações, ponto em que um traço se alinhava a outro, constituinte de uma cadeia de significantes.

Desse modo, toda vez em que Freud fala de processo primário – deslizamento e condensação – é preciso lê-lo como “regressão”. O ato analítico, por exemplo, nos auxilia a considerar sobre o movimento regressivo implicado no ato mesmo de fala. A ação produzida não é de ordem motora. De outro modo, trata-se de um deslocamento operado sob o fluxo da associação e que é desencadeado pelos efeitos de intervenção no significante. Por conseguinte, o fluxo da fala muda de direção, passando a ser incitado por um significante novo, o que provoca uma outra série de elaborações. Portanto, não é possível desatrelar a regressão do exato funcionamento do inconsciente, pois se trata, de fato, de deslizamento e condensação, movimento de pulsação inconsciente, sístole e diástole, que abre para, em seguida, se fechar (LACAN, 2008).<sup>177</sup>

Cada vez que Freud fala do que acontece no processo primário, vejamos bem de que se trata: acontece um movimento regressivo. Quando, por um motivo qualquer, a saída da excitação para a motilidade é barrada,

---

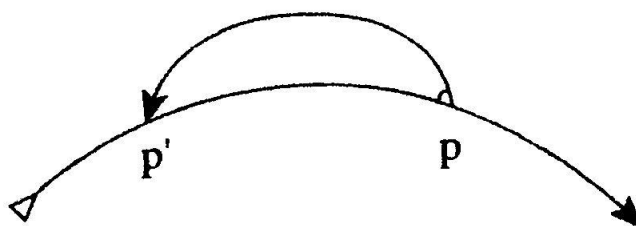
<sup>176</sup> Original publicado em 1900.

<sup>177</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

produz-se sempre algo que é de ordem regressiva. É aqui que aparece algo, uma *Vorstellung*, que por acaso dá à excitação em questão uma satisfação que, rigorosamente falando, é alucinatória. Eis a novidade introduzida por Freud (LACAN, 2018, p. 77).<sup>178</sup>

Um esquema simples de Lacan (1999)<sup>179</sup> nos dá subsídios para avançar na complexa questão sobre como uma significação advém em um trabalho de análise e, ainda, nos aproxima da estrutura de uma linguagem no inconsciente.

Figura 3: Célula elementar do Grafo do Desejo



Fonte: LACAN, 1999, p. 528.

No gráfico acima, encontramos o atravessamento de dois vetores. Proponho tomar o primeiro como “vetor da associação livre”, referido ao fluxo da fala em análise. A outra seta, que fica acima, seria o “vetor da contingência”. Entre **p** e **p'**, há um efeito de retroação. Não é possível dizer qual deles seria localizado como o primeiro da seta, já que a assunção de um está condicionada à do outro. Transpondo esse esquema, essa unidade básica do grafo do desejo, para a circunstância de uma sessão de análise, podemos pensar sobre o advento de uma significação. O analista, ao intervir e deter o deslizamento de significantes encadeados pela associação livre – que, de outro modo, tenderia a uma infinitização – e ao *pontuar* o significante **p**, este é alinhavado a um outro, **p'**, resultando em um sentido novo. A intervenção de um analista *pontua*, cerzindo os significantes soltos e, com efeito, fundando-os como uma frase. Os significantes soltos, como retalhos de diversos tecidos, só terão se constituído como texto no *a posteriori*, na escansão de suas palavras.

No encontro, sempre contingente, entre um e outro vetor, a fala se interrompe, ponto em que terá havido uma leitura inconsciente. Se cotejarmos o grafo de Lacan, com o

<sup>178</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1957 e 1958.

<sup>179</sup> Seminário realizado no mesmo período da nota acima.

do aparelho psíquico de linguagem de Freud, depreendemos que a regressão é o próprio efeito de retroação, *nachträglich*, que incide sobre uma cadeia de significantes, articula e costura um significante a outro. Nesse mesmo golpe, lê-se, produz-se uma leitura. Em outros termos, na regressão que forma um sonho, as percepções são “tomadas” pelo aparelho psíquico, padecendo de uma série de alterações. As *Vorstellungen*, ou, no modo como Lacan (2016, p. 62)<sup>180</sup> traduz, os significantes de um sonho são investimentos inscritos pelo psiquismo em cada traço mnêmico e, neste mesmo ponto, os interpreta.

Lacan atina para o termo empregado por Freud para falar da sucessão das marcas nas quais se decompõe o processo do aparelho psíquico: *niederschreiben*, inscrever-se. A sistematização desse aparelho se fraciona em uma sequência de inscrições, superpostas umas às outras, nas quais Lacan reconhece uma topologia de significantes, que se apresentam em estado floculado, empilhados. Portanto, encontramos em todo sonho as inscrições “*deitadas por escrito*” (LACAN, 2016, p. 81).

Ao analisar o que está em jogo na regressão com a ação *nachträglich* do significante, noto que na primeira, trata-se de uma operação na qual os significantes, ao se encadearem, leem-se. Esse trabalho de configuração de restos diurnos em um sonho, precipita uma leitura, como se o emaranhado de fios da cena onírica fosse tanto realização do desejo quanto interpretação. Portanto, o desejo é interpretado no próprio ato de sua realização. Atenta a essa particularidade, Lo Bianco (1999a; 1999b; 2001) conclui que o sonho não é senão interpretante da moção pulsional subjacente a ele, acepção que podemos mesmo encontrar, expressa textualmente, em Freud:

A hipermnésia dos sonhos e o fato de disporem do material da infância se tornaram pilares da nossa doutrina; em nossa teoria dos sonhos, atribuímos ao desejo de origem infantil o papel de motor imprescindível na formação do sonho. Claro que não podíamos duvidar da importância dos estímulos sensoriais externos durante o sono, comprovada experimentalmente, mas sustentamos que esse material tem com o desejo onírico a mesma relação que tem com os resíduos *de pensamento que ficaram da atividade diurna*. Não precisamos contestar que o sonho interpreta o estímulo sensorial objetivo ao modo de uma ilusão, mas acrescentamos o motivo para essa interpretação [...]. A interpretação ocorre de modo tal que o objeto percebido se torna incapaz de perturbar o sono e pode ser aproveitado na realização do desejo (FREUD, 2019, p. 642, grifo nosso).<sup>181</sup>

<sup>180</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1958 e 1959.

<sup>181</sup> Original publicado em 1900.



Os significantes leem-se no movimento interpretante do aparelho psíquico, nos investimentos e significações que são deslocados e condensados em cada um. Conforme nos mostra Lo Bianco (1999a; 1999b; 2001), se o próprio psiquismo é interpretante, a interpretação de um sonho aponta para o desejo ao qual ela é idêntica.

#### 4.2 Do sonho-interpretação à hipótese do inconsciente-leitor

Enquanto leitora, e leitora de um texto tantas vezes relido, para o qual já existem diversas leituras disponíveis, interessa-me averiguar o que este trabalho permite extrair de novidade sobre o problema da escuta analítica. Faço referência ao famigerado livro sobre os sonhos de Freud (2019), *Traumdeutung*. Sua fama não é injustificada, pois podemos mesmo encontrar nele uma premissa do ensino freudiano e, por que não dizer, da psicanálise. O exame das mais de quinhentas páginas contribuíram para reconhecer que há uma operação de leitura-interpretação como base do aparato psíquico. Assim, os sonhos não apenas tracejam a via real para o inconsciente, mas também nos permitem deduzir, em toda formação inconsciente, uma leitura, uma interpretação. Ao se produzir na cena analítica, não se trata senão de “interpretação de interpretação”, visto que o movimento interpretante por excelência terá sido operado pelo inconsciente, em sua estrutura de linguagem.

A tese do sonho-interpretação e, ainda, de um inconsciente-leitor, por assim dizer, sustenta-se no que Lacan pontua sobre a interpretação analítica, ao admitir que esta “não faz mais do que recobrir o fato de que o inconsciente – se ele é o que eu digo, isto é, jogo do significante – em suas formações – o sonho, lapso, chiste ou sintoma – *já procedeu por interpretação*” (LACAN, 2008, p. 129, grifo nosso).<sup>182</sup>

Encontro outro desdobramento dessa acepção na própria estrutura dialética do discurso que inclui em toda fala a sua resposta, de modo que convém ao analista sancioná-la, repetir o seu refrão (LACAN, 2008)<sup>183</sup>. Tais circunstâncias, tão presentes no cotidiano da clínica, oferecem um contraponto importante para identificar que no sonho, na fala em livre associação, em um ato falho, em um chiste, o inconsciente enquanto discurso do Outro já antecipou – numa anterioridade lógica – a intervenção do analista. Nas palavras

<sup>182</sup> Seminário realizado por Lacan em 1964.

<sup>183</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

de Lacan (2016, p. 88)<sup>184</sup>, “toda fala, na medida em que o sujeito esteja nela implicado, é discurso do Outro”, e é desse modo que ele lê o inconsciente freudiano, como “uma cadeia de significantes que em algum lugar (uma Outra cena) se repete e insiste [...]” (*Idem*, 1998, p. 813)<sup>185</sup>. Portanto, se conduzimos o sujeito a algum lugar em uma análise, é a uma decifração que já terá sido suposta.

Ao investigar o ternário composto por interpretação, leitura e sonho, vislumbro, no posfácio do *Seminário II*, outra asserção de Lacan para avançar nessa costura: “Ora, o que se lê, é disso que eu falo, pois o que eu digo é votado ao inconsciente, ou seja, *ao que se lê antes de mais nada*” (LACAN, 2008, p. 271 grifo nosso).<sup>186</sup> Recorto e enfatizo para o leitor a operação concernida no “inconsciente, ou seja, *ao que se lê antes de mais nada*”, pois sugere que o inconsciente é leitura, é legente. No intervalo que terá sido sulcado entre abertura-e-fechamento inconsciente, lê-se.

O estatuto do inconsciente é ético, não ôntico. Não podemos situá-lo em continuidade com algo que viria antes, não pode ser remetido a uma precedência ou a um “todo” ao qual se destacaria como “parte integrante”. Trata-se, como já mencionado, de uma anterioridade lógica. No que a fala do analisante vacila, e algo novo terá sido produzido, o inconsciente se impõe como descontinuidade, fundando uma anterioridade, como o ponto **p'** do grafo. Por conseguinte, a presença do analista não coincide com uma presença física, presencial, mas é ela mesma *manifestação do inconsciente*, a ser averiguada no *a posteriori*, nos efeitos de uma intervenção. Uma presença em ato a ser medida por suas ressonâncias, pelo que desencadeia. (LACAN, 2008)

Por outro lado, é também crucial esclarecer que o advento de um sentido não é sem a cena analítica e a transferência, e também não é sem alguém que se faça testemunha da fala de um analisante e, desse modo, coloque-se como destinatário-ouvinte-ouvidor, permitindo a interpretação em ato do inconsciente. Sobre isso, Lacan (2009)<sup>187</sup> lembra que a primeira incidência do termo “transferência” em Freud não ocorre na discussão de um caso ou para trabalhar a relação entre analista e analisante, mas em *Traumdeutung*, o que acrescenta um novo elemento a esta discussão.

---

<sup>184</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1958 e 1959.

<sup>185</sup> Seminário realizado por Lacan em 1960.

<sup>186</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

<sup>187</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1953 e 1954.

Ao retomar esse livro freudiano, ele nos faz perceber que a transferência é ali descrita como “o fenômeno constituído pelo fato de que, para um certo desejo recalcado pelo sujeito, não há tradução direta possível. Esse desejo do sujeito é interdito ao seu modo de discurso [...]” (LACAN, 2009, p. 317). Portanto, esse primeiro degrau da conceituação da transferência a concebe como veículo do inconsciente, como o que sulca a via de leitura do material significante na forma de um sonho, de um ato falho, de um sintoma. Depreendo, então, que um laço transferencial, uma vez estabelecido, dá suporte ao que podemos nomear de “inconsciente-interpretante”, instante fugaz e provisório em que o inconsciente é a sua leitura. Nesse ponto, a interpretação toma seu lugar *entre* a escuta e a associação livre, e uma análise seria um dispositivo de leitura do gesto interpretante do inconsciente.

[...] pela análise do sintoma formado vemos que esses pensamentos normais sofreram um tratamento anormal e foram *transpostos para o sintoma por meio da condensação, da formação de compromisso, através de associações superficiais, pelo encobrimento das contradições e, eventualmente, pela via da regressão*. Com a identidade plena entre as peculiaridades do trabalho do sonho e da atividade psíquica, que termina em sintomas psiconeuróticos, consideramo-nos justificados em transferir para o sonho as conclusões que a histeria nos impõe. Da teoria da histeria tomamos a tese de que *essa elaboração psíquica anormal de um curso de pensamento normal ocorre apenas quando este se tornou a transferência de um desejo inconsciente de origem infantil e que se acha reprimido* (FREUD, 2019, p. 651, grifo do autor).<sup>188</sup>

Essa mesma formulação pode ainda ser surpreendida em uma autora como Felman, crítica literária, mas também entusiasta da psicanálise, que manteve contato próximo com Lacan, na década de 1970. Ela aponta que no livro citado Freud realmente trabalha a transferência como a própria leitura do desejo inconsciente, constituinte do material, do substrato da cena onírica. Para ela, interpretar é transferir, desde que tomemos por isso o investimento de um significante “diurno” – os restos diurnos – por uma energia pulsional inconsciente. Felman aproxima a transferência e a leitura, por acreditar que trata-se, em ambos os casos, de significação. Ela nos diz: “ora, o inconsciente mesmo é leitor” (FELMAN, 2020, p. 209).<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> Original publicado em 1900.

<sup>189</sup> Original publicado em 1977.

Acompanho, junto de Ram Mandil, uma análise que incide sobre o mesmo ponto, pois ele afirma que o lapso, por exemplo, lê o inconsciente, dando-a-ler a defasagem entre o que se quer dizer e o que se diz. Ele postula que o ato falho poderia ser, portanto, efeito de “uma auto-leitura do inconsciente” (MANDIL, 2003, p. 140), permitindo-nos testemunhar o inconsciente lendo, produzindo um dizer diferente daquele que estaria previamente programado na intenção inicial.

### 4.3 Sergei Pankejeff, Espe, S.P.

No sonho, lê-se uma escrita. As imagens oníricas devem ser retidas por seu valor de significante, “pelo que permitem soletrar do ‘provérbio’ proposto pelo rébus do sonho” (LACAN, 1998, p. 514).<sup>190</sup> Freud (2019)<sup>191</sup> nos instrui a acompanhar as ramificações desse texto escrito, tomá-lo mesmo ao pé da letra, testemunhando o que se lê de inconsciente. Seguindo essa preciosa indicação, vamos examinar um sonho, extraído de seu arsenal clínico. O paciente em questão é Sergei Pankejeff, conhecido no campo analítico como o “Homem dos Lobos”. Destaco ao leitor, em negrito, as intervenções de Freud (2010).<sup>192</sup>

Sonhei que *um homem arrancava as asas de uma “Espe”*. **“Espe”?**, **perguntei, “o que você quer dizer com isso?”** - “Ora, o inseto com listras amarelas no corpo, que pode picar. Deve ser uma alusão à *Grucha*, a pera de listras amarelas.” - **“Wespe [vespa], você quer dizer”, corrigi.** - “O nome é *Wespe*? Pensei que era *Espe*”. (Como muitos outros, ele se aproveita do fato de falar uma língua estrangeira para cobrir atos sintomáticos.) “Mas *Espe* sou eu, S. P. (as iniciais de seu nome).” A *Espe* é naturalmente uma “*Wespe*” mutilada. O sonho diz claramente que ele se vingava de *Grucha* [a babá de Sergei] pela ameaça de castração. (FREUD, 2010, p. 126).<sup>193</sup>

<sup>190</sup> Seminário realizado por Lacan em 1957.

<sup>191</sup> Original publicado em 1900.

<sup>192</sup> Original escrito em 1914 e publicado em 1918.

<sup>193</sup> Após o relato do sonho, Freud traz algumas considerações sobre o que foi elaborado naquela sessão e nas subsequentes. A enucleação das asas do inseto alude à ameaça de castração representada pela figura da babá – pela qual Sergei nutria um apaixonamento de cunho infantil. O analisante tinha verdadeiro temor de borboletas, fobia que foi provocada por circunstância bem específica, enquanto brincava, ao correr atrás de uma com listras amarelas e de asas pontudas. Quando esta pousa em uma flor, o menino é arrebatado por um intenso medo e foge imediatamente. Em análise, interpretou que o abrir e fechar de suas asas, remetiam-no ao movimento de abrir e fechar as pernas, como um V, e associa-o à *Grucha*, que, conforme descrito, em sua língua materna traduz-se por pera. Todavia, por se tratar de um significante, este o representa para um outro, no caso, listras amarelas. A incidência da babá é confirmação do seu interesse sexual e, no mesmo golpe, a sua interdição. Freud conclui que o medo “era relacionado à pessoa que primeiro havia proferido a ameaça, depois transferido para outra, na qual tinha de se ficar de acordo com o modelo filogenético” (FREUD, 2010, p. 128).

É notável que se trata de um sonho curto, mas com um endereçamento preciso. Neste, um homem arranca as asas de uma vespa. Freud não se detém nos adereços ou na montagem cenográfica, mas se captura no texto escrito. Nessa leitura, não é o inseto vespa que está em questão, mas uma grafia que nos revela uma enucleação simbólica. Legente do traçado dessa operação, do desenho so-letrado no sonho, da elisão da letra **W** em **Espe**, interpela: “O que você quer dizer com isso?”

O sonho não é para ser lido pelo sentido, mas tomando o seu próprio equívoco como matriz de leitura. Freud não se deixa levar pelo fato de a língua materna de Sergei ser o russo e, portanto, a troca entre *Wespe* e *Espe* poderia ser interpretada como uma dificuldade com o alemão. No campo inconsciente, toda língua é estrangeira, seja ela familiar ou não. Freud repete o refrão ali escrito e lido e retorna o significante de Outro lugar: você falou *ESPE*. Essa intervenção provoca um esvaziamento de sentido, dissuadindo-o de sua correspondência semântica – *wespe*. Freud não evoca o sentido único, aquele explicado, elucidado, ele invoca uma centelha de sentido ou, ainda, aponta para a fratura entre o significante e o significado.

A elisão de uma letra em *Espe* interpreta a angústia de ser “cortado”, a ameaça de castração que marca a relação do paciente com o pai, segundo aponta Freud (2010)<sup>194</sup>. Sergei surpreende no sonho uma outra escrita, ao fazer dela um resíduo: *S.P.*, letras cujas vogais ele descarta. De uma ruptura do significante produzida em *Espe*, funda-se um rastro, rasura, *S.P.*, *Es-Pe*. Produzir um rastro, como nos diz Lacan (2003)<sup>195</sup>, é também reproduzir a metade com que o sujeito subsiste. Nesse ponto, o analisante se apreende em sua *spaltung*. Sergei Pankejeff diz: “S. P., sou eu”.

O analisante inegavelmente segue o fluxo da associação livre ao relacionar, nesse ponto, a vespa com sua babá e, por conseguinte, com a ameaça de castração. Mas ele também flagra em *Espe* uma opacidade, algo que aturde o sentido comum e que reabre a dimensão do enigma. Legente da leitura inconsciente do sonho, ele lê no significante a repercussão sonora, o som emitido pelas iniciais do seu nome, Sergei Pankejeff. Há, neste ponto, uma “leitura sonora”. A intervenção de Freud – “*Espe?* O que você quer dizer com isso?” – traduz a sua ignorante surpresa com esse grão opaco, estranho aos ouvidos, estrangeiro à significação. E o analisante, legente do ruído que lhe sobressalta, lê de forma literal, a letra-litoral: “*S.P.*, sou eu”.

<sup>194</sup> Texto de 1914, publicado primeiramente em 1918.

<sup>195</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

Não à toa, a leitura desse sonho inevitavelmente remete, quase de imediato, à noção de letra. De fato, esse sonho demonstra a redução do significante a seu ponto de letra, a seu ponto “espe”, a uma estrutura mínima, S.P. A letra está ali, em sua materialidade, a não representar nada, a desenhar o furo no simbólico e tangenciar o litoral entre este e o real. S.P. aponta para o limite que “a própria linguagem contorna, mas para os quais não deixa de se abrir, indefinidamente” (BRANCO, 2000, p. 42).

#### **4.4 Uma nova volta à *lettre*: significante e letra, um problema de leitura**

A questão da letra, de saída, impõe um problema. Um problema de leitura. Isso porque seu conceito sofreu variações ao longo dos anos, chegando mesmo ao ponto de se sobrepor ao de significante em alguns momentos. Como bem observa Ritvo (1997), a questão em pauta é consequência do estilo de transmissão de Lacan, feito de modo diverso ao do saber universitário. À vista disso, considera que os conceitos psicanalíticos estão sempre submetidos a uma “geometria da borracha” (RITVO, 1997, p. 11), admitem retificações que não exatamente se substituem umas às outras ou se complementam, mas, em verdade, suplementam-se, porque “cada determinação tenta resolver um problema, mas ao resolver o problema que a determinação anterior não havia conseguido, provoca outro” (*Ibidem*, p.11). Logo, nenhuma acepção lacaniana se presta a ser conclusiva, mas se fecha em seu próprio vazio e, por conseguinte, estrutura-se – e estrutura – justamente sobre esse ponto impossível.

Leio em Ritvo a indicação de um caminho possível para abordar um conceito, sem deixar que o rigor se perca. Ele sugere que a cada passagem de construção de um conceito se possa identificar e recortar o seu ponto de impossibilidade, o seu “umbigo” conceitual, por assim dizer. A cada vez, algo novo terá sido acrescentado, através do próprio esforço de repetição, de reelaboração. Orientada por essa proposta, proponho agora acompanharmos juntos a construção da noção de letra em Lacan, trabalho este que inevitavelmente inclui a leitura de suas elucubrações acerca do significante. Para tal, extraio de cada artigo a ser examinado apenas o seu furo, o que parece restar como questão para o psicanalista, o que provocou também, em mim, alguma questão durante a leitura. Espero que esse percurso forneça instrumentos para vislumbrar e propor um modo de leitura para a psicanálise e do inconsciente em uma análise.

É sabido que Lacan recorre à linguística para desenvolver a própria concepção de significante. Entretanto, pouco se comenta que, no âmbito de sua produção

dos anos 1970 – momento em que o conceito de letra está no cerne das suas elaborações –, ele passa a não mais tomar tal disciplina como matriz para o inconsciente e suas formações, chegando ao ponto de afirmar que a linguística é como uma metáfora que se fabrica para não funcionar (LACAN, 2009).<sup>196</sup> Por conseguinte, ele propõe outra disciplina, a qual recorre para tratar conceitualmente o falante em sua relação com a linguagem, a *linguisteria*. À luz dessa nova abordagem, o significante é deslocado dos ouvidos, em sua função meramente auditiva, e a análise passa a se assumir como um dispositivo de leitura. Considero que a transposição de um campo que trata da linguagem a um campo que trata dos efeitos dela no falante, é tributária da formalização conceitual de letra, ocorrida nos anos 1970.

Em 1953, Lacan se dedica a resgatar e reaver os preceitos fundamentais da práxis freudiana, explorando o inconsciente em seus efeitos languageiros. Ainda que se refira à linguística e a Levi-Strauss nesse escrito, pouco utiliza o termo “significante”. Nesse momento, ele exalta a sua materialidade, as operações simbólicas que podem ser feitas ao nele intervir – a exemplo do sonho de Sergei Pankejeff, em que lemos uma elisão simbólica –, motivo pelo qual supõe que o analista opera como registro, ao recolher o que, naquilo que escuta, faz índice de uma evocação. Ao que parece, Lacan (1998)<sup>197</sup> começa a delinear uma operação de leitura entrelaçada à da escuta, referindo-se ao ofício de analista como testemunha, que *participa do escriba*, ao pontuar o texto de um analisante. Tal função de uma escuta orientada por uma leitura também é sugerida ao reiterar que há no sintoma o significante de um significado recalcado, símbolo escrito na carne, estruturado como uma linguagem. Ele assinala, ainda, que os hermetismos de que uma análise se ocupa são da ordem de hieróglifos e brasões, que só nos permitem averiguar algo de seu texto a partir de seus efeitos, pois deles temos apenas marcas, ao modo de um palimpsesto. Não menos importante a esta pesquisa, é o seu dizer de que o analista exerce o *manejo da função poética* da linguagem, e que, desse modo, o desejo se lê em sua mediação simbólica. Como nos diz Mandil (2003), que corrobora com o entrelaçamento entre escuta e leitura:

Há, nesse aspecto, uma sobredeterminação do simbólico que impera também sobre as palavras, cuja escuta deve equivaler a um procedimento de leitura, incidindo sobre as combinações e recombinações de letras. Tal perspectiva se autoriza pela própria recomendação de Freud de que os sonhos são algo para ser lido como rébus, ou seja, por meio do valor

<sup>196</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

<sup>197</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

significante dos elementos oníricos ou por seu valor de letra, e não a partir das imagens que esses elementos evocam (MANDIL, 2003, p. 30-31).

Uma vez mais, sou levada, pelos desvios que se impuseram, a retomar os endereçamentos da *lettre*, desta vez para extrair da carta a sua dimensão de letra. Lembro ao leitor que, em *O seminário sobre “A carta roubada”*, Lacan (1998)<sup>198</sup> introduz a ideia de letra ao empregar o termo *lettre*, que, conforme mencionado, introduz um equívoco, pois pode também designar carta.

Ao longo da leitura desse escrito, alguns dos trechos em que Lacan empregou *lettre* soou um tanto intrigante, já que ele parece fazer referência às mesmas especificidades concernidas a um significante, chegando, por vezes, a empregá-lo de modo análogo à letra. Na análise do conto de Poe, ele elege a carta como sua chave, essa missiva que carrega uma mensagem e que provoca efeitos a despeito de seu sentido oculto. Do mesmo modo, o significante sela e esconde, operando o índice de uma ausência. Logo, tanto na *lettre* de Poe quanto no significante de Lacan, não é possível situá-los em um determinado e único lugar. Não há “A” carta que a Rainha procura, mas Uma carta que o investigador Dupin encontra que, mesmo diferente, mesmo disfarçada, insiste em endereçar uma mensagem. Convém não esquecer que no circuito entre destinatário e remetente não há uma correspondência, uma relação binária ou dual, dita recíproca. Trata-se de uma relação ternária, segundo esclarece Porge (2004), e, do mesmo modo como ocorre na fala, inclui não apenas o emissor e interlocutor, mas também um terceiro termo, o muro, a linguagem.

Lacan sublinha, de modo quase reiterativo, que a carta, sujeito do conto, está a voar. Ao fazê-lo, não estaria apontando também para o funcionamento da cadeia significante, enquanto aquilo que insiste, que faz pressão? Por conseguinte, temos a carta em instância, não retirada, e a estrutura de uma cadeia significante, que deixa o sentido sempre *en souffrance*. Uma leitura possível é a de que Lacan toma o conto de Poe como apólogo, à guisa de demonstração da estrutura circular – posto que metonímica – do significante. Tal como no jogo de passar anéis, a carta desvia e passa por entre as mãos da Rainha, do Ministro e de Dupin, sem, no entanto, ter o conteúdo revelado, o que não faz o seu valor cessar. No jogo citado, é principalmente o percurso desviante que anima a

---

<sup>198</sup> Seminário realizado por Lacan em 1955.



circulação do anel pelas mãos, e não propriamente a descoberta das mãos que o detém, já que cabe ao ganhador relançar uma vez mais o jogo, desta vez, ele próprio dando partida ao percurso rotativo de um anel, de uma carta, de um significante, por uma cadeia de anéis significantes. O jogo se encerra, perdendo a graça, no exato instante em que o detentor do anel é revelado.

O impressionante desse texto é que Lacan nos dá a sensação de estar se referindo ao significante e, a despeito disso, escolhe usar um outro termo, a letra. É como se, desse modo, ele performasse o próprio modo desviante da carta-significante, que está a voar, que não se captura, e cujo conteúdo permanece desconhecido pelo leitor. Conforme Porge (2019) argumenta, há aí um “embrião” de letra, ao mesmo tempo como traçado e como precipitado de significantes. Apesar disso, não posso ignorar a referência que Lacan faz à letra, ao também discerni-la do significante e situá-la como o seu *suporte material*, sua estrutura mínima.

Dando prosseguimento a essa nova volta à *lettre*, encontro em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* outras tessituras que permitem avançar no exame das especificidades desse conceito em Lacan. Nancy e Lacoue-Labarthe (1991) lembram que o termo “instância” foi absorvido pelo campo jurídico e pode também ser traduzido como autoridade ou o grau de jurisdição de alguém. No título escolhido por Lacan é possível ler, pois, um convite a averiguar a autoridade da letra no inconsciente, a função que exerce em seu regimento e legislação. Por outro lado, convém não desprezar o fato de que “instância” também evoca “insistência” e remete ao funcionamento da cadeia significante, que não cessa de não se escrever e, portanto, recupera a ideia *en souffrance* da *lettre*, da letra a desviar, a voar.

Lacan (1998)<sup>199</sup> redigiu esse escrito para uma intervenção realizada na Faculdade de Letras, endereçando-o a ouvintes de um curso que Freud sugeriu como a disciplina que poderia acolher a transmissão da psicanálise, se incluída no âmbito universitário. Embora tenha sido publicado nos *Escritos*, o autor curiosamente não lhe dá o estatuto de um texto. Ao contrário, o situa *entre* o texto e a palavra falada e, por isso, deve ser lido *entre a escuta* (da palavra falada) e *a leitura* (do texto). Considero demasiadamente interessante essa proposta de um texto que, a despeito de sua estrutura, deve ser lido *entre* a escuta e a leitura, já que, com isso, Lacan aturde, perturba e desaparelha a ideia de correspondência

---

<sup>199</sup> Seminário realizado por Lacan em 1957.

entre o texto e a leitura. Ele faz ressoar que há, no texto, algo que precisa ser tanto lido quanto escutado.

Uma primeira tentativa de circunscrever a letra, digamos assim, a situa como “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN, 1998, p. 498).<sup>200</sup> Seguindo a leitura de Nancy e Labarthe (1991) é possível afirmar que se deve tomar o sujeito *na letra* e a partir de duas perspectivas. A primeira, refere-se à linguagem que preexiste à assunção do *infans* enquanto falante, tornando-o servo de um discurso que o antecede: não há realidade pré-discursiva. Por outro lado, a proposta de uma literalização do sujeito indica que é da estrutura da linguagem que o falante toma emprestado o suporte material para o seu discurso. Em outras palavras, tudo o que é da alçada do efeito de linguagem coloca-se a partir de uma estrutura de ficção e está suscetível aos equívocos.

Nesse escrito, Lacan (1998)<sup>201</sup> faz referência a Ferdinand Saussure, a quem atribui a responsabilidade por fundar a linguística como uma disciplina e de quem se serve para construir a própria articulação entre o significante e o significado. Saussure (2012) desenvolve uma extensa e importante teoria sobre o signo, propondo-o como composto pelo significado e pelo significante, sendo o primeiro relacionado ao sentido, e o outro, à imagem acústica referida ao seu termo, sua produção fônica, o caráter vocal subjacente a ele. Ou, nos termos que interessam a esta tese, o significante seria aquilo que teria a ver com os ouvidos.

Um dos princípios do signo, segundo o linguista, determina que o significante, de natureza auditiva, representa uma extensão que é mensurável numa só perspectiva, como uma linha, já que se apresenta em sequência e, deste modo, estrutura-se como uma cadeia. A possibilidade de recortar palavras em uma frase é tributária de tal princípio, que se aplica exclusivamente ao significante. O significado, por sua vez, não se encontra disposto em cadeia, não remete a um outro significado, por exemplo, mas é o que se produz por meio da articulação entre, ao menos, dois significantes. Saussure deixa de lado o campo da referência, fazendo funcionar, no nível do significante e do significado, a noção de pura diferença funcional, sem substância, quer dizer, o sentido não decorre de uma substância, mas de um jogo de oposição.

Ainda a propósito da teoria do linguista, este infere que a relação entre o significado e o significante é comandada pelo princípio da arbitrariedade, ou seja, o

---

<sup>200</sup> Seminário realizado por Lacan em 1957.

<sup>201</sup> *Idem* nota anterior.

significado é fixado a um significante, não há uma elasticidade semântica entre os dois. Se para Saussure o signo é arbitrário, para Lacan (1998; 2010)<sup>202</sup>, o que alinhava um sentido a um significante é de ordem contingencial, determinado por uma causalidade, realmente singular. Ele localiza o significante na categoria do que seguramente não é eterno, senão provisório, pontual. À vista disso, não é possível dizer sobre *o* significante, mas somente sobre *um* significante. A criação em análise, um efeito de sentido, é também contingente, ocorrência que terá surgido no desvio do que um analisante programou dizer, no voo da fala, na incidência de um ato falho.

Convém ainda ressaltar outro ponto de divergência na discussão entre Lacan e Saussure. Enquanto o linguista acredita ser possível apreender no próprio enunciado o significado que ele emite, a partir dos anos 1970, o psicanalista opera uma inflexão neste ponto: o que se escuta, o sentido auditivo do termo, não tem nenhuma relação com o que isso significa. Usando o axioma lacaniano que enuncia que não há relação sexual, também se pode afirmar que, entre o significante e o significado, não há relação.

O significante é uma dimensão que foi introduzida a partir da linguística, isto é, de algo que, no campo em que se produz a palavra, não é evidente. Um discurso a sustenta, que é o discurso científico. Uma certa ordem de dissociação, de divisão é introduzida pela linguística e, graças a isso, funda-se a distinção do que parece, contudo, evidente: é que quando se fala, isso significa, isso comporta o significado. Mais ainda, até certo ponto, isso só se sustenta pela função de significação. Introduzir, distinguir a dimensão do significante é algo que se torna relevante, precisamente, por estabelecer que o significante, como tal, muito precisamente o que vocês ouvem, eu diria, no sentido literalmente auditivo do termo, no momento em que aqui estou e de onde lhes falo, é estabelecer precisamente isso, mas por um ato original, que *o que vocês ouvem não tem, com o que isso significa, nenhuma relação* (LACAN, 2010, p.95, grifo nosso).<sup>203</sup>

Lacan (1998)<sup>204</sup> parte do inconsciente como articulação de significantes que, em Outra cena, insiste como o automatismo próprio da cadeia, para, então, trabalhar com a equivocidade concernente aos fenômenos inconscientes. O inconsciente é, propriamente, malogro. Seguindo o fio da palavra do psicanalista, se *Unbewusst* pode ser o termo alemão para “inconsciente”, no entanto, o que escutamos não tem a ver com o seu sentido, a não ser quando lemos aí o que se escuta de significação: *unbewusst – l’une bévue*. O que se

<sup>202</sup> Seminários realizados por Lacan, respectivamente, em 1957 e entre 1972 e 1973.

<sup>203</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1972 e 1973.

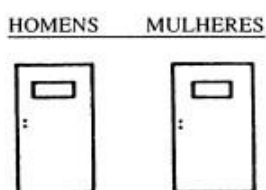
<sup>204</sup> Seminário realizado por Lacan em 1960.

produz como efeito desse ato teórico-metodológico de Lacan não é senão o que a disjunção entre escutar e significar comporta, ou seja, o próprio equívoco. É esta a tradução em português para *une bévue*, “um equívoco”, que é transmitida pela sua sonoridade, ao lermos o seu sentido auditivo, ao também escutarmos a sua leitura (LACAN, [entre 1976 e 1977]). À vista disso, um outro axioma lacaniano, também repetido quase como refrão, o de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, deve ser lido pelo prisma da não correspondência biunívoca entre significado e significante, e, ainda, da não existência da relação sexual.

A arbitrariedade suposta por Saussure (2012), entre significante e significado, é formalizada por meio de uma escrita: s/S na qual lê-se: significado sobre significante ou, ainda, conceito sobre imagem acústica. Ao refutá-lo, Lacan (1998)<sup>205</sup> parte dessa mesma grafia, porém subvertendo-a, inserindo o significante acima, e o significado, abaixo da barra. Seu teorema considera a primazia e a autonomia do significante em relação ao sentido.

A fim de demonstrar essa precedência, Lacan oferece um exemplo, de fato esclarecedor, que confirma a ambiguidade semântica da linguagem. O leitor pode averiguar, na figura abaixo, o desenho de duas portas. Supondo que ambas sejam portas de banheiros, como discernir qual seria a destinada para homens e a para mulheres? Como distingui-las? A chave para essa interpretação é a oposição entre as duas placas que estão acima das portas. É somente ao contrapô-las, homem *versus* mulheres, que um sentido se produz.

Figura 4: Significante “Homem” x Significante “Mulher”



Fonte: LACAN, 1998, p. 502. Original do seminário realizado por Lacan em 1957.

O significante “homem” e o significante “mulher” engendram a diferença de lugares, e não propriamente “o” lugar designado para cada um. Nota-se, por conseguinte,

<sup>205</sup> Seminário realizado por Lacan em 1957.

que o significante não remete diretamente ao significado, do modo arbitrário como Saussure propõe, mas se inscreve como diferença (NANCY e LABARTHE, 1991).

Lacan (1998)<sup>206</sup> faz uso das portas citadas para expor ainda um outro exemplo a propósito do significante. Ele incita o leitor a imaginar a cena de um trem que chega à estação, ao destino final. Embarcadas em um dos vagões, duas crianças avistam, do lado de fora, as duas portas e as respectivas placas. O surpreendente, aí, é que elas não as interpretam como entradas de sanitários. De outro modo, o menino, ao ler a placa, crê que chegaram a um lugar que se chama “Mulheres”. A menina, por sua vez, debocha de sua conclusão, afirmando que chegaram em...”Homens!”.

À vista de ambos os exemplos, tomo o trilho por onde esse trem desliza como a própria escrita da barra, aquela mesma que separa o significante do significado. Os trilhos do trem e/ou a barra impõem um impossível na relação entre os dois termos, dando notícias da polissemia e da ambiguidade da linguagem. Se uma placa pode designar a entrada de mulheres a um banheiro, do mesmo modo pode nomear a estação de um trem. Embora o sentido insista, ao designar o sexo feminino ou masculino, jamais consiste, deslizando perpetuamente nos trilhos da barra, remetendo metonimicamente um significante a outro, uma cadeia de anéis diferenciais, que não marcam nada além de suas posições e de suas relações ou combinações pelas quais se fabrica *um* sentido.

A escrita da barra, a mesma dos trilhos de um trem, coloca em evidência o atravessamento do ser falante pela linguagem. O algoritmo S/s esclarece, ele mesmo, a pura função do significante, a qual podemos surpreender na pluralidade de leituras possíveis para além da vidraça de uma janela. Se analiso a palavra *arbre*, árvore em francês, é possível verificar, de acordo com a pluralidade de ressonâncias semânticas que podem advir a partir dela, que não é apenas pelo fato de a palavra *barre* ser seu anagrama que ela transpõe a barra do algoritmo saussuriano, produzindo um efeito de sentido. Então, decompô-la no duplo espectro de suas vogais e consoantes permite evocar as significações das quais o significante é carregado (LACAN, 1998).<sup>207</sup> Essa apresentação em cadeia, que é o modo como o significante articula-se, permite que todo falante possa fazer uso da língua para transmitir algo totalmente diferente do que se coloca no nível do enunciado. Por exemplo, *árvore* pode remeter ao que uma analisante encontrou em um passeio no parque, por exemplo, mas também remeter a outro significante, metaforizando aquilo que,

<sup>206</sup> Mesmo período citado na nota acima.

<sup>207</sup> Seminário realizado por Lacan em 1957.

ao encontrar, lhe causou muita angústia, por reiterar a sentença superegoica materna: *minha mãe sempre reclamou que eu sou desarvorada*. É condição do significante, digamos, fazer acrobacias com os galhos de uma árvore, pois é de sua estrutura provocar deslizamentos, voos, desvios de rota, o que produz nuances de sentido, abrindo um espaço para o equívoco. O convite que um analista faz à livre associação é justamente na expectativa de que um fluxo “desarvorado” se produza.

Ao explorar os meandros do escrito *A instância da letra*, noto que Lacan dá um passo decisivo ao impor a não relação entre significante e significado, pois ele ratifica e reitera a psicanálise como um trabalho em torno dos equívocos, que não se interessa pela suposta comunicação, mas se detém naquilo que não comunica, mas evoca. Ao não haver a fixação única e universal de um sentido, um mesmo significante pode ser lido de modos diversos. Esse passo do psicanalista produz uma inflexão, já que o que se escuta e, ainda, o que se lê – como a placa que se vê pela vidraça de um trem, ou seja, o significante – não tem nenhuma relação com o que isso significa; e, portanto, com o significado. Reencontro, nesse ponto, a letra.

Convido o leitor a examinarmos outro escrito de Lacan (2003)<sup>208</sup>, *Lituraterra*. Trata-se de um artigo determinante para pensar o problema da letra na psicanálise e, por isso, ele nos fará companhia até o final deste capítulo. Proponho analisá-lo seguindo um determinado método que surgiu para mim a partir das leituras e releituras que fiz do texto em questão. Foi preciso fazer certos cortes, escansões, que realmente compuseram o próprio modo de lê-lo. Ao me defrontar com essas exatas passagens, fui premedida a interromper a leitura. Talvez seja o que Barthes (2004)<sup>209</sup> descreve como aqueles instantes do texto em que precisamos levantar a cabeça, exato ponto onde sobrevém uma enxurrada de associações, ideias, e nos constringe a deixar o texto de lado, ao menos temporariamente.

Decido, portanto, incorporar esses pontos de corte do texto ao próprio texto da tese. À vista disso, designo os subtópicos a seguir com frases, fragmentos extraídos desses parágrafos em que a leitura se deteve, nos quais a leitora ficou à deriva. Uma dessas interrupções se insurgiu antes mesmo que adentrasse no corpo propriamente dito do artigo. Já no título, fui fisgada pela ressonância, *litura – terra*, cuja pronúncia perturba a audição, confunde os sentidos e soa quase como um trava-língua. Com a cabeça de pé, voei longe

<sup>208</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

<sup>209</sup> Original publicado em 1984.

pelas associações provocadas, lembrei-me de uma frase que foi tantas vezes repetida que acabou por se tornar um ditado popular: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura...Tanto bate que...litura.

*Litura-terra*, um neologismo composto por dois significantes, *terra* e *litura*. Para compô-lo, Lacan (2003) se apropriou de três radicais, *lino*, *litura* e *literarius*. Esse escrito que já no nome é poesia e surpreende com o estilo hermético, permite-nos ler o seu texto como também se lê uma poesia.

#### 4.4.1 “... nisso ela mostra seu fracasso...”

*Lituraterra* foi redigido em 1971, na época de *O Seminário 18*, mas está publicado também em *Outros escritos*. Verifico que o lugar de enunciação de Lacan, nesse texto, certamente é o de leitor, tanto dos escritos literários, mas também do que se fez leitura em uma paisagem pela qual ficou arrebatado.

Como leitor, Lacan parece se interessar pela produção literária de vanguarda, que não se preocupa em manter o *semblant* do sentido. Ele é tocado pelo que no texto faz furo, denúncia de um saber que só se vincula no fracasso e que mantém o enigma ao seu lado. Toda tentativa de definir a letra se faz pela via simbólica, mas a face real resiste. *Lituraterra* nos mostra o próprio saber em fracasso, segundo um movimento vertiginoso, ou, como Lacan aponta, *mise-en-abîme*. Este termo, em francês, traduzido como narrativa em abismo, é também um recurso visual e retrata uma figura dentro de outra, como as bonecas russas Matrioscas, nas quais sempre há uma menor que está contida no interior da maior. Esse recurso é usado por Lacan como apólogo a um saber em fracasso, por remeter a uma abordagem que se faz por desvios, por desdobramentos e aproximações que vão nos permitindo cercar, a cada volta, um certo núcleo, mas que, por razões de estrutura, se faz resistente a uma elucidação.

No trabalho com os livros de Gide – escritor que lançou mão desse artifício na escrita –, Souza (2004) aborda algumas obras artísticas que também se valeram da mesma técnica. Por exemplo, no quadro de Velázquez (Figura 5), *As meninas*, é possível notar que há um complexo emaranhado de imagens, inseridas umas sob as outras, uma confusão pictórica dos espaços e lugares, uma trama composta por diversos planos, ou, ainda, a representação dentro da representação.

Figura 5: *As meninas*, de Velázquez, 1656



Fonte: BBC,< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50472322>>.

À esquerda, notamos o próprio pintor, Velázquez, retratando com seu pincel aquele que, em outro plano, olha para ele, olha para a cena, olha também para a tela a ser pintada. Há, ainda, um casal no fundo da pintura, refletidos por um espelho, o que indica que eles também estão dispostos junto a nós, espectadores. Do lado direito, um homem é flagrado no ato de escapar do recinto, ao subir as escadas, e ele também nos nota. Um quadro dentro de outro quadro, uma cena dentro de outra cena. Nesta tese faço uso desse mesmo recurso, *mise-en-abîme*, para construir um trabalho sobre a leitura que, por sua vez, também se constrói mediante outras leituras que durante o percurso foram se desdobrando. O fio de uma leitura conduziu a uma outra, e, de repente, vi-me interessada pela leitura que Lacan fez de Freud e também de Poe, por exemplo. Fazendo uma leitura da leitura, proponho-me extrair dessa leitura em abismo um certo modo de estar à escuta em análise.



Sigo, desse modo, uma indicação de Lacan. Ele confessa que, diante da literatura – e, ainda, diante de qualquer texto, segundo veremos –, não resta nada além de realmente operar pela via desse saber em fracasso. Ao tomar esse recurso como um método, Lacan renova a sua análise do conto de Poe e, desta vez, privilegia o exame do que vacila no texto. Talvez sejam estes os momentos em que, como leitor, precisou levantar a cabeça.

Lacan, leitor, apercebe-se de que não é a matéria da carta que transmite a mensagem, mas a materialidade da *lettre* que diferencia a missiva do próprio significante que carrega. E, no âmbito da materialidade há uma condição. A letra sempre chega a seu destino, pois tem um trajeto que lhe é próprio: desenhar a borda de furo no saber. É esse o seu destino (PORGE, 2019). Ele revisita o estatuto *en souffrance* da *lettre* e, ao desdobrá-lo uma vez mais, surpreende nesse ponto o seu furo. O que lhe interessa é o engodo, a confusão quase cômica gerada pela carta desviada – o mal-entendido.

#### 4.4.2 “... se fez leitura...”

*A letter, a litter*. Foi pelo desdobramento, em abismo, desses dois significantes, orientado pela ressonância homofônica que apresentam, e extraído de James Joyce, que Lacan (2003)<sup>210</sup> começa a traçar uma outra volta em torno da letra em *Lituraterra*. Se no escrito sobre *A Carta Roubada*, de 1955, encontramos a letra como carta, lixo, que por um desdobramento sutil se amassa, rasga-se e assim desvia, em 1971 há um conceito que se produz, em ato, pelo deslizamento entre vogais. Letra-lixo, troca literal que oblitera um sentido para desdobrar um outro, uma significação em espiral, em abismo.

Ao retornar de uma viagem ao Japão, por uma rota diversa à que normalmente se faz, por um desvio de percurso, Lacan avista uma imagem. Em um outro registro de espaço, planando entre as nuvens, assim se lhe “apareceu invencivelmente – e essa circunstância não é de se jogar fora – [...] o escoamento das águas, único traço a aparecer” (LACAN, 2003, p. 21). Abismado pela planície Siberiana, capturado pela ocisão das águas na terra, as mesmas que irromperam do *semblant* das nuvens, ele vislumbra ali um ravinamento, experimenta um litoral que cinge e traça dois campos, “estrangeiros a ponto de não serem recíprocos” (LACAN, 2003, p. 18).

---

<sup>210</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

Assim, “[...] se fez leitura o que vi da planície siberiana” (*Ibidem*, p. 20). Por um revés, por um *fracasso* de voo, por um acontecimento absolutamente contingente, Lacan se aproxima da letra. Confrontado com isso que sobressalta da paisagem, opera-se uma leitura. Não é curioso que seja desse modo que a letra se conclua como litoral?

Certamente sua estada no Japão não foi sem importância. Na condição de *ocidentado* – outro neologismo lacaniano que condensa as palavras “ocidental” e “acidentado” –, ele confessa seu fascínio pela especificidade da caligrafia japonesa e dos ideogramas, que diferem da escrita cursiva, na qual o singular da mão esmaga o universal da língua. Por sua vez, o caractere oriental, essa quase pintura, é a demonstração de um acasalamento com a letra (LACAN, 2003; 2009).<sup>211</sup>

No solo de *Lituraterra*, a letra se circunscreve como litoral, separando e também conjugando solos distintos. No encontro com a planície Siberiana, Lacan reencontra Freud, soletrado na névoa das nuvens. A sua análise dos sonhos nos transmite mesmo a leitura literal e litorânea da letra e, especialmente, confronta-nos com um núcleo que não se reduz a um único sentido. Como no sonho de Sergei, *Espe* se coloca como ponto de resistência à interpretação e, por outro lado, é o que permite que uma leitura incitada por outra leitura se produza: “wespe”, “espe”, “S.P.”.

Não à toa, portanto, Lacan aponta que a letra trafega entre o *semblant* – operando como suporte de uma mensagem, concepção dos anos 1950 – e a tessitura da borda do furo no saber, transtornando o sentido, seja pelo excesso, seja por esvaziá-lo, como nos aponta Mandil (1997). Essa proposta é, de fato, bastante freudiana, já que o modelo que o psicanalista sugeria para o sonho era o de um rébus, mensagem cifrada que produz enigma.

#### 4.4.3 “...se é de sua ruptura que chove...”

Leio, em *Lituraterra*, uma pergunta: como o inconsciente – do modo como Lacan o toma, isto é, estruturado como uma linguagem – comanda a função da letra? Na sequência, encontro o parágrafo abaixo:

---

<sup>211</sup> Seminários realizados por Lacan em 1971.

Ser ela [a letra] o instrumento apropriado à escrita do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra, ou até por um outro, na frase, e portanto para simbolizar certos efeitos de significante, mas não impõe que nesses efeitos ela seja *primária*. Não se impõe o exame desse *primarismo*, que nem sequer deve ser suposto, mas do que da linguagem chama/convoca o litoral ao literal. O que inscrevi, com a ajuda de letras, sobre as formações do inconsciente, para recuperá-las de como Freud as formula, por serem o que são, *efeitos de significante*, não autoriza a fazer da letra um significante, nem a lhe atribuir, ainda por cima, uma primazia em relação ao significante (LACAN, 2003, p. 18-19, grifo nosso).<sup>212</sup>

Lacan adverte que, embora a letra possa servir ao uso do significante, ela não é primária. A letra não é decalque do significante, mas sim de seus efeitos. Cunha-se um bordão, que apara as arestas de possíveis equívocos: a letra está no real, enquanto o significante, no campo simbólico. Também não convém situá-la em uma anterioridade ao significante, “não há, no caso da letra, rastro primeiro” (PORGE, 2019, p. 165). Ademais, não é comandada pelas leis da linguagem, como metáfora e metonímia. Uma letra não remete a outra, tampouco pode ser tomada por uma outra – ela apenas é, na literalidade, como lemos em S.P. O ponto crucial a ser averiguado é o modo como a letra se impõe.

A letra produz rasura de “traço algum que seja anterior” (LACAN, 2003, p. 20). E essa rasura, ocisão de terra vislumbrada no voo de Lacan, é para ser lida como remate do traço primário e também o que o apaga. Tal como Porge (2019) permite argumentar, a novidade da letra em *Lituraterra* está em ser tomada como traço e apagamento, desenhando o rastro apagado de uma fronteira que não existe – a não ser como *semblant*. É como a margem imprecisa entre o mar e a areia, sabemos que há algo ali que faz litoral, percebemos seus efeitos, porém não podemos, propriamente, ver.

#### 4.4.4 “... não tem a ver com os ouvidos, mas com a leitura...”

Com esta construção de um litoral de letra, ou da letra como litoral entre dois campos heterogêneos, Lacan (2010)<sup>213</sup> engendra uma nova categoria para a leitura, desalojada do campo do significante, pois identifica que não é a mesma coisa *ler e ler uma letra*. Essa novidade promove ainda um outro deslocamento, inaugurando a posição que ele terá, dali em diante, em relação à literatura. São inúmeras as implicações da re-abordagem

<sup>212</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

<sup>213</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1972 e 1973.

sobre a letra no âmbito de *O seminário, livro 20*. Entretanto, também me restrinjo a examinar as passagens do texto em que a leitura precisou se interromper, instantes em que levantei a cabeça, como que para tentar recobrir o fôlego. Como é o caso do parágrafo abaixo:

Se há alguma coisa que pode nos introduzir à dimensão do escrito, como tal, é perceber que, não mais do que o significado, o significante também não tem a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, a saber: do que se ouve de significado. Mas o significado, justamente, não é o que se ouve, o que se ouve é o significante. O significado é o efeito do significante (LACAN, 2010, p. 100).<sup>214</sup>

Repito, usando outras palavras, o parágrafo citado acima, para ler novamente o que ele está enunciando. Leio: Lacan assinala que o que pode nos tornar sensíveis ao que está em jogo na dimensão do escrito é nos apercebermos de que apenas o significado (e não o significante) não tem a ver com as orelhas, não faz negócios com a escuta. Se quisermos *ouvir* sentido, há malogro, não há *affair*. O significado tem a ver com a leitura, a leitura do que escutamos de sentido *no* significante. O significado é efeito do significante, efeito da *leitura do que escutamos*. Leio: uma leitura da escuta.

Para seguir no mesmo tom do que estou construindo nesta tese, proponho trocar “significado” por “sentido”, pois a grafia deste último permite incluir o malogro que lhe é próprio: sem-tido.<sup>215</sup> O que o discurso analítico instaura é justamente a ideia de que esse sentido é *semblant*. Ao ler o parágrafo supracitado na versão em francês, encontro *n'affair avec les oreilles* para “não tem a ver com os ouvidos”. Por conseguinte, é possível também ler aí que o sentido *não faz relação* com os ouvidos. É de não relação que se trata, de uma não correspondência entre o que se escuta e o que se escreve disso, e mesmo o que se lê. Acompanhemos, agora, a segunda parte da citação: trata-se uma leitura do que se escuta de sem-tido.

Ao referir o sem-tido como não fazendo relação com o órgão da escuta, mas com a leitura do que se escuta, Lacan indica escutar os rastros do escrito na fala, o traçado

---

<sup>214</sup> Seminários realizados por Lacan entre 1972-73.

<sup>215</sup> Essa tradução foi inspirada por um parágrafo extraído do seminário em questão (LACAN, 2010, p. 243): “É o corpo falante, na medida em que ele só pode conseguir reproduzir-se graças a um malogro do que ele quer dizer, pois o que ele quer dizer – como bem diz o francês, *son sens*, seu sentido – que é gozo efetivo – é malogrando, isto é, trepando [...]” Ao lermos, escutando o som em “*son sens*”, flagramos uma homofonia com a expressão em francês que seria “*sans sens*”, sem sentido. Pela via do sem-sentido, escolhemos traduzir, portanto, *sens* por sem-tido.

da letra, já que o falante só se presentifica por efeito de um mal-entendido do que ele quis dizer. É malogrando no dito que algo se passa, como um *pas-de-sens* que é, também, um passo.

Se, porventura, a proposta de escutar um rastro de letra pode soar de modo estranho a algum “ouvido desavisado”, o desaparelhamento, necessário, entre a voz, como objeto pequeno *a*, e o campo da escuta, autoriza-nos a confirmar a *escuta-leitura* do escrito. Além disso, o conceito de letra, ao ser desenvolvido por intermédio da leitura, tanto em Lituraterra, quanto no *Seminário 20*, aponta para a especificidade da escuta analítica, da função “ouvidor”: uma leitura da escuta. É mesmo o que Sergei faz, ao escutar-ler em *Espe* o traçado de letra S.P. É esta, portanto, a consequência da formalização de letra nos anos 1970.

O significante saussuriano equivale à sua imagem acústica, ao som entoado em sua pronúncia. Considero que foi esse também o caminho apontando por Lacan até 1971, o de que o significante se escuta. No entanto, no *Seminário 20*, ele propõe que o significante se lê e, também neste momento, devolve a linguística ao domínio do linguista e propõe outro nome para a disciplina à qual o psicanalista recorre para tratar da relação do ser falante com a linguagem: *linguisteria*. Acerca dessa passagem, Ritvo (1997) argumenta que é como se o psicanalista tivesse realizado que a distinção entre significado e significante era insuficiente, porque reiterava o plano da potência e não o da impossibilidade. Neste último, trata-se do escrito como o impossível de ser lido, *pas a lire* que, no entanto, justamente produz *uma* leitura.

A letra não antecede o significante, compondo-o, mas se depura com sua decomposição. Como mencionado, Lacan nos mostra que a psicanálise opera como uma “figura em abismo”, tendo o fracasso como método, ou, ainda, tal qual acentua Paulo Fonseca Andrade (2016, p. 96), como um saber “sem fundo”, “caindo a cada nova volta da linguagem”. Esse estilhaço de materialidade de letra é o que permite que, a cada nova “volta”, um outro “edifício” se construa, para, em outra curva, também ele ser demolido, inundado pela água que alaga o litoral. Depreendo disso um ponto importante, no qual encontro embasamento para propor a leitura como um recurso metodológico possível frente ao saber-em-fracasso. É como se Lacan incluísse a resistência na própria operação de ler, impossibilidade que só pode ser circunscrita pela letra, no que ela faz fronteira entre o legível e o ilegível.

Não à toa, portanto, a retomada de *A Carta Roubada*, de Poe, no contexto dos anos 1970, permite-lhe proceder uma leitura inédita. Como Vidal (2000, p. 25) bem sublinha, o conto passa à função de causa de produção, “sendo o leitor o sujeito que se divide frente a ele, convidado a pôr algo de si” que lhe compromete. Finalmente, o destino da carta-*lettre*-letra tomado por Lacan permite averiguar que o sujeito do inconsciente não é suposto poder ser lido. Ele se interessa pela letra no que ela faz furo, no que mostra o seu fracasso, pois eis o que ela desenha: a “borda do furo no saber” (LACAN, 2003, p. 18).<sup>216</sup>

Destaco algo que pôde ser assimilado durante a minha leitura: ao atribuir um outro estatuto ao conto de Poe, Lacan se inclui como leitor, compondo um ternário junto do escritor e do texto em questão, a mesma baliza usada por ele em 1965, a propósito da homenagem à Duras, pela história arrebatadora de Lol V Stein. Entre o conto e a leitura que se faz dele, um fracasso, um abismo, traçado de letra, descontinuidade. Interrogo: de que leitura se trata quando nos referimos à *lettre*, letra, esta que escapa ao sentido e que impõe um ilegível? Retorno, uma vez mais, a um impasse concernente à leitura que, além de confirmar a necessidade de repensar o seu estatuto como legível, convoca-me a examinar este último, desta vez pelo prisma da opacidade. Nesse âmbito, não interessa a exegese do sentido, pois convém investigar justamente *como* o ilegível faz resistência e, especialmente, *como* esse ilegível (*pas a lire*) é um passo-a-ler.

---

<sup>216</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

## 5 CAPÍTULO IV – *COISA LITERÁRIA, UNHEIMLICH, ARREBATAMENTO: LER COM O ILEGÍVEL*

Como pudera o autor alcançar conhecimentos idênticos aos do médico – ou pelo menos comportar-se como se os possuísse? (FREUD, 2006, p.55).<sup>217</sup>

Jacques Lacan é, antes de tudo e entre muitas coisas, um ensino e uma leitura, o ensino de uma leitura. (DE MAN, 1975, p.18).

### 5.1 Uma leitura ao nível do umbigo

No que se refere a um problema de leitura, encontro no umbigo do sonho um paradigma crucial. Freud (2019)<sup>218</sup> o situa como o ponto de ininteligibilidade do texto onírico, que opera como resistência ao sentido. Essa inferência, de fato clínica, confirma-se no que ele surpreende na estrutura do sonho: um “novelo de pensamentos oníricos que não é possível desembaraçar” (FREUD, 2019, p. 575). Se, por um lado, o psicanalista verifica a pluralidade de leituras possíveis de um sonho – a sobredeterminação –, ele também se defronta com um limite, um centro incógnito, “ponto de convergência final de todos os significantes” (LACAN, 2016, p. 119).<sup>219</sup> Nas palavras de Freud (2019, p. 319): “[...] no fundo, nunca podemos ter certeza de que a nossa interpretação do sonho é completa; mesmo quando a resolução parece ser satisfatória e não apresentar lacunas, é sempre possível que mais outro sentido se manifeste no mesmo sonho”.

Reconheço em Felman (2012) uma proposta de leitura realmente preciosa, rigorosa e consistente. A autora se apropria desse núcleo de opacidade do texto onírico, para trabalhá-lo como o que justamente propicia que uma certa leitura se efetive. Sua exposição versa especificamente sobre o famoso sonho da Injeção de Irma, pois localiza nele o ponto em que a psicanálise se origina. Demonstrando, em ato, uma leitura que margeia o centro insondável do sonho, ela perfaz um exame inédito do texto de Freud,

---

<sup>217</sup> Escrito em 1906 e publicado em 1907.

<sup>218</sup> Original publicado em 1900.

<sup>219</sup> Seminário realizado por Lacan entre 1958 e 1959.

convocando a nós, leitores, a adentrar suas entrelinhas, a ler muito mais a forma da escrita do que se propondo a extrair um sentido dela. Felman toma o escrito freudiano ao pé da letra, interroga-o, submete-se a ele, operando o que proponho tomar como uma clínica do texto.

No primeiro capítulo, expus os bastidores da ocorrência desse sonho, das cartas trocadas entre Freud e Fliess, à época, cujo cerne seriam as lamentações e o sentimento de culpa pelo insucesso do tratamento. A cirurgia feita por Fliess quase custou a vida de Irma, e Freud se sentiu responsável por tal infortúnio. Na noite de 23 de julho de 1895, ele tem um sonho cuja análise desvela o cerne desse pesar e que pode ser verificado em *Traumdeutung*.<sup>220</sup> Logo após o relato do sonho, Freud (2019) procede a sua leitura, dissecando-o a partir dos significantes que nele encontra. Embasado na tese que formulou sobre a realização de um desejo, Freud conclui que, por essa via onírica, ele se vingou “de duas pessoas: de Irma, com as palavras: ‘Se você ainda sente dores, a culpa é inteiramente sua’; e do dr. M. com as palavras de um consolo absurdo que coloquei em sua boca” (FREUD, 2019, p. 148).

De um modo outro, Felman se ocupa de uma sutileza, silenciosa, que encontra nesse mesmo relato. Ela circunscreve, a partir de um detalhe, um núcleo que orienta toda a sua leitura, para o qual atribui um valor central. A questão é que ele é retirado de uma nota de rodapé de *Traumdeutung*. Embora sua aparição se faça de modo marginal, acaba por se

---

<sup>220</sup> Segue abaixo a descrição do sonho, que equivale à sua leitura, conforme exposta por Freud ([1900] 2019, p. 139) em *Traumdeutung*:

“Um grande salão — muitos convidados que recebemos. — Entre eles, Irma, que imediatamente chamo de lado, como que para responder à sua carta e para recriminá-la por ainda não aceitar a minha ‘solução’. Digo a ela: ‘Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua’. — Ela responde: ‘Se você soubesse quantas dores eu sinto agora na garganta, no estômago e no ventre — elas me sufocam’. — Eu me assusto e olho para ela. Parece pálida e inchada; penso que talvez eu não esteja reconhecendo algo orgânico. Levo-a até a janela e examino sua garganta. Ela resiste um pouco, semelhante às mulheres que usam uma dentadura artificial. Penso comigo mesmo que ela não precisaria fazer aquilo. — Então ela abre a boca adequadamente, e à direita descubro uma grande mancha branca; em outro lugar vejo, em estranhas formações crespas, que evidentemente tinham como modelo os ossos turbinados do nariz, extensas crostas cinzentas esbranquiçadas. — Chamo rapidamente o dr. M., que repete e confirma o exame [...] A aparência do dr. M. é muito diferente da de costume; está muito pálido, manca, e o queixo está sem barba [...] Agora, meu amigo Otto também está ao lado dela, e meu amigo Leopold a ausculta através do corpete e diz: ‘Ela tem uma área amortecida embaixo, à esquerda’; ele indica também que uma parte da pele no ombro esquerdo está infiltrada (algo que, como ele, também consigo sentir, apesar do vestido) [...] M. diz: ‘Não há dúvida, é uma infecção, mas não importa; virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado [...]’. De imediato, também sei qual a origem da infecção. Recentemente, quando ela se sentiu indisposta, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção com um preparado de propil, propileno [...] ácido propiônico [...] TRIMETILAMINA (veja essa fórmula em negrito diante dos meus olhos)... Esse tipo de injeção não se aplica levemente... Também é provável que a seringa não estivesse limpa.”



tornar o próprio eixo da leitura e da análise de Felman. Eis a nota, que versa sobre o umbigo do sonho:

Suspeito que a interpretação dessa parte ainda não avançou o bastante para revelar todo o seu sentido oculto. Se quisesse dar continuação à comparação entre as três mulheres, eu me afastaria demais do tema. – *Cada sonho tem pelo menos um ponto em que ele é insondável, um umbigo, por assim dizer, com o qual ele se vincula ao desconhecido.* (FREUD, 2019, p.143, grifo nosso).<sup>221</sup>

O que a intriga, na forma como Freud formula a questão, é o fato de ele introduzir uma ideia subversiva e de suma relevância, como um apêndice, à margem, ao pé da página. O lugar de nota menor do texto. Outro detalhe que a captura é a escolha do nome para designar o insondável de um sonho: umbigo. Ao se apropriar de uma parte, um fragmento do corpo – e não qualquer um –, Freud fura a sua correspondência semântica, fazendo tropo com a linguagem, para criar uma outra significação possível para “umbigo”. Felman lembra que o umbigo é, de fato, ponto de contato entre o corpo materno e o *infans*, lugar onde se corta para separar o que outrora os reunia. Por conseguinte, é um ponto tanto de conexão quanto de desconexão, encarnando, em um só termo, “o modo como o sonho está, todo e de uma só vez, *ligado* ao desconhecimento e *desconectado* de seu desconhecimento” (FELMAN, 2012, p. 30). Destaco ao leitor: separa, tanto quanto une; liga tanto quanto desconecta. Umbigo é litoral, litoral entre dois campos. Aqui, reencontro a letra.

A forma marginal do conceito de umbigo do sonho se mantém até o final de um dos capítulos de *Traumdeutung*, no qual passa de uma notinha de rodapé, para ser incorporado ao próprio texto, quase 400 páginas depois. Freud (2019) conclui:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem que ser deixado na obscuridade; é que, durante, o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem,

---

<sup>221</sup> Felman também atina para o fato de que essa nota de rodapé transmite outra questão crucial para a psicanálise, a mesma que deixou Freud sem palavras: o que quer uma mulher? Sabemos que a feminilidade restou como um enigma para ele. Assim sendo, a autora circunscreve também aí o “ponto de fracasso”, um ponto textual ausente de conclusão para Freud.

pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É *de algum ponto* em que essa trama é particularmente fechada que *brotava o desejo do sonho*, tal como o cogumelo de seu micélio (FREUD, 2019, p. 556-557).

Felman (2012) argumenta que o umbigo, núcleo que não se presta a ser decifrado, é também o que produz não apenas um sonho, mas toda a teoria da interpretação dos sonhos de Freud. Por meio do incognoscível aberto na garganta de Irma, Freud realiza que a resistência é um “nó textual” e propõe a psicanálise como um modo novo de ler e de trabalhá-lo, admitindo o que essa opacidade tem de “fértil” ou “fecundidade” – para usar a palavra da autora. Nesse núcleo de resistência do sonho, Freud encontra e arremata a força motriz de sua práxis.

A autora estende a presença desse umbigo a toda significação, não sendo exclusivo do sonho. O que tanto separa quanto une, esse nó umbilical que é corte, assegura, ele mesmo, a insistência do sentido, a instância da letra. Assim sendo, trabalhar ao nível do umbigo seria admitir o corte, as entranhas impossíveis de ler, inerentes a todo texto. A “ferida” desse corte no corpo, umbigo, sobressalta e desconcerta o leitor diante de certos textos, exato instante em que a leitura desmorona – aqueles momentos em que levantamos a cabeça. É também essa ferida, umbigo, o que convoca, compulsiva e infinitamente, a leitura. Mais ainda...

É possível tomar essa ideia como baliza de leitura da intrigante acepção lacaniana, que confere ao escrito o destino de não ser lido, *pas a lire* (LACAN, 2010; 2008).<sup>222</sup> Sendo assim, a ruptura umbilical, que retalha o texto e o disjunta de uma possibilidade de leitura, é, todavia, o que instaura um “não a ler” que é, também, um “passo a ler”. Passa-se a ler a partir desse enigma, que também é um passo à leitura.

O artigo redigido pela autora, incitado pela leitura do texto freudiano, é endereçado a um leitor especial, De Man. Nessa interlocução, uma “leitura da leitura”, uma leitura em abismo, De Man extrai e dá ênfase ao que julga ser o cerne daquele escrito: o modo singular de Felman formular perguntas *ao nível do umbigo*. Esse estilo de interrogar e interpelar não apenas o texto, mas também a fala de um analisante, é marca identitária da práxis freudiana cuja potência advém menos de suas soluções teóricas para os impasses neuróticos de sua época, e mais de seu modo prenante de “fazer perguntas ao nível do

---

<sup>222</sup> Seminários realizados por Lacan no período entre 1972 e 1973.

umbigo” (DE MAN, 2012, p. 37). Nessa operação, trata-se de se defrontar com a opacidade de um texto, ponto em que o sentido é fratura, corte, que decepiona aquele leitor ávido pela compreensão e o leva à desistência. Os insistentes, que se entregam à aridez de um texto, suportam uma leitura em nível de um certo nascimento e de uma certa cicatriz, a que sobressalta o leitor com questões erigidas em torno de uma também impossibilidade de perguntar.

O umbigo é um nó que corta. Essa exata frase aparece seis vezes no texto de Felman (2012), como que reiterando um impossível e encontrando um modo de se desdobrar – acrescentando outra volta – justamente pela repetição e pela diferença que se produz a cada vez que a repete. Seu texto se conclui com essa frase, como que repetindo o gesto freudiano de não encontrar a resposta, tomando esse umbigo como a única via de continuar a endereçar a pergunta, relançando o que resta insondável a um sem-fim de voltas ao texto e de desdobramentos. O umbigo, e também a letra, é o ponto de sobrevivência – e, portanto, de resistência – do texto, da leitura. Não se pode. E se lê.

Tomando os apontamentos que De Man realiza sobre seu texto, Felman procede a uma leitura da leitura e desenvolve o que reconhecemos como “uma baliza de método”, para fazer referência ao que Lacan desenvolve em 1965, conforme veremos. Os comentários de De Man não são resolutivos, mas provocam uma continuação, trazendo à luz algum resíduo de sentido “que subverte e mina nossa ilusão de coerência, de apropriação do texto, e que *tira o chão sob nossos pés*” (FELMAN, p.39, grifo do autor). Tanto Felman quanto De Man nos defrontam com a dura condição de que nós, leitores, “não lemos a queda do texto nos mantendo de pé”, mas estamos “capturados na queda do texto” (*Ibidem*, p.39). E, para prosseguir em determinadas leituras, é preciso deixarmo-nos continuar a cair.

Felman se refere a uma leitura que compromete o leitor, convoca-o a uma perda, leva-o “a uma consequência em que ele precise colocar algo de si”, do mesmo modo como Lacan (1998)<sup>223</sup> adverte seus “novos leitores” a tomarem o seu texto na abertura de *Escritos*. Uma leitura da qual não se sai impune é mesmo a que concerne ao campo analítico. Lembremo-nos de seu alívio ao tomar conhecimento dos comentários mais frequentes sobre o livro citado, muitos diziam que não haviam entendido nada. Por fim, confessa: “Observem que isso é muita coisa. Algo de que não se compreende nada é a

---

<sup>223</sup> Seminário realizado por Lacan em 1966.

esperança absoluta, é o *signal de que se foi afetado por aquilo*. Felizmente não se compreendeu nada porque só se pode compreender o que já se tem na cabeça” (LACAN, 2009, p. 99, grifo nosso).<sup>224</sup>

Uma leitura ao nível do umbigo: nó que corta. Encontro no trabalho de Felman uma “baliza de método” para pensar a leitura em uma análise, também na forma como convém ao psicanalista escutar um analisante, e, sobretudo, direciona-se a um modo de tomar o texto psicanalítico. Não passou despercebido que a proposta de fazer perguntas ao nível do umbigo coincida com o esforço de sustentar a dimensão da surpresa, mantê-la em aberto, estar disponível para ser por ela atropelada, questão esta que acompanhou toda a escrita da tese.

Não menos impactante é recorrer, novamente, à Freud (2010)<sup>225</sup>, e verificar que toda a psicanálise repousa sobre uma pedra angular que é também umbigo, resistência: o recalque. No segundo capítulo, constatamos que a associação livre é tributária do abandono da hipnose, instante em que ele passa a escutar, na fala das pacientes, imprecisões de datas, lacunas nas lembranças, dificuldades em recordar cenas... Freud demonstra com isso que a resistência é índice de que outra operação está em vigor, a da transferência, pois “sempre que nos aproximamos de um complexo patogênico, a porção do complexo capaz de transferência é empurrada para a consciência e defendida com a maior insistência” (FREUD, 2019, p.113).<sup>226</sup> E, ademais, revela que a resistência não é um fenômeno circunscrito à situação analítica, mas diz respeito à estrutura do sujeito. Isso posto, apresenta-se como entrave e força motriz de uma análise. Fenômeno que condiciona um trabalho e, ao mesmo tempo, impõe um insondável. Reencontro aqui as palavras de Felman (2012) a propósito do umbigo do texto do sonho, núcleo opaco que tanto separa quanto une. Talvez se possa mesmo considerar que a resistência é um novelo, impossível de desembaraçar, ponto em que o sonho “se vincula ao desconhecido” – para recuperarmos o termo usado por Freud em *Traumdeutung*, bem como o trecho pelo qual Felman ficou capturada – e, que no mesmo golpe, pressiona à leitura.

Destaco outro ponto que merece a atenção do leitor. Diante das repercussões clínicas da resistência, caso da reação terapêutica negativa, das neuroses traumáticas e do

---

<sup>224</sup> Seminário realizado por Lacan em 1971.

<sup>225</sup> Original publicado em 1915b.

<sup>226</sup> Original publicado em 1912b.

fenômeno da repetição, Freud (2010)<sup>227</sup> inferiu a incidência de uma pulsão de morte que trazia efeitos para o psiquismo. É importante examinar as implicações concernidas nesse ato teórico. Neste ponto, recorro a Paula (2012) que se propôs a examinar o esforço de tradução que está implicado aí. Segundo argumenta, Freud precisou “formular um conceito que pudesse escrever o que aparecia como excedendo aos domínios da interpretação”, já que “na sua clínica, alguma outra coisa se apresentava *resistindo* às investidas interpretativas” (PAULA, 2012, p. 20, grifo nosso). Novamente encontramos indicações de que a resistência se depreende como uma “pedra angular” da psicanálise.

O próprio conceito de pulsão é reconhecido por Freud (2010, p. 53)<sup>228</sup> como “um tanto obscuro”, sendo definido como “fronteiriço”, limítrofe entre o corpo e o psíquico. Também soa curioso que é com este vocábulo, *trieb* – e, portanto, com um conceito que Freud tomava como enigmático –, que tenhamos mais problemas de tradução. É patente o equívoco decorrente da substituição por *instinto* – termo escolhido pela edição inglesa das obras completas do autor –, e o mal-entendido que isso ocasionou. Como bem lembram Iannini e Tavares (2020a), desde cedo nos era recomendado sobrepor instinto por pulsão, deliberadamente, sem nos questionarmos de fato sobre o que o texto estava ali dizendo.

No entrelaçamento entre a minha leitura de Felman (2012) e Freud, construo uma leitura ao nível do umbigo, ou, ainda, ao “pé da letra”. Essa formulação concerne ao tema da presente tese, a leitura como um modo de estar à escuta em análise, pois, não apenas formaliza um certo modo de tomar um texto, mas inclui a resistência na operação de ler e corrobora a queda que lhe é própria – o sinal de que se foi afetado, como nos diz Lacan. Encerrando, para, em seguida, reabrir, repito o gesto de Felman (2012, p.42):

*O umbigo é um nó que corta.*

## **5.2 Coisa literária: palavra-efeito em Felman**

O que me deixou capturada pela análise de Felman não se encerra aí, na tocante abordagem textual do Sonho de Irma. Seu trabalho com a leitura vai além dos textos literários, ela se interessa pelo lugar de leitor, este que, tal como Barthes (2004)<sup>229</sup> pontuou, foi deixado de lado nas análises críticas. A autora confere importância a

---

<sup>227</sup> Original publicado em 1920.

<sup>228</sup> Original publicado em 1915a.

<sup>229</sup> Original publicado em 1984.

“delicadeza de um abalo, a inquietação de uma pergunta, a sutileza de uma perturbação” (BRANCO, 2020, p.22) produzida pelo trabalho exaustivo implicado em toda leitura, admitindo e tomando também como objeto de investigação os efeitos aí provocados.

No esforço de escapar das armadilhas próprias a toda definição, Felman se abstém de usar o vocábulo “literatura”, pois prefere desviar dos vestígios ideológicos que a palavra carrega. Nesse sentido, pareceu-lhe mais apropriado falar de “uma coisa literária”, expressão que caiu para ela tal como uma associação vem em análise, tal como um acontecimento, tal como a surpresa: “a palavra coisa veio para mim – na falta de um termo melhor [...]” (FELMAN, 2020, p. 336).<sup>230</sup>

De fato, Felman se refere a uma experiência, a um tipo particular de experiência, que nomeia como literária. Trata-se de algo que *acontece* no texto e com o leitor. E é isso o que o torna literário – essa coisa, esse inominável, isso que provoca algo da ordem de um acontecimento, que “faz algo conosco” (*Ibidem*, p. 336). Em entrevista concedida a Sollers, ela confessa que a “coisa literária” foi uma tentativa de nomear um “choque”. Não se trata de algo restrito à literatura, ela admite a possibilidade de que todo texto possa ser literário, desde que seja atravessado pela “literariedade”, que provoque.

No cruzamento entre a sua leitura ao nível do umbigo e a coisa literária, noto que o trabalho de Felman dá um lugar de destaque ao que, da leitura do texto, resta. Ênfase a abordagem singular que a autora procede de *A volta do parafuso*<sup>231</sup>, de Henry James, livro polêmico, enigmático e que sofreu diversas análises desde a publicação, algumas até supostamente freudianas, que sucumbiram à tentação de exaustivamente compreendê-lo. Ciente desse logro, Felman se furta a ser mais uma a pretender descobrir a chave do suposto ocultismo de James.

Essas leituras das quais não passamos impunes, inertes, impassíveis nos são importantes, já que nos permitem reencontrar com a dimensão da surpresa, a mesma que nos trouxe até aqui, e fazer algo com os seus efeitos (ou choques, para usar o termo de Felman). Para discorrer sobre esse modo singular de tomar o seu texto, não convém explorarmos a história, o romance, as imagens narrativas do livro. De outro modo, proponho ao leitor que testemunhemos como Felman parte precisamente do enigma do texto, para propor um método para ler o que faz resistência. Talvez um nome possível para esse recurso possa ser: ler *com* o ilegível, ler *com* o que não se lê.

<sup>230</sup> Original publicado entre 1987 e 1988.

<sup>231</sup> HENRY, James. *A volta do parafuso*. São Paulo: Editora Novo Século, 2021.

Partindo da premissa de que “o escândalo não está *naquilo* que o texto fala, mas no que o torna *falante*” (FELMAN, 2020, p. 187), ela interroga: *como* ele o faz? Para salvar o texto de James das críticas que reduziram o seu texto a uma infinidade de sentidos, Felman critica a voracidade por encontrar a interpretação “verdadeira”. Para sair desse impasse, defende que o legente possa realmente se entregar ao texto, único meio de fazê-lo “passar ao ato”, dramatizando a cena textual através de sua repetição. Ao assumir, ao não negar a potência capturante do efeito de James, ela questiona: o que de seu texto resiste, recusa-se a uma exegese?

A autora critica de modo veemente a abordagem vulgar que se esforça para eliminar o silêncio do texto e acredita que o processo de leitura precisa incluir a ambiguidade, de forma alguma eliminá-la. Há nesse último caso uma armadilha: na busca por unificar o sentido, só se marca, ainda mais, a duplicidade constitutiva de um escrito. Ao examinar a sua leitura de James, conclui que é desse ponto de ruína, ponto em que o texto fracassa em informar, que se evoca uma leitura, que se produz uma leitura. Pela sua falha de comunicação, aproximamo-nos do modo como sua opacidade se transmite. Finalmente, extraio de Felman um recurso metodológico de leitura, no qual se lê a evocação, e não a suposta informação, de um texto.

Tal concepção de leitura procurará não capturar o mistério, mas seguir de perto o percurso de sua fuga; não encontrar a “palavra” do enigma, mas estudar desta, a estrutura; não literalizar a ambiguidade dos signos, mas compreender sua necessidade e seu funcionamento textual, retórico. A questão seria, então, não saber *qual é o sentido* dessa história, mas antes como essa história significa, de que maneira o sentido – qualquer que seja ele – aí se inscreve e marca seu limite: a direção para a qual seu fracasso aponta (*Ibidem*, p. 203, grifo nosso).

Felman transita por esse litoral entre a coisa literária e a psicanálise, revelando que há entre ambos uma relação tão óbvia quanto furtiva, velada e, ao mesmo tempo, explícita, tal como a carta do conto de Poe, que se esconde ao se mostrar. Ao fazer coro com Lacan (1998)<sup>232</sup>, e também reconhecer a relevância deste escritor, ela justifica que seus livros foram mais bem acolhidos por leitores estrangeiros porque suas palavras, após serem traduzidas em outra língua, talvez se tornassem menos aterrorizantes. No campo dessas leituras aterrorizantes, que impactam e produzem estranhamento, sou conduzida a outro leitor, Freud, e, ainda, a um outro leitor que se descobriu arrebatado, Lacan.

---

<sup>232</sup> Seminário realizado por Lacan em 1955.

### 5.3 *Unheimlich*: palavra-conceito em Freud

Em entrevista ao italiano Giovanni Papinni, concedida já quase no fim de sua vida,<sup>233</sup> Freud confidencia que a carreira científica havia sido uma ponte que lhe permitira cumprir outro desejo, o de ser um “homem de letras”. Não é por acaso que flagramos em seus casos clínicos e ensaios uma escrita de tom prosaico, romanceado e, por vezes, poético, como no do artigo *A transitoriedade*, redigido a partir dos efeitos de uma contingência. Durante um passeio pela natureza, um de seus acompanhantes<sup>234</sup>, um jovem poeta, diz-se tocado pela fugacidade da beleza que os ronda, pela efemeridade do desabrochar das flores que, tão logo chegasse o inverno, se tornariam apenas lembranças, e pelo destino fatal ao qual todos estamos submetidos. Com um tom sutil e com a delicadeza que é sua marca estilística, Freud (2010)<sup>235</sup> desconcerta o leitor, ao indicar a finitude de uma flor como a condição mesma de seu valor. Enquanto leitora, sou, também, tocada pela beleza de sua escrita.

Se por um lado as investigações de cunho científico não lhe renderam nenhuma congratulação pela comunidade de intelectuais da época, seu estilo de escrita foi condecorado com um dos prêmios mais importantes da literatura, o prêmio Goethe. No discurso de agradecimento<sup>236</sup>, Freud (2020)<sup>237</sup> reputa ao falecido escritor uma compreensão sobre a especificidade dos conteúdos inconscientes, antes mesmo que se tornassem um tema tão caro à psicanálise. Ele faz referência a uma passagem de Fausto, em que o poeta claramente parece antecipar a sua descoberta de que os sonhos seriam a via real de acesso ao inconsciente, ao dizer que o que “não é sabido pelos homens [...] vaga

---

<sup>233</sup> Essa entrevista é polêmica. Costuma-se até mesmo questionar a real ocorrência dela, já que o único registro a que temos acesso é o relato feito pelo próprio Papinni, publicado como capítulo de um livro, *Freud as we knew him*. (RUITENBEEK, Hendrik Marinus (Ed.), *Freud as we knew him*, Wayne State University Press, 1973, p. 98-102.) Segundo aponta Pinto (2009), o jornalista teria enviado um presente a Freud, na ocasião dos seus oitenta anos – uma estátua de Narciso, acompanhada de um cartão que lhe parabenizava pela descoberta do narcisismo. Em resposta, o psicanalista lhe fez um convite para um encontro. Andrade (2008) observa que tanto a entrevista quanto as repercussões da confissão do desejo de ser um “homem de letras”, não parece ter sido mencionada por nenhum dos seus biógrafos.

<sup>234</sup> Embora Freud não tenha explicitado a identidade dos seus companheiros de passeio, sabemos que se trata do poeta Rainer Maria Rilke e de sua colega Lou Andreas Salomé, que veio a se tornar psicanalista posteriormente.

<sup>235</sup> Original publicado em 1916.

<sup>236</sup> Em função de seu estado de saúde – “estou muito frágil para uma viagem como essa” (FREUD, 2020, p. 309, original publicado em 1930) –, Freud não pôde estar na cerimônia de premiação, em Frankfurt. Foi representado pela filha, Anna Freud, que proferiu o discurso de agradecimento.

<sup>237</sup> Original publicado em 1930.



pela noite” (*Ibidem*, p. 311). Freud também menciona o auxílio que Goethe presta a uma amiga, a senhora Herder, no qual identifica características muito similares às utilizadas, anos depois, como técnica analítica. Nas palavras do escritor: “a deixei contar e confessar tudo para mim, delitos alheios e erros próprios, nas circunstâncias e conseqüências mais baixas” (*Ibidem*, p. 312).

É interessante notar que em 1897, em uma carta a Fliess, Freud já fornecia indícios da relevância que a literatura viria a ocupar posteriormente em seus estudos. Ele descreve que “o mecanismo da criação poética é o mesmo das fantasias histéricas” (FREUD, 2020, p. 43).<sup>238</sup> Todavia, ele aí não fazia mais do que repetir algo que Shakespeare já revelara, ao fazer equivalerem-se a poesia e o delírio.

Diante das inesgotáveis evidências de que as obras literárias antecipavam as descobertas feitas no campo psicanalítico, Freud passa a investigar as possíveis interlocuções entre o saber do escritor e aquele do inconsciente. O seu objetivo não era propor uma crítica literária, mas averiguar, nessas criações, elementos que pudessem contribuir e trazer luz aos conflitos psíquicos. Defensor das biografias dos escritores, Freud (2020)<sup>239</sup> discordava da opinião de que elas os rebaixavam, por acreditar que se tratariam de uma importante via para aproximá-los dos leitores, uma oportunidade de testemunhar o eixo de suas grandes produções. Almejando estreitar a relação entre o artista e suas formações inconscientes, ele chegou ao ponto de analisá-las, do mesmo modo como procedia em um caso clínico. Em alguns momentos, parece fazer uma análise do inconsciente do escritor, como se o fizesse coincidir com obra.

Nessa perspectiva, encontramos em *O poeta e o fantasiar*<sup>240</sup>, escrito em 1908, uma extensão entre o brincar infantil, a fantasia diurna ou devaneio e a criação poética. Freud (2020) verifica na brincadeira de crianças um primeiro indício de atividade poética, afirmando que, nesse ponto, atuam tal como um poeta na invenção de seu mundo particular. Embasado nessa premissa, ele julga ser possível construir uma ligação entre a vida do poeta e suas criações cujos conteúdos, segundo nos diz, seriam manifestações de uma lembrança infantil, revivificadas na forma de um escrito. Nessa perspectiva, o tema explorado em um poema desvela algo do inconsciente do escritor.

---

<sup>238</sup> Original publicado em 1897.

<sup>239</sup> Original publicado em 1908.

<sup>240</sup> O artigo freudiano citado é mais comumente conhecido por “Escritores criativos e devaneios”, conforme encontramos na edição traduzida do inglês para o português, da editora Imago.

No que tange, ainda, a investigação da criação literária em sua relação com a fantasia diurna, Freud assinala que os autores de “romances psicológicos” se instalam na narrativa, dividindo “seu Eu por meio da auto-observação em Eus-parciais e, em consequência disso, personifica a avalanche de conflitos de sua vida psíquica em muitos heróis” (FREUD, 2020 p. 61). Ele parece tomar a obra como expressão do inconsciente do escritor, o que lhe autorizaria a proceder a sua análise. Todavia, não teria ele se excedido em sua exegese literária? Será mesmo possível analisar um escritor pelos seus escritos?

Freud não se questiona sobre isso. O artigo citado parte de duas outras questões, endereçadas logo em seu início: de onde o poeta extrai os seus temas? E “como ele consegue nos comover tanto?” (FREUD, 2020, p. 53). O primeiro ponto foi desenvolvido tendo como estofa a proposta de que a poesia nos dá oportunidade de averiguar conteúdos infantis recalcados do escritor, conforme expusemos. Todavia, não passou despercebido que a segunda interrogação resta em aberto, ao término do texto, ainda que ele tenha esboçado alguma hipótese sobre o cerne de tal comoção. De modo preliminar, conclui que a leitura pode proporcionar uma certa fruição ao nos liberar, provisoriamente, das censuras psíquicas.

Onze anos depois, em *Das unheimliche*, Freud (2019)<sup>241</sup> parece retomar a mesma pergunta, desta vez endereçando-a ao gênero do conto fantástico. Nessa ocasião, ele não parte do prazer proporcionado pelos textos, ao contrário, visa compreender a angústia provocada por alguns deles. O lugar de enunciação de Freud é o de um leitor desconcertado, que não passou impune pelo conto de Hoffman – escritor a quem considera o “inigualável mestre do *unheimlich*” na literatura (FREUD, 2019, p. 67). Durante a minha leitura, notei o esforço quase hercúleo do psicanalista para recortar e tentar nomear o horror suscitado por um personagem do conto, o mesmo que lhe dá nome, *O homem da Areia*.

Convido o leitor a me acompanhar em um breve desvio, necessário para embasar o que será desenvolvido em seguida. Apresento uma síntese da narrativa do conto citado. O objetivo com isso não é o de simplesmente contar a sua história, mas, sobretudo, extrair dela alguns pontos que chamaram a atenção, e diante dos quais minha leitura se deteve (HOFFMAN, 2020)<sup>242</sup>.

---

<sup>241</sup> Original publicado em 1919.

<sup>242</sup> Original publicado em 1815.

Trata-se de um texto composto por três partes. No capítulo inaugural, há três cartas. A primeira já nos defronta, de saída, com algo curioso. Ela foi redigida pelo personagem central, Nathanael, e, embora tenha sido supostamente endereçada ao amigo Lothar, o envelope é selado e enviado a um outro destinatário – Clara, sua noiva e também irmã deste último. Todavia, esse importante detalhe só nos é revelado posteriormente, na segunda carta, redigida pela destinatária-engano, por assim dizer. Nesta, a mulher revela a Nathanael a confusão que ele cometeu, reconhece que ele devia mesmo estar com ela em mente quando a redigiu e que só percebeu o equívoco quando viu que se referia ao nome de Lothar, e não ao dela. Por fim, e depois da carta finalmente chegar a seu destino, lemos a resposta do amigo a Nathanael, que a inicia confessando o incômodo por saber que a irmã havia lido a carta que lhe pertencia.

Surpreendentemente, retornamos ao âmbito das cartas, o mesmo que nos guiou e nos conduziu ao longo da escrita de todo o primeiro capítulo. Estranhamente, o ensaio freudiano tão debatido, tão lido, *Das Unheimliche*, também foi escrito em torno de uma história que se inicia por uma troca de cartas, que, por sinal, também tiveram seu destino extraviado. No caso do conto de Poe, vimos que, apesar de a missiva ter sido recebido pela Rainha, ela voa pelas mãos dos personagens do conto, assim ficando *en souffrance*, a letra em instância. No conto de Hoffman, por sua vez, essa carta chega ao destinatário por outro circuito. Assim sendo, assentindo com o que Lacan nos diz, testemunhamos que a carta, a letra, sempre chega a seu destino. Lacan e Freud, esses entusiastas das cartas...

Na sequência dessa primeira parte, encontramos o desenvolvimento de toda a problemática que foi introduzida nas epístolas. Desta vez, contudo, um alguém escreve e se endereça, de modo explícito, aos leitores. Uma outra carta? Seria uma carta escrita aos leitores, destinada a contar-lhes sobre os infortúnios ocorridos na vida de Nathanael? Um alguém os convoca, das mais variadas formas: “excelente leitor!”, “benevolente leitor”, “amável leitor”. Ademais, adverte que para sustentar essa leitura, é preciso “suportar o extraordinário” (HOFFMAN, 2020, p. 238).<sup>243</sup>

Entretanto, entre os tantos episódios infelizes ocorridos na vida de Nathanael, esse alguém que escreve fica sem saber como começar a dizer sobre eles. Decide, enfim, não começar. Verificamos que nesse ponto há uma nova volta, o livro re-começa nesse não-começo, pois só então nos é revelado de que foi por não saber começar que ele introduziu o

---

<sup>243</sup> Original publicado em 1815.

livro com aquelas três cartas. Mediante a escansão desse novo começo, uma história se conta. Mas... quem a conta?

Quem conta a história? De acordo com o que vimos no primeiro capítulo cujo cerne aqui se repete e assim desenha uma nova volta em torno do mesmo núcleo, podemos pensar que o texto mesmo se conta. O texto se conta no ato da leitura, tornando-o tanto lido, quanto jamais lido, assim como nos mostraram Blanchot e Barthes. Uma leitura que inaugura o texto e seus tempos, que testemunha um acontecimento anterior, passado e, que, nesse mesmo golpe, o articula ao porvir.

Entre os tempos e também entre as leituras, a história de Nathanael se articula. Em minha leitura, averigui que o conto fantástico de Hoffman narra a angustiante experiência do personagem diante de três figuras principais. O “Homem da Areia”, criatura mítica evocada pelo pai como desculpa para encerrar os jantares de família e fazê-lo ir dormir, ameaçava as crianças que não queriam ir para a cama de jogar um punhado de areia em seus olhos. A iminência de sua aparição aterrorizava o menino todas as noites. Ele escutava com horror os seus passos ressoando pelo assoalho de sua casa e quebrando o silêncio da madrugada. Aos dez anos, ainda fascinado por essa figura, obstinado em descobrir a real identidade do algoz, decide se esconder e presenciar o encontro noturno entre o pai e o tal homem maléfico.

Desse modo, descobre que o Homem da Areia é Coppelius, um advogado, amigo do pai, que costumava almoçar com eles aos sábados e por quem desde sempre nutrira uma repulsa. Nessa ocasião, Nathanael presencia algo bastante estranho... ambos estavam dispostos ao redor de uma ladeira, fazendo uma espécie de ritual macabro, entoando palavras realmente assustadoras: “Olhos! Dei-me olhos!” Ao se dar conta da presença do intruso, Coppelius rapidamente se aproxima, agarra o menino com suas mãos asquerosas e anuncia que jogará um punhado de brasas ardentes em seus dois olhos. Diante da iminência desse ato pernicioso, seu pai intervém, suplicando-lhe para que não o faça. Felizmente, consegue interromper essa ação.

Um segundo momento aterrorizante se narra. Muitos anos depois, já adulto, Nathanael é abordado por um vendedor de barômetros. Ao olhar para esse senhor, ele subitamente reconhece nas feições aquele rosto aterrorizante de Coppelius. Embora trajasse vestes diferentes, aqueles traços lhes eram tão inconfundíveis quanto indeléveis. Não era mais Coppelius, no entanto, mas Coppélio, o vendedor. Após esse novo episódio,

ele é tomado uma vez mais por medo, terror, pavor, por um arrebatamento. Passa a viver ameaçado pela iminência de reencontrá-lo e de ter seus olhos roubados.

Finalmente, temos uma terceira cena, na qual Nathanael encontra pessoalmente com uma moça que ficara observando de sua janela, durante meses a fio, e por quem, durante esse tempo, se apaixonou. Ele ficou deslumbrado com essa mulher, Olimpia, que estava sempre posicionada perto da vidraça, com seu corpo inerte, rígido e imóvel e que morava na casa de seu vizinho e professor, Spalanzani. Certo dia, este último decide dar um baile, e seus convidados seriam justamente os colegas da universidade. Nathanael vê nisso a oportunidade que precisava para conhecer a amada e consegue um convite para a festa. Arrebatado, deslumbrado, ele passa a noite toda olhando para a amada, especialmente fascinado naquele par de olhos. De repente, ele se levanta e a chama para dançar, eles bailam juntos, e ele declara todo o amor que sente. A amada, por sua vez, quase nunca respondia as suas perguntas, quiçá interagia. Nas raras vezes em que emitiu algum som, dizia apenas um “Ah! Ah! Ah”.

Spalanzani, que também era pai de Olimpia, ao notar a admiração que seu aluno nutria por ela, diz ao rapaz que consente com a relação entre os dois. Diante disso, Nathanael tenazmente decide visitar a amada, portando um anel de noivado, ansiando finalmente escutá-la dizer sobre o sentimento que parecia estar escrito naqueles olhos capturantes da moça. Chegando ao local, porém, avista uma cena que jamais previra. Coppola, o vendedor de barômetros e binóculos, disputava o corpo de Olimpia com o professor. Puxavam-na de um lado para o outro, arrastavam-lhe os pés, lutavam ferozmente, quando, subitamente, algo veio à luz. Ele realiza neste mesmo instante que aquela figura que tanto lhe capturou era, na verdade, um autômato, fruto de um experimento, uma boneca mecânica. Ele, agora também inerte, rígido e imóvel, tal como um boneco sem vida, nota que aquele rosto, que só agora percebia que ser de cera, não tinha os olhos. No lugar deles, havia duas cavidades escuras, profundas, e assustadoras. Seus olhos, seus olhos haviam sido arrancados, e, uma vez enucleados, foram jogados ao chão, ambos cheios de sangue. Inesperadamente, Nathanael percebe que aqueles olhos, cortados daquele corpo-inanimado, fixamente o olhavam. Ao fim, ele enlouquece e é levado ao hospital para ser internado.

O conto de Hoffman é, de fato, uma inusitada mistura entre horror, angústia e terror. Em *Das Unheimlich*, Freud (2020)<sup>244</sup> reconhece que muitos dos intelectuais de sua época já haviam discutido sobre tais efeitos, porém, ninguém antes havia desenvolvido um trabalho que os investigasse com o devido rigor, realmente examinando o que está aí em questão. É isso o que ele se propõe a fazer nesse ensaio, isto é, encontrar o ponto em que os citados fenômenos se atravessam. Freud supõe que há entre eles um núcleo comum, acredita que no interior dos três encontra-se algo tão estrangeiro quanto familiar, tão conhecido quanto incógnito, o qual nomeia de *unheimlich*.

Na busca por uma elucidação, ele vai ao dicionário e perfaz uma extensa análise etimológica de tal termo. Não se contentando com a equivalência óbvia entre *unheimlich*<sup>245</sup> e o não conhecido, transcorre por um cuidadoso exame da palavra em outros idiomas, admitindo que uma outra língua lhe entregaria a compreensão que estava perscrutando. Apesar disso, os dicionários em nada lhe acrescentam, e Freud esbarra na constatação de que, afinal, “nós mesmos somos falantes de uma língua estrangeira” (FREUD, 2020, p. 35). Essa evidência, presente na primeira metade do texto, já nos pareceria suficiente para encerrá-lo, pois a linguagem aparece como testemunha da insuficiência do simbólico em exaurir o que nos soa estranho. Entretanto, Freud se furta dessa condição de estrangeiridade ao se remeter ainda a outros campos de saber na tentativa de “desbravar” (*Ibidem*, p. 33) um sentido para *unheimlich*. Nesse percurso, chega a perscrutar definições na estética – esta enquanto “doutrina das qualidades do nosso sentir” (*Ibidem*, p. 29).

Dessa maneira, podemos trilhar dois caminhos: investigar o que significou, durante o desenvolvimento da língua, a palavra *unheimlich* ou compilar o que em pessoas e coisas, impressões sensíveis, vivências e situações desperta em nós o sentimento do *unheimlich*, e desbravar o seu caráter *unheimlich* encoberto a partir do que há de comum em todos os casos. Quero anunciar que ambos os caminhos conduzem, de fato, a um mesmo resultado, o de que o *unheimlich* é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo. Como é possível, sob quais condições o que é íntimo se tornar *unheimlich*, aterrorizante, é algo a ser demonstrado na sequência (*Ibidem*, p. 33).

---

<sup>244</sup> Original publicado em 1919.

<sup>245</sup> Manteremos a grafia dessa palavra no original, em alemão, para dar ênfase a sua estrangeiridade e ao problema de tradução que este termo evoca, questão esta que será desenvolvida ainda neste tópico.

Ao investigar quais circunstâncias poderiam despertar um *unheimlich*, Freud consulta um trabalho do psiquiatra e ensaísta alemão Ernst Jentsch (2021)<sup>246</sup> cujo título era *Psicologia do Incômodo (Zur Psychologie des Unheimlichen)*<sup>247</sup>. Dentre outros pontos, o autor elenca como um caso exemplar de situação capaz de gerar tal efeito, a dubiedade de um ser, a indecisão quanto a se tratar de algo vivo ou inanimado. Ele mesmo se refere à Hoffman e ao conto *Homem da Areia*, tomando-o como um dos escritores que logrou em provocar em seus leitores inquietações, estranhamentos.

Freud parte desta análise para então proceder ao seu argumento e ao posicionamento enquanto leitor de Hoffman. Apesar de corroborar com a proposta de Jentsch, discorda que a boneca Olimpia seja o único personagem da história capaz de provocar tal efeito. Nesse momento, nos deparamos com uma certa ruptura no ensaio freudiano, já que, a partir disso, ele escreve mesmo um testemunho, discorrendo acerca dos efeitos que a leitura deste conto lhe provocou. Este ponto de corte do texto interessa-me, pois me torna testemunha de um Freud leitor.

No ato de sua leitura, o conto se conta. Não deixei de notar que tanto a história de Hoffman como também o texto de Freud se enodam em torno de um núcleo comum, já que ambos nos falam sobre um certo efeito arrebatador. Isso porque Freud também fica perplexo com o *Homem da Areia*, com *Coppélius/Coppelio*, e, enfim, com a boneca Olimpia. Ao longo de *Das Unheimliche*, podemos mesmo acompanhar um leitor que depôs as armas, resignou-se ao espanto, à surpresa. Ele cede e dá lugar ao que há de impactante em cada um dos personagens, o que não apenas corrobora com esse impacto, mas também nos informa sobre suas consequências.

Freud, leitor incansável, desconcertado por algo que ali lhe soava tanto estrangeiro quanto conhecido, termina por construir para este efeito um estatuto conceitual.<sup>248</sup> Ele dissecou, fez de *unheimlich* uma palavra a ser lida, investigada, esmiuçada, repartida, vasculhada. Assim, Freud é levado a concluir que a experiência de angústia dos neuróticos ao se depararem com uma vagina seria justificada pelo fato de que

<sup>246</sup> Notem que, estranhamente, sinistramente, curiosamente, Jentsch morre no ano em que Freud publica o seu ensaio *Das Unheimliche*, em 1919. Original de Jentsch foi publicado em 1906.

<sup>247</sup> Artigo publicado nos volumes 22 e 23 de *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift* [Seminário Psiquiátrico-Neurológico], em 1906.

<sup>248</sup> Sobre isso, é preciso o que os editores de uma das mais recentes edições brasileiras publicadas observaram sobre os efeitos dessa apropriação freudiana. Todo psicanalista advertido das implicações concernidas nesse termo não o toma do modo como o dicionário o define. É como se, depois de Freud, *unheimlich* fosse sempre lido pela matriz de sua definição conceitual psicanalítica, que imprimiu uma conotação singular ao termo. (IANNINI e TAVARES, 2020b)

há, neste ponto, um retorno ao familiar, à “porta de entrada para o antigo lar [Heim] da criatura humana” (FREUD, 2020, p. 95). Infere, ainda, que o pavor suscitado pelo Homem da Areia deriva-se da ameaça castração. Nesse sentido, tanto o punhado de areia, que seria jogado nos olhos de crianças desobedientes, quanto a iminência de roubar os olhos, por exemplo, entoariam a castração proferida pela voz paterna. Do mesmo modo como Édipo terminou cego ao transgredir a lei do incesto, ao relacionar-se com a própria mãe, a figura do personagem nos confrontaria com a possibilidade de que algo nos seja também arrancado.

Anteriormente sublinhei que o artigo freudiano de 1908, *O poeta e o fantasiar*, deixa uma interrogação a ser elaborada: “De onde o poeta extrai os seus temas? Como ele consegue nos comover tanto?” É possível agora considerarmos que no ensaio de 1919, Freud parece vislumbrar alguma resposta para o que antes lhe restava obscuro. A palavra-conceito *unheimlich* não apenas soletra o efeito que determinadas leituras provocam, mas também lança luz sobre a operação psíquica que está aí operando, o recalque. Nesse caso, o prefixo *un* aponta para isso que fica apartado da consciência, do conhecido, do familiar, *heim*, e que é então submetido ao recalque. Ademais, é interessante notarmos que essa mesma palavra condensa uma negação que se sobrepõe a *heim*, funcionando, portanto, como uma verdadeira reduplicação da negação, como se dissesse “não-não-*heim*”, o que só faz evidenciar ainda mais a sua excentricidade (Iannini e Tavares, 2020b).

O trabalho vigoroso, a diligência incansável do psicanalista para elucidar o cerne desse efeito, despertou-me o interesse. Como pudemos acompanhar, Freud procedeu um exaustivo exame filológico-lexical, um movimento, por vezes, vertiginoso, desdobrando a palavra e puxando os inúmeros fios que compõem o seu tecido. Para essa perplexidade de um Freud leitor, um nome. Proponho a ideia de que *unheimlich* é o significante que apresenta a relação de Freud com outro significante, a literatura.

Freud forja um conceito, reinaugura uma palavra que já existia na língua alemã, mas, segundo veremos, imprime nela um corte. Desse modo, encontra não apenas um nome para o cerne do que provocava horror, mas vislumbra, nesse ponto, um umbigo. Ao passo que esse significante serve como um esclarecimento para uma questão que deixa Freud capturado, quanto a nós, ele nos intriga. Também para a psicanálise, *unheimlich* é um umbigo. Só no português temos quatro traduções disponíveis para esse significante. Essa contagem não para de aumentar, permanece em aberto, já que o campo analítico continua a se questionar sobre qual delas seria a mais apropriada, ou mais fiel, à letra



freudiana. A estrangeirice de algo desconhecido e também familiar, conceito que tanto esclarece quanto produz um problema, também comparece nas dificuldades que temos em familiarizar esse termo com a própria língua.

No texto de abertura da Edição Bilingue, publicada em 2019, que traduz *Das Unheimliche* por “O Infamiliar”, Inannini e Tavares (2020b) nos lembram de que tal dificuldade não é exclusiva da língua portuguesa. Em francês, por exemplo, podemos encontrar esse título traduzido em três formas diferentes: *L’inquiétante étrangeté*, *L’inquiétant familier* e, ainda, *L’inquietant*. Em espanhol, por sua vez, *Lo siniestro* ou *Lo ominoso*. Em nossa língua, como mencionado, esse número só aumenta. Além do já citado, está disponível a versão da Companhia das Letras, que optou por “O inquietante”, a Edição Standard, na qual lemos “O estranho” e, ainda, uma versão ainda mais nova que a dos autores mencionados, lançada em 2021, pela Blucher, que nos apresenta “O incômodo”.

Entre o esforço de Freud em traduzir esse efeito em um nome, e o empenho dos intérpretes para traduzi-lo em outras línguas, encontro um ponto comum. Em ambos os casos, uma opacidade, um impasse, um insondável. O enigma provocado pela leitura do conto de Hoffman, bem como a extensa análise que Freud procedeu em torno de *unheimlich*, é inédito em sua obra. Nunca antes um termo lhe havia provocado tanto trabalho e mobilizado uma ampla gama de referências para examiná-lo. Não é demasiadamente curioso que *unheimlich* seja o vocábulo freudiano mais estranho, mais estrangeiro, mais inquietante e mais incômodo para os tradutores?<sup>249</sup> Se, por um lado, Freud minimamente desvenda o problema do impacto provocado pelo texto literário, ele o faz usando um significante que aponta para um impossível de tradução, que tanto decifra quanto cifra, que tanto une quanto desune. É fundamental tomarmos esse impasse como um índice. Estamos aí diante de um umbigo? Podemos considerar o *unheimlich* como nosso *pas a lire*, problema insolúvel que Freud deixou como herança para a psicanálise?

Esse conceito que tanto elucida quanto aturde a compreensão traz para a psicanálise um embaraço. Por certo, não parece ter sido essa a intenção de Freud ao desenvolver aquele extenso exame sobre o efeito de sua leitura. Estamos nos referindo a algo que se escreve sem que se saiba o seu destino, tal como o cavaleiro de Itzig, que nunca sabe para

---

<sup>249</sup> Segundo os editores da versão do artigo (*Das Unheimliche*) publicada em 2020, a dificuldade de traduzibilidade desse termo só poderia ser comparada aos impasses encontrados na tradução do vocábulo *trieb* que, segundo já apontamos, foi traduzido na Edição Standard Brasileira por “instinto”, mas cujo sentido seria mais bem expresso por “pulsão”.

onde está indo, “pergunte ao cavalo!”, ele nos diria (FREUD, 1986, p. 320).<sup>250</sup> Quem sabe, hoje, ao se reler, Freud ficasse surpreso com o embaraço de seus tradutores, provocado por esse termo que justamente toca no que é conhecido e no que não o é. À revelia de Freud, um incômodo, um infamiliar, um estranho, um sinistro, um inquietante, esses tantos nomes para *unheimlich* se manifestam em sua escrita. Fazendo coro com Iannini e Tavares (2020b), constatamos que a língua freudiana é, realmente, uma língua viva, e sempre atuante.

Uma pequena pausa, instante de levantar a cabeça, foi suficiente para averiguarmos a importância de reescrever, de outro jeito, o que consta na última frase do parágrafo anterior. Certamente há vida na obra não apenas de Freud, mas também na de Lacan. Contudo, interrogo se não seria a própria dimensão da letra esse fio “vivo”, com o qual ambos conduziram seus trabalhos e que assim mantém a vivacidade de seus escritos, provocando novos voos, novos trajetos, novos percursos de leitura de seus textos, que são continuamente delineados e redesenhados?

Junto a isso, faz-se necessário novamente incluir a voz de Lacan (1998, p. 10)<sup>251</sup>, a mesma que já tivemos oportunidade de escutar – e, também, reler –, mas que, apesar de sua repetição, não me cansa. Lembremos: “Cabe a esse leitor *devolver à carta/letra* em questão, para além daqueles que um dia foram seus endereçados, aquilo mesmo que ele nela encontrará como *palavra final: sua destinação*”. Desse modo, podemos considerar que o *unheimlich* freudiano, enquanto umbigo da psicanálise, é palavra tanto final quanto inaugural, palavra-conceito que indica o movimento de um retorno em abismo aos textos, em nossa formação, mantendo viva a letra da destinação, disso que não cessa de não se traduzir e que nos relança permanentemente ao trabalho.

Finalmente, concluo que a construção dessa palavra-conceito também cinge um certo lugar de leitor, o de Freud enquanto leitor. Sobre isso, Lacan, quem sabe, confessaria: *Unheimlich é lituraterra*. Seguido de um silêncio mudo, oco, ele talvez rebateria, retificando a escolha do significante que cerne seu lugar de leitor: “Arrebatamento – essa palavra constitui para nós um enigma” (LACAN, 2003, p. 198).<sup>252</sup>

---

<sup>250</sup> Original publicado em 1900.

<sup>251</sup> Seminário realizado por Lacan em 1966.

<sup>252</sup> Seminário realizado por Lacan em 1965.

#### 5.4 Arrebatamento: palavra-enigma em Lacan

Enquanto Freud se reconhece extremamente causado pelo conto de Hoffman, encontrando em *unheimlich* uma palavra-conceito para circunscrever tal efeito, Lacan (2003) se descobre arrebatado pela escrita de Duras, e designa *arrebatamento* como sua palavra-enigma. Ao prestar-lhe homenagem em um dos escritos, ele nos apresenta a sua leitura dos meandros de uma narrativa cujo eixo é a personagem Lol, essa “figura ferida, exilada das coisas, em quem não se ousa tocar, mas que faz de nós sua presa” (LACAN, 2003, p. 198). Trata-se do livro *O arrebatamento de Lol V Stein*. No esforço de enlaçar a cifra desse enredo, Lacan vem ao texto e nos murmura: “É preciso contar três” (*Ibidem*, p. 199).<sup>253</sup>

Três – Lol V Stein, a personagem que nos faz sua presa, Jacques Hold, seu amante, e Tatiana Karl, que o rouba. A esse ternário durasiano, Lacan acrescenta um outro, que compõe com a escritora, o arrebatamento de Lol e com ele, arrebatado, introduzindo-se aí como um terceiro. Ao se contar no três, ele faz disso uma baliza de método para o uso que a psicanálise pode fazer da literatura. Ao tomarmos o escrito *Homenagem*, versado sobre a leitura que Lacan faz de Lol, componho junto dele um outro ternário, a partir do lugar de leitora. Interessa-me, também, proceder a uma leitura que desdobra a que Lacan faz sobre Duras e que, finalmente, trará efeitos sobre a própria leitura que podemos fazer de Freud.

Ao se contar no três, como terceiro termo, Lacan se inclui como leitor, um leitor não impune que ao passar pelo seu texto, precisou deixar algo de si – tal como nos orienta a fazer na abertura de *Escritos*. Segundo Porge (2019), o trabalho de Lacan com o romance de Duras não o analisa ao modo de um caso clínico, como se Lol fosse uma paciente em seu divã. Ao entrar com o seu quinhão, compondo um ternário suplementar, ele se coloca em relação com o texto que comenta e com a autora, procedendo um retorno à sua própria leitura, do mesmo modo como encontramos uma volta em espiral efetuada no trabalho de Felman com De Man. Finalmente, Lacan é levado a concluir que Duras sabe

---

<sup>253</sup> É interessante que Lacan tenha formalizado e, desse modo, dado ênfase ao número três, ao reconhecer na narrativa de Duras um ternário e também compor um outro ternário, junto dela e de Lol. Lembremo-nos do que ele falou sobre o “três”, em 1971: “a repetição, evidentemente, só pode começar na segunda vez, que passa a ser, então, a que inaugura a repetição. É a história do zero e do um. Só que, com o um, não pode haver repetição, de modo que, para haver repetição, não para que isso seja iniciado, é preciso que haja uma terceira vez”. Portanto, é ao contar três que se tem a ação do *nächtreglich*, determinando, no *a posteriori*, a ocorrência do *um* e do *dois* como anteriores (LACAN, 2001, p.74. Seminário realizado em 1972).

“sem mim aquilo que ensino” (LACAN, 2019, p. 200)<sup>254</sup> e que é ela a arrebatadora, sendo nós, os arrebatados.

[...] Ele [Lacan] se conta para dizer melhor a sua divisão e o que lhe escapa em sua abordagem do texto de Duras. Não é um desdobramento, mas um giro duplo disso que pratica Lacan – que, simultaneamente, o inclui e o exclui dele próprio e daquilo de que ele trata (PORGE, 2019, p. 81).

Porge nota que na escrita do título que dá nome à homenagem, *Hommage fait à Marguerite Duras du Ravissement de Lol V. Stein*, escreve-se, à revelia de Lacan e no próprio arrebatamento, o nome de quem lhe arrebatava: **Dura vissement**. Ele se inclui naquilo que decifra, compondo o ternário com quem lhe arrebatava. Durante a leitura, recolho de seu texto certas passagens, registros que dizem de sua implicação no texto: “Ó, boca aberta [...]” (LACAN, 2019, p. 198); “É de arregalar os olhos [...]” (*Ibidem*, p. 199). Boquiaberto, esbugalhado, nesse “limite em que o olhar se converte em beleza”, “limiar do entre-duas-mortes” (*Ibidem*, p. 204), Lacan forja uma leitura, mas não deixa de fazer-nos uma provocação: “Leiam, é o melhor” (*Ibidem*, p. 199).

O livro de Duras foi publicado em 1964, e o escrito em sua homenagem, em 1965. O curto intervalo entre um e outro denuncia a importância que esse livro teve para Lacan. Segundo Porge (2019), nesse ínterim teria havido uma longa conversa entre os dois, justamente sobre *O arrebatamento*. No relato de Duras sobre esse evento, ela confessa que chegou a sentir medo do convite, que lhe pareceu deveras inusitada a proposta de um encontro à meia-noite e num bar localizado em um subsolo. Duas horas depois de adentrar as portas do recinto, Duras sai de lá “meio cambaleante” (PORGE, 2019, p. 23).

Outro fato revelado por Lacan, nesse escrito é que a própria Duras também vê em Lol uma incógnita. Ela não sabe dizer a origem de sua inspiração. O leitor durasiano não deve se animar com esse suposto mistério, dissolvendo-o em interpretações. Freud já nos advertia, e Lacan o repete, que em sua matéria o artista está sempre à frente. É ele quem nos desbrava o caminho. De certo, ambos os psicanalistas foram atravessados e padeceram da experiência de leitura de alguns escritores, mas se desconstruíram nas vias que construíram para abordá-los. Às interpretações literárias de Freud, que coincidem o inconsciente do escritor com a sua obra, o psicanalista francês propôs uma inflexão, admitindo o limite entre esses dois campos heterogêneos, a literatura e a psicanálise.

---

<sup>254</sup> Seminário realizado por Lacan em 1965.

Enquanto a exegese freudiana parece desprezar a heterogeneidade entre o escritor e sua obra, a de Lacan leva em consideração que, em todo escrito há um não-a-ler, há um umbigo na leitura. E é desse ponto que parte sua análise, justamente do umbigo do texto.

Na via tracejada por Lacan para explorar o litoral entre literatura e psicanálise, descobrimos um segundo significante, que colocamos ao lado de *arrebatamento: lituraterra*. Não sabemos se Freud percorreu a famosa rota que sobrevoa a planície Siberiana, se esteve no Japão ou se nutria o mesmo deslumbramento de Lacan pelo caractere oriental. No entanto, ao propor uma analogia entre o trabalho do arqueólogo e o do analista, ele parece antever a ocisão do terreno que escreveria *lituraterra* muitos anos depois. Se em Freud os restos encontrados nas escavações fornecem os elementos para a construção de uma trama – do trauma –, talvez possamos considerar que, para Lacan, a ruína, a letra, como vimos no terceiro capítulo, é rasura de nenhum traço anterior.

### 5.5 Razão de um fracasso

Para inaugurar o penúltimo tópico desta tese, que finalmente se aproxima da conclusão, proponho a leitura de dois fragmentos, ambos extraídos do escrito *A Psicanálise*. *Razão de um fracasso*:

Jogo, pois, a regra do jogo, como fez Freud, e não tenho razão de me surpreender pelo *fracasso de meus esforços* para desatar a estagnação do pensamento psicanalítico. (LACAN, 2003, p. 349, grifo nosso).<sup>255</sup>

Quando a psicanálise houver deposto as armas diante dos impasses crescentes de nossa civilização (mal-estar que Freud pressentia) é que serão retomadas – por quem? – as indicações de meus *Escritos* (*Ibidem*, p. 349).

No primeiro trecho, testemunho uma certa resignação de Lacan quanto ao fracasso de seus esforços em reaver os fundamentos psicanalíticos, obliterados pelos pós-freudianos. A tônica desta intervenção é a mesma do *Discurso de Roma*, conferência em que defende de modo contundente a recuperação da linguagem e da fala como instrumentos de uma análise (LACAN, 1998)<sup>256</sup>. Por outro lado soa estranho, quiçá duvidoso, imaginar que Lacan se contentaria diante do insucesso de sua tarefa, mesmo

---

<sup>255</sup> Seminário realizado por Lacan em 1967.

<sup>256</sup> Seminário realizado por Lacan em 1953.

porque tanto suas produções textuais quanto seus seminários se estenderam muito além do ano de 1967 – data do escrito que estamos examinando. E, além disso, em *Razão de um fracasso*, ele justamente cita, reitera e repete questões que já havia tratado no *Discurso* em 1953.

É crucial reler o termo *fracasso* sob outra perspectiva, já que não considero que Lacan esteja, de fato, resignado a uma condição de fracassado. De outro modo, o que está em jogo é um render-se ao fracasso como condição, pois, como lemos no segundo fragmento citado, os *Escritos* só serão lidos assim, ao se deporem as armas diante dos impasses. Por quem? Ele nos pergunta. Reencontro com o estatuto de um “novo leitor”, com o qual trabalhei no primeiro capítulo. Com essa interpelação de Lacan (1998)<sup>257</sup>, retomo a questão dos destinos, da destinação. Por quem? Repito a pergunta. Pelos que leem em fracasso, forjo uma resposta.

Lacan circunscreve um *pathos* inerente ao seu ensino: é que ele opera neste ponto, neste ponto em que a tarefa do psicanalista é a psicanálise, e o ato é “aquilo mediante o qual o psicanalista se compromete a responder por ela” (LACAN, 1988 p. 346). Com isso, ele toma seus ouvintes e leitores não como espectadores passivos, mas como “um público que está além de qualquer crítica” e que aceita que em seu ensino “se desenrola alguma coisa da qual todo o mundo terá o seu quinhão” (*Ibidem*, p. 346). Um público que depõe suas armas diante da contundente reforma do entendimento feita por Lacan. Sendo assim, só podemos considerar que a ideia do conhecimento como um “poder” se situaria como um refúgio frente ao sem medida, ao incalculável, ao sempre imprevisível do ato analítico.

Neste ponto, convido De Man para adentrar a discussão, este nome que já tivemos oportunidade de explorar, em sua interlocução com Felman. A despeito de sua resistência à psicanálise, ele recebe Lacan para uma conferência realizada em Yale, em 1975, e profere o seu discurso de apresentação. Felman, fascinada pelo modo como o crítico literário descreve o psicanalista, solicita uma cópia do discurso e acaba por receber a própria folha que ele segurava nas mãos. Nesta página, lê-se: “Jacques Lacan é, antes de tudo e entre muitas coisas, um ensino e uma leitura, o ensino de uma leitura” (DE MAN, 1975 *apud* FELMAN, 2012, p. 18).

---

<sup>257</sup> Seminário realizado por Lacan em 1966.

Corroboro esse fascínio pelas preciosas e precisas palavras de De Man a propósito de Lacan. Se, de fato, podemos tomar sua transmissão como “o ensino de uma leitura”, interrogo, o que se transmite? Esta pergunta conduz ao exame do estudo que o crítico literário desenvolveu justamente tendo como objeto a leitura, mais especificamente a que ele faz de Marcel Proust e Jean-Jacques Rousseau. Ainda que tal análise se detenha nos textos literários, por assim dizer, ela nos concerne pelo fato de não compactuar com a ideia de que se poderia depreender deles um único sentido ou que poderiam ser interpretados sem deixar um resíduo. Se assim fosse, caberia ao leitor abrir a tampa da caixa do significado, libertar a compreensão escondida e, até então, inacessível. Produzir-se-ia, portanto, um modo de leitura radicalmente diferente daquela proposta por Lacan, quando se refere ao “público” que frequenta seus seminários. Logo, há em De Man uma aceção muito similar à do psicanalista.

De Man (1996)<sup>258</sup> se orienta por uma semiologia da literatura que, em oposição à semântica, não visa esclarecer o significado das palavras, mas se interessa por *como* elas significam. É uma vertente que, segundo assinala, recebeu influência da linguística, ao assumir a arbitrariedade do signo, como proposta por Saussure e, ainda, por Roman Jakobson. Portanto, reconhece a defasagem entre signo e referente, bem como a polissemia semântica decorrente dela. O autor se ocupa da diferença entre leituras, as variações de sentidos possíveis de uma mesma frase e propõe discernirmos a gramática da retórica. A primeira nos dá subsídios para formular uma pergunta, por exemplo, de modo que a outra suspende a lógica, abrindo vertiginosas possibilidades de interpretações. Além disso, De Man coincide o potencial retórico e figurativo da linguagem à própria literatura, em seu ofício de fazer algo com essa não correspondência entre significante e significado – “entre o signo e o referente”, para usar os seus termos. Ao distinguir duas categorias, a retórica e a gramática, ele não almeja fazer disso uma oposição, ao modo binário. Ao contrário, trata-se mais de afirmar e evidenciar que um não exclui o outro.

Em seu trabalho, De Man apresenta um modo de leitura que inclui as contradições e ambiguidades. Se não podemos afirmar que uma leitura é “verdadeira”, a própria tensão que produz essa impossibilidade sustenta a estabilidade de um texto. É esse, inclusive, o seu parecer sobre o livro *A la recherche du temps perdu*, de Proust. Ao

---

258 Original publicado em 1979.

proceder a sua análise, acaba por reconhecer um impossível próprio da leitura: se uma das leituras é declarada verdadeira, será sempre possível suplantá-la por uma outra.

Mas essa impossibilidade se estende necessariamente à palavra “leitura”, que fica assim desprovida de um significado referencial, qualquer que seja ele. Proust pode muito bem grafar todas as letras de *LECTIO* nas molduras de suas histórias [...], mas a palavra em si nunca chegará a ser clara pois, de acordo com as leis do próprio enunciado de Proust, será sempre impossível ler a Leitura. [...] essa palavra [Leitura] barra o acesso, de uma vez por todas, a um significado que no entanto jamais pode deixar de clamar por seu entendimento (DE MAN, 1996, p. 96).

Leitura: operação que barra o acesso a um significado e, ao mesmo tempo, não se abstém de clamar por um sentido. Por quem? Exponho, uma vez mais, a pergunta feita por Lacan, interrogando sobre quem irá finalmente retomar as indicações de *Escritos*. Se ele, de fato, nos ensina uma leitura, e, se o seu próprio ensino é uma leitura, como quer De Man, concluo que Lacan nos ensina mesmo a depor as nossas armas diante da leitura.

## 5.6 Ler com o ilegível: não se pode e se lê

No campo semântico da leitura também está a escrita e o escrito. Embora não seja o objeto de estudo principal desta tese, é importante situar, ainda que brevemente, essas duas categorias. A não correspondência entre um significante e um significado, a irreduzibilidade a um único sentido, é também o que Lacan (2010) estabelece como a condição para que um escrito se produza. Diferentemente de Saussure (2012), ao valorizar a escrita da barra que os separa, S/s e validar a função que esta ocupa no discurso analítico, ele demonstra que não é possível ultrapassá-la, eliminar essa cisão. Ao mesmo tempo, também refere que “o significante se injeta no significado” (LACAN, 2010, p. 101), indicando a operação possível frente ao que a separação da barra impõe.

Ao trabalhar sobre a função do escrito, Lacan postula que o escrito não é para ser útil, tampouco destina-se à compreensão, a ser lido. Ao mesmo tempo, também se pode lê-lo. Alguns escritores, como é o caso mesmo da portuguesa Llansol, produzem um escrito não circunscrito pelo domínio do *semblant*. Diante de um estilo de texto marcado pelo fragmentário, também a leitura se fragmenta, já que, no caso de Llansol, por exemplo, seus



significantes não remetem a outro, não fazem o sentido deslizar. As palavras estão ali em sua materialidade, operando como letra.

Embora Lacan situe o escrito na categoria do impossível, do que não cessa de não se escrever, a escrita é contingência que cessa de não se escrever. A relação sexual, conforme é sabido, é da ordem do impossível de escrever, e, no entanto, pode-se produzir uma escrita que a contemple. Desse modo, podemos escrever a equação “ $x R y$ ” e afirmar que  $x$  é o homem e  $y$  é a mulher, e que  $R$  é a relação sexual. No entanto, na medida em que se trata de um escrito, isto é, do escrito como aquilo que, da linguagem, é estabelecido por um discurso,<sup>259</sup> a relação sexual não se escreve. Se a relação sexual é tida como tal é por não haver, no campo do dizer, relação, correspondência, comunicação.<sup>260</sup>

No fio do que se escreve a despeito de qualquer preocupação com seu uso, ou com o *semblant* circunscrito pelo campo da compreensão, lembro-me novamente de Duras. Qual a função do escrito? Interrogo-me, ao ler seu texto. Encontro uma frase que aponta um caminho. “É o desconhecido que trazemos conosco: escrever, é isto o que se alcança. Isto ou nada.” (DURAS, 1994, p. 47). O que resulta do escrito é, puramente, um “puro”, um “isto”, um “apurado”: escrever. Não seria a leitura também esse processo de “purar”, depurar, para chegar ao que do escrito se apresenta como um “isso”, seu umbigo – a letra?

Escrever.  
Não posso.  
Ninguém pode.  
É preciso dizer: não se pode.  
E se escreve.  
(DURAS, 2021, p. 63)<sup>261</sup>

<sup>259</sup> Se no início de seu ensino Lacan empregava “discurso” como sinônimo de fala, convém salientar que, no âmbito de sua produção posterior ao ano em que formaliza os quatro discursos (1969-1970), passa a designá-lo para indicar quatro modalidades de laço social – que, lembramos, só se estabelece na medida em que a linguagem intervém, situa-se no ser falante –, quais sejam: o discurso do analista, o discurso capitalista, o discurso universitário e o discurso da histórica.

<sup>260</sup> Como um adendo ao que foi formulado, aponto que a linguagem é insuficiente em abarcar o campo da relação sexual por ser insustentável manter a dualidade feminino *versus* masculino, já que, a função do falo inviabiliza essa bipolaridade. Nesse ponto, o falo não indica a falta de significante, mas o obstáculo feito a essa relação, sendo este a própria demonstração da incompatibilidade entre *ser* [o falo] e *ter* [o falo]. Entre um e outro se impõe uma escolha, que necessariamente passa pela castração. É desse modo que se produz um contrato, uma lei simbólica: ninguém tocará na mãe. Nessa hiância, a linguagem tem seu campo. É pela inscrição dessa hiância, sob a forma de proibição, que decorre a conjunção do desejo com a lei. Dessa forma, o instrumento falo é *causa* da linguagem. Sintetiza Lacan: “a linguagem, [...] só conota, em última análise, a impossibilidade de simbolizar a relação sexual nos seres que habitam essa linguagem, em razão de ser a partir desse *habitat* que eles sustentam a fala” (LACAN, 2009, p. 139).

<sup>261</sup> Original publicado em 1994.

Duras formula, “escrever, não se pode”. Ao dizê-lo, atestar um impossível, um escrito se produz. Escuto, leio em suas palavras um dizer, um desdobramento em espiral que me reconduz a leitura ao nível do umbigo como um recurso metodológico, como propõe Felman, ou a uma leitura que barra o acesso ao sentido ao mesmo tempo em que clama por ele, segundo formula De Man. Ao longo da presente tese, trabalhei com esse modo de leitura que coincide com um dilaceramento, pulveriza qualquer sentido prévio e faz emergir, neste ponto tão exato quanto incalculável, a surpresa, o arrebatamento, o *unheimlich*, a coisa literária.

Em que os escritores nos antecipam? Repito a pergunta, mesmo que Freud já nos tenha indicado a resposta. Em que seus escritos nos tocam? Insisto em interrogar seus efeitos. E, também, em que Duras, em sua prática da letra, antecipa o saber do psicanalista? Não seria por dar-a-ler esse ponto do impossível, o “a-não-compreender”?

Esse ponto impossível, não-a-ler, seria a letra. Com o auxílio da escritora, vislumbro que tanto a leitura quanto o escrito estão submetidos a uma mesma condição: “Não se pode. E se faz”. Não se pode *e* se lê. Tanto em uma análise quanto no discurso analítico, a função da leitura poderia ser formulada como “ler *com* o que não se lê” ou “ler com o ilegível”.

Na epígrafe que abre a tese, exponho ao leitor uma passagem de Llansol (2003), dizendo sobre um texto que se dobra, ao infinito, a passajar pelos traços contínuos, que são marca de sua costura, de sua escrita. Na epígrafe da introdução, através de duas cartas redigidas pela escritora, ela me apresenta o seu legente. Um legente sem saber ler, que nasce com fome e assim permanece, que toma o texto não como ficção nem verdade, mas como um caminho transitável (LLANSOL, 1999; 2000). Repito esse gesto da abertura, concluindo, novamente com as palavras de Llansol, esta tese que se dedicou a tocar algo sobre a leitura, este caminho transitável para o que não se lê.

Desejo encontrar alguém que me ame com bondade, e saiba ler. [...] alguém que deixe espaços entre as palavras para evitar que a última se agarre à próxima que vou escrever  
Alguém que admita que a cartografia dos animais e da pontuação não está estabelecida  
Alguém que eu possa ler diferentemente depois de me ler [...] (LLANSOL, 2003, p. 80.)

Para encerrar a tese, sento-me ao lado da escritora e de seu legente sem saber ler, de Freud obstinado por um *unheimlich*, de Lacan pomposo, porém arrebatado, e de Felman com sua coisa literária “ao nível do umbigo”. Eles perguntam sobre o destino da *lettre*. Eu repito, *o destino da letra?* Seu destino é *pas a lire*: não-a-ler, passo-a-ler. Digo a eles: carregamos todos a surpresa a escapar por nossas mãos. Em resposta às suas cartas, às suas letras, digo, finalmente, que o fracasso d’A leitura é mesmo um modo de ler.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS *ou* ABISMO

Para introduzir o percurso desta tese, parti de duas situações vivenciadas em contextos distintos, em um ambulatório público de saúde e em um consultório particular, por meio das quais formulei uma inferência clínica acerca do modo de estar à escuta em psicanálise: uma leitura do que se escuta. Essa pesquisa teve início em agosto de 2017. Mais de quatro anos depois, realizo que, se o interesse em investigar o entrelaçamento entre a leitura e a escuta já se colocava desde ali, o reconhecimento de que para isso seria necessário me disponibilizar, também, a ser objeto da pesquisa, escrevendo como leitora e examinando a leitura a partir da minha leitura, isso só veio realmente com a escrita da tese.

Como encerrar um trabalho cujo percurso se deu em abismo? Como encerrar o movimento de uma pesquisa que se fez de modo vertiginoso, no qual uma leitura conduzia sempre a uma outra, como concluir e acatar o fim da leitura? Não pretendo, com isso, responder a tais questões, mas, ao tomá-las enquanto perguntas, proponho forjar uma elaboração que se pretenda a ser tão final quanto inicial, já que o término desta tese colocou em evidência outro problema a ser investigado.

Tão final quanto inicial. Foi a este mesmo ponto que cheguei ao término do primeiro capítulo. Lendo, escutando a palavra de Lacan (1998) que convoca um leitor novo a devolver à sua carta, à sua letra, a sua palavra final, depreendi que a destinação tem um destino tão explícito quanto oculto – tal como a carta de Poe –, o legente.

Por certo, o “leitor preferido” de Freud teve a sua importância. Todavia, notei que o importante mesmo era o endereçamento de suas cartas, que fizeram retornar ao psicanalista o próprio fundamento do inconsciente, por exemplo. No ato do envio de sua letra, por intermédio de sua carta, no movimento aí delineado, ele se apercebe de que algo se escrevia à revelia de sua intenção, à revelia das rédeas que dominariam o cavalo. Freud (2019) reencontra essa operação, soletrada, em cada formação onírica que se propõe a analisar. Ao tomar os sonhos como texto, se apercebe de que há, neles, uma leitura, o que foi preponderante para elaborar a hipótese de um inconsciente-leitor e considerar a análise como um dispositivo de leitura, testemunha do gesto interpretante do inconsciente.

Enquanto leitora, e também como leitora do “meu” texto, realizo, neste momento de concluir, que ao tomar Freud, Lacan e Felman enquanto leitores, pude extrair deles um certo modo de ler, não apenas os escritos psicanalíticos, mas também um modo de estar à escuta na clínica. Desse modo, e repetindo a fim de ver o que há aí de novo,

revisito agora um axioma de Lacan (2003, p. 200) para fazer intervir nele um desfecho. Se ele infere que “a prática da letra converge com o uso do inconsciente”, com esta tese testemunhei que o inconsciente não é sem uma prática de leitura. Há, nessa fórmula, também um direcionamento clínico, uma direção a ser assumida pelos analistas, porque trabalhar com a letra impõe o mesmo trabalho do inconsciente. Desdobrando a carta em direção à letra, e a letra em direção à carta, descubro mais uma vez que a prática da leitura converge com o uso do inconsciente.

No início da pesquisa havia certa resistência a escrever sobre o problema da letra em Lacan, justamente porque ele era encarado como algo impossível de ser apreendido. Desse modo, como poderia eu escrever algo sobre a letra? Lidava, ainda, com os entraves de discerni-la conceitualmente de significante, já que, como expus no terceiro capítulo, as produções de Lacan concernidas entre os anos 1950 e 1970 parecem indicar, em certos momentos, para uma sobreposição entre ambos. Concomitantemente, ele também os discernia, ainda que de modo sutil, como no caso de sua afirmação de que a letra seria suporte material do significante, em *A instância da letra*, o que tornava a tarefa de escrever sobre a letra ainda mais desafiadora (LACAN, 1998).

Quando me rendi, talvez, à incompreensão, voei pelo solo de *Lituraterra* e concluí que a partir deste escrito qualquer tentativa de aproximação entre significante e letra desmorona (LACAN, 2003). Posteriormente, ao ler o *Seminário 20*, notei que ele corrobora com essa distinção entre significante e letra, afirmando-os como campos heterogêneos, ao designar que a significação é efeito da leitura do que escutamos do significante. (LACAN, 2010) E, aí, um outro passo foi dado. Tanto na tese, quanto no ensino de Lacan.

Nesse seminário Lacan devolve ao linguista a sua noção de significante e instaura a análise como um dispositivo de leitura. No âmbito da *linguisteria*, portanto, o significante não tem a ver com os ouvidos, com a imagem acústica do termo, mas com a leitura. E isso que se dá-a-ler é letra. Se não é possível ultrapassar a barra que separa significante e significado, há a possibilidade de o significante se injetar no significado (*Ibidem*, p. 101), instante em que há depuração, processo de “purar” o significante, de tocar o “puro”, a letra.

Se a ideia de escrever algo sobre a letra se colocou como uma tarefa desafiadora, quiçá irrealizável, ao concluir este trabalho realizo que a leitura foi o “caminho transitável” construído por essa tese para dizer algo da letra. Durante as leituras,

voei junto de Lacan pela planície siberiana e concluí que, a cada voo, de um texto a outro, algo tanto se perde quanto nos faz avançar.

Lembro-me da icônica formulação de Lacan (2008), que afirma que quanto menos compreendemos seus escritos, melhor poderemos explicá-los. Como Mandil (2003) bem pontua, explicar é de ordem diversa de compreender. Derivada da etimologia *explanare*, a palavra remete a um espalhamento, desdobramento sobre um plano, diferente do que ocorre no entendimento, quando se quer, de fato, apreender o objeto. No âmbito da explicação, o horizonte é infinito, disperso, a possibilidade de sentidos se equiparam ao de uma queda em abismo. Nessa perspectiva, afirmo a leitura como um espalhamento desses sentidos possíveis, espalhar o texto, puxar os seus fios, acompanhar onde eles nos levam.

Não compreender, inclusive, é “um bom sinal”, nos diz Lacan (2009, p. 99), sinal de que “se foi afetado por aquilo”, ele complementa. Concluí, com Felman (2012, p. 39), que nós, leitores, “não lemos a queda do texto nos mantendo de pé”, mas estamos “capturados na queda do texto”. O umbigo é, ainda, o ponto de sobrevivência da leitura. Com De Man (2012) e sua leitura preciosa sobre o texto da autora, atestei que esse mesmo umbigo que não comunica, evoca, interroga, provoca elaboração, depuração.

Com esta tese, corroborei que certamente a prática da leitura não se reduz à atribuição de sentido para um texto. Afirmando a sua complexidade, depreendi que, no campo analítico, a leitura tem uma função e ocupa um lugar elementar, sem o qual não há uma psicanálise, uma formação em psicanálise. Descobri que ler é assumir uma certa posição diante de um texto, seja a de um corpo que está entregue a seu apelo, como quer Barthes (2004), seja a de um leitor que entregue a sua cifra, como quer Lacan, ou mesmo um leitor entregue à escuta, como nos diz Nancy (2014). Com o auxílio de Blanchot (2011, p. 42), averigui que um leitor, presença sem nome, faz do livro um livro, atestando ao mesmo tempo seu início e seu derradeiro fim, essa “hemorragia permanente” de um texto. A leitura testemunha a estrutura se construir e ruir ao mesmo tempo, e, nesse passo, algum sentido se alcança, mas nem todo sentido é alcançável.

Mediante esse submetimento, que nunca será sem consequências para quem se dispõe a este trabalho de ler, constato que leitura é mesmo o caminho desenhado pelo que precipita da nuvem do sentido e assim erode o solo, *lituraterrando*, *liturando* a terra, dando-a-ler a letra. A leitura, pensada como esse “caminho transitável”, permite sair do domínio da impotência, imposto pela dificuldade, e então se entregar ao impossível, afirmando-o. Desse modo, ratificando o impossível, se lê *com* o ilegível. Ler *com* o que

não se lê: recortar um insondável, ponto em que o texto nada diz, ponto mudo, ponto de letra, *pas a lire*. Este não-a-ler, que é tanto ilegível quanto motor de leitura, é um passo ao caminho transitável da leitura, um passo a ler.

Trabalhar com a não resolução de um texto não quer dizer desistir de explicá-lo, mas talvez seja justamente admitir que nenhum entendimento será único, e que será sempre tão plural quanto singular. Fui levada a reconhecer, por intermédio da letra de Lacan (2010, p. 140-141), que “a condição de uma leitura é evidentemente que ela seja situada, que se imponha limites a si mesma”. Se não podemos falar d’A leitura, mas apenas de *uma* leitura, é porque, justamente, a letra tem um trajeto que lhe é próprio. Esse trajeto, próprio, desenha a borda do furo no saber (LACAN, 2003). É esse o seu destino.

Resta agora uma pergunta, que passou a me acompanhar na medida em que a tese se encaminhou para um fim: qual a diferença entre leitura e interpretação? Embasada nos textos e autores aos quais recorri, verifiquei que muitas vezes ambas foram empregadas de modo contíguo, por vezes, coincidentes. Por exemplo, em Freud (2014), a leitura é considerada desde 1891 como uma operação do próprio aparelho psíquico, cuja estrutura lê os estímulos em um movimento regressivo de passagem pelos traços mnêmicos, atribuindo, neste mesmo ponto, uma significação. Em *Traumdeutung*, ele não faz distinção entre leitura e interpretação, admitindo que os sonhos devem ser tomados como Sagrada Escritura. Freud (2006) toma as cenas oníricas ao pé da letra, aborda o seu conteúdo como um rébus, lendo-o como uma pictografia, como uma escrita de frases feitas com imagens. Quer dizer, a leitura é colocada do lado do inconsciente, indissociável de sua manifestação.

Também notei que Lacan (2008) confirma a teoria freudiana dos sonhos, ao dizer que o inconsciente mesmo se interpreta, e que, nesse sentido, a interpretação do analista “não faz mais do que recobrir o fato de que o inconsciente – se ele é o que eu digo, isto é, jogo do significante – em suas formações – o sonho, lapso, chiste ou sintoma – *já procedeu por interpretação*” (p.129). Lacan aproxima interpretação e leitura ao postular o inconsciente como “*o que se lê antes de mais nada*” (LACAN, 2008, p. 271).

Ou seja, nesta tese, escrevi sobre o entrelaçamento entre as operações de leitura e de interpretação. Isto não quer dizer, todavia, que concluí que há coincidência entre ambas. De outro modo, reconheço que um novo desdobramento se faz necessário, uma nova pesquisa, para averiguar esse litoral que as une, para averiguar também o ponto em que se distanciam.

Esse problema, esse impasse entre discernir e aproximar interpretação e leitura, articulou-se de modo muito claro enquanto escrevia sobre o sonho de Sergei Pankejeff, cuja análise permitiu cernir um ponto de letra, bem como reconhecer a leitura realizada pelo sonhador. Sergei lê aquilo que escuta no significante, melhor dizendo, o significado que se injetou no significante, reduzindo a palavra à dimensão de letra, o que tanto produziu sentido – “sou eu” –, quanto o esvaziou. S.P. redução mínima obtida a partir do que se leu de materialidade sonora, do modo mesmo como Lacan designa em 1972, ao dizer que a significação não tem a ver com os ouvidos, mas com a leitura do que se escuta. S.P., letra, é o que resta dessa leitura. Em suma, Sergei de fato leu o que escutou, o que me permitiu atestar o caráter mensageiro da letra – que Lacan (1998) evidenciou no *Seminário sobre “A carta Roubada”* –, como também de apresentar um irreduzível, um caroço, um umbigo.

Concluí que a intervenção de Freud (2010), por outro lado, abordou esse significante estranho – “Espe” – por uma outra via, que não a da leitura, na medida em que ele escuta a subtração simbólica ali operada, equivocando-o pela via da interrogação, segundo a sua homofonia: “Você falou Espe?” É patente que cada qual intervém no mesmo significante de modos distintos, o que faz constatar aí uma diferença entre a leitura da escuta feita pelo sonhador, e a intervenção de Freud, a qual arriscaria então a tomar como uma interpretação.

A questão da leitura sempre esteve presente em Lacan, desde os escritos dos anos 1950. Todavia, na medida em que avança sobre o problema da letra, passa a assumir o estatuto de uma prática, e de uma prática convergente a do inconsciente. A retomada da leitura pelo viés da letra, me fez testemunhar a elaboração sobre um trabalho analítico que não segue as vias de um sentido, já que ler a letra não implica em abrir novamente a cadeia, como é o caso do significante. Encontra-se, na letra, um sentido absoluto, ponto que em que a instância do significante se detém, não mais intervém. A letra sela, sela a carta, selo da mensagem.

No sonho de Sergei Pankejeff, “S” e “P” ou “Ess” e “Pe”, letras iniciais de um nome próprio, não remetem a nenhum outro sentido que não a elas mesmas. Diferente do modo como o significante se articula, quer dizer, sempre remetendo a um outro, mediante um deslizamento metonímico, esse núcleo reduzido, esse caroço, é também o ponto em que o sonho não mais se desdobra, um irreduzível que só retorna a ele mesmo – um silêncio. Seria este o ponto onde uma interpretação para e uma leitura começa?



A letra tanto diz quanto cala, pois convoca a um silêncio, a um derradeiro silêncio. Diante de S.P., não há muito a fazer, a interpretar, apenas ler, testemunhar, e... silêncio. Por ora, de modo preliminar, arriscaria dizer que a leitura é uma interpretação que não faz o sentido desdobrar, deslizar, abrir, já que, como nos diz Lacan, a letra “se lê”, e “literalmente”. Isso se lê e ponto. A letra sela o sentido absoluto, abrindo a espessura de um silêncio no falatório da análise e da cadeia significante.

A “palavra final” concernente à destinação, a que clama por um “novo leitor”, designada por Lacan (1988) na abertura dos *Escritos* que também abriu o primeiro capítulo da tese, ecoou em mim durante toda a escrita deste trabalho. Próxima de escrever a conclusão, a palavra final desta tese, sou confrontada com uma outra passagem, que encontrei por acaso, em uma leitura despreziosa, ao folhear o mesmo *Seminário 20* que tantas vezes reli durante esses anos de doutorado. Nesta passagem, Lacan diz que não há última palavra, a não ser no sentido em que *mot é motus*, palavra que tanto diz quando cala, palavra que é também “silêncio!”, “nem um pio!”. Completa indicando, ainda, que “o sentido indica muito precisamente a direção na qual ele fracassa” (LACAN, 2010, p.168). Findo a leitura das várias cartas que me acompanharam, findo a leitura da leitura, chego ao silêncio. Ler é, também, silenciar.

Há pouco, mencionei que a leitura que concerne ao discurso analítico se faz sob o fundo não da impotência, mas ao atestar um impossível. Para sair do campo da impotência, para onde frequentemente podemos ir, já que o ilegível nos deixa diante da sensação de que nada pode ser feito, a saída é o ato. O ato teórico e o ato analítico. E, no ato, “é novo ver surgir um sujeito” (LACAN, 2008) – um novo leitor. Foi mesmo o que fizeram Freud, Lacan e Felman, ao escreverem seus textos, seus textos sobre um ilegível em Hoffman, Duras e James. Enquanto novos leitores, eles deram esse passo ao abismo, esse que (sim!) nos divide, mas que também nos circunda. Não se pode, e se lê.

## Autotomia

Em perigo, a holotúria se divide em duas:  
com uma metade se entrega à voracidade do mundo,  
com a outra foge.

Desintegra-se violentamente em ruína e salvação,  
em multa e prêmio, no que foi e no que será.

No meio do corpo da holotúria se abre um abismo  
com duas margens subitamente estranhas.

Em uma margem a morte, na outra a vida.  
Aqui o desespero, lá o alento.

Se existe uma balança, os pratos não oscilam.  
Se existe justiça, é esta.

Morrer só o necessário, sem exceder a medida.  
Regenerar quanto for preciso da parte que restou.

Também nós, é verdade, sabemos nos dividir.  
Mas somente em corpo e sussurro interrompido.  
Em corpo e poesia.

De um lado a garganta, do outro o riso,  
leve, logo sufocado.

Aqui o coração pesado, lá *non omnis moriar*,  
três palavrinhas apenas como três penas em voo.  
O abismo não nos divide.  
O abismo nos circunda.

Wisława Szymborska  
(Trad.: Regina Przybycien)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. C. *A experiência de Freud: escrita e invenção da psicanálise*. Orientadora: Profa. Dra. Lucia Castello Branco. 2008. 213 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, março de 2008.

ANDRADE, P. F. Uma ruína para a palavra amor: Marguerite Duras e o amor em fracasso. In: *Letra irreduzível*. Revista da Escola Letra Freudiana. Ano XXXV, n. 48. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 91-97.

ANSERMET, F.; MILLER, J. A. Entrevista sobre “O Seminário” com François Ansermet (1985). In: *Opção Lacaniana online*, ano 2, n. 6, 2011. Disponível em: [http://www.opcao-lacaniana.com.br/pdf/numero\\_6/Entrevista\\_sobre\\_o\\_seminario.pdf](http://www.opcao-lacaniana.com.br/pdf/numero_6/Entrevista_sobre_o_seminario.pdf). Acesso em: 10 dez. de 2020.

ASSOUN, P. L. *O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

BARTHES, R. Morte do Autor (1968). In: BARTHES, R. *O rumor da língua* (1984). São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

\_\_\_\_\_. Da leitura (1976). In: BARTHES, R. *O rumor da língua* (1984). São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 30-42.

\_\_\_\_\_. Escrever a leitura (1970). In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 26-29.

BEKERMAN, J.; AMSTER, P. *La carta robada y su introducción*. En torno del Escrito Uno de J. Lacan. Russel: Buenos Aires, 1999.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário* (1955). Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CALDAS, H. *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

CASTELLO BRANCO, L. *Os absolutamente sós – Llansol – A letra – Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. Breve glossário imperfeito de noções em tradução (em que se explicam não-todas). In: *Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura e psicanálise*. Belo Horizonte: Letramento, 2020, p. 17-31.

CHAPUIS, J. C.; CHEVASCO, R. *Guia topológico para o aturdido*. São Paulo: Aller, 2019.

COLUCCI, V. O que se transmite da escrita de Freud? *In: II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*, Belém, 2006; e *VII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*, João Pessoa, 2016.

COTTET, S. *Freud e o desejo do analista* (1982). Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

DE MAN, P. *Alegorias da leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust* (1979). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DENEZ, F.; VOLACO, G. C. *Lacan in North Armorica* (1975). Tradução, Organização e Notas de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco. [recurso eletrônico] Porto Alegre (RS): Editora Fi, 2016.

DIDIER-WEILL, A. Lacan, o espantoso. *In: DIDIER-WEILL, A. S.; SAFOUAN, M. (org.). Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.28-35.

DURAS, Marguerite. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1986.

\_\_\_\_\_. *Escrever*. Rio de Janeiro: Relicário, 2021.

FELMAN, Shoshana. Loucura e Psicanálise (1977-1978). *In: BRANCO, L. C. (org.). Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura e psicanálise*. Belo Horizonte, Letramento, 2020.

\_\_\_\_\_. Sobrevivência postal, ou a questão do umbigo. *In: Revista Terceira Margem*, v. 16, b.26, p. 17-44, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10783/7952>>. Acesso em: 10 maio 2021.

FOUCAULT, M. *História da loucura: na Idade clássica* (1961). São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. O que é um autor? (1969). *In: Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1994. p. 265-298.

FREUD, S. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_. Tratamento psíquico: tratamento anímico (1890). *In: FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 19-43.

\_\_\_\_\_. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (1891). Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

\_\_\_\_\_; BREUER, J. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). *In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 39-53.

\_\_\_\_\_. Miss Lucy R. (1895). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 134-150.

\_\_\_\_\_. Sra. Emmy von N. (1895). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 82-150.

\_\_\_\_\_. Trecho do Manuscrito N, anexo à carta a Fliess, de 31 de maio de 1897. In: FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2020, p.43.

\_\_\_\_\_. A Interpretação dos Sonhos (1900). In: FREUD, S. *Obras completas*, v. 4. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. Contribuição à História do Movimento Psicanalítico (1914). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 18-79.

\_\_\_\_\_. O método psicanalítico freudiano (1904[1905]). In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 51-58.

\_\_\_\_\_. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907[1906]). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. O poeta e o fantasiar (1908). In: FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 53-64.

\_\_\_\_\_. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912a). In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019, p.93-104.

\_\_\_\_\_. Sobre a dinâmica da transferência (1912b). In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 107-118.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento (1913). In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Claudia Dornbusch. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.121-147.

\_\_\_\_\_. Os instintos e seus destinos (1915a). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81.

\_\_\_\_\_. A Repressão (1915b). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 82-98.

\_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915[1914]). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. A Transitoriedade (1916). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 247-252.

\_\_\_\_\_. Luto e Melancolia (1917[1915]). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”) (1918[1914]). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160.

\_\_\_\_\_. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (1919) In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 377-381.

\_\_\_\_\_. O Estranho (1919). In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. O inquietante (1919). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376.

\_\_\_\_\_. O infamiliar (1919). In: FREUD, S. *O infamiliar e outros escritos*. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

\_\_\_\_\_. O incômodo (1919). In: FREUD S. *Série pequena biblioteca invulgar*. Coordenação de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021. p. 43-113.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. *Sigmund Freud Obras Completas*, v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 161-239.

\_\_\_\_\_. O Eu e o Isso (1923). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. Prêmio Goethe (1930). In: FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2020. p. 307-315.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o Inconsciente* (1985). Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOFFMAN, E. T. A. *O homem da Areia* (1815). In: FREUD, S. *O infamiliar e outros escritos* (1919). Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 219-263.

IANNINI, G. P. H. Sobre fundamentos da clínica. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução de Cláudia Dornbusch. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 7-15.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: *As pulsões e seus destinos*. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a, p. 7-11.

\_\_\_\_\_. Freud e o Infamiliar. In: *O infamiliar*. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b, p.7-21.

JENTSCH, E. Psicologia do Incômodo. In: FREUD, S. *O incômodo* (1919). Série pequena biblioteca invulgar. Coordenação de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021. p. 19-42.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: A prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. v. 3.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

\_\_\_\_\_. Discurso de Roma (1953). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p.139-172.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. O seminário sobre “A carta Roubada” (1955). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.13-66.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 496-533.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 591-649.

\_\_\_\_\_. Juventude de Gide ou a letra e o desejo (1958). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.749-775.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação* (1958-1959). Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 15: O ato analítico* (1967-1968). Inédito.

\_\_\_\_\_. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1965). In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 191-205.

\_\_\_\_\_. Abertura desta coletânea (1966). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. A psicanálise. Razão de um fracasso (1967). In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 341-349.

\_\_\_\_\_. Da psicanálise em suas relações com a realidade (1968). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. Lituraterra (1971). In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante* (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Estou falando com as paredes (1971-1972). In: LACAN, J. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.71-99.

\_\_\_\_\_. *Encore* (1972-1973). Petrópolis: Vozes, 2010. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana.

\_\_\_\_\_. *Séminaire 20: Encore* (1972-1973). Disponível em: <staferla.free.fr>. Acesso em: 21 out. 2019.

\_\_\_\_\_. Postface (1973). In: LACAN, J. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1976. p. 251-254.



\_\_\_\_\_. Posfácio (1973). In: LACAN, J. *O seminário, livro II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.271-273.

\_\_\_\_\_. Seminário 24: L'insu que sait de l'Une-bévue s'aile à mourre (1976-1977). Inédito.

LLANSOL, M. G. [Carta] enviada a Eduardo Prado Coelho, em 25 de novembro de 1999. Disponível em: <<https://fiodeaguadotexto.wordpress.com/2011/10/31/carta-de-llansol-a-eduardo-prado-coelho/>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. *O jogo da liberdade da alma*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.

\_\_\_\_\_. *Lisboaleipzig I: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Assirio & Alvim, 1994.

\_\_\_\_\_. *Inquérito às Quatro Confidências: Diário III*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LAZNIK, M. C. Ritmo, presença, voz, respiração: testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan. In: WEILL, A. D.; S, SAFOUAN, M. (org.) *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 57-71.

LO BIANCO, A. C. Autor: autoridade e autorização. In: VOLTOLINI, R. (org.). *Retratos do Mal-estar Contemporâneo*. 1. ed. São Paulo: FAPESP/ESCUTA, 2014, v. 1, p. 7-13.

\_\_\_\_\_. Da dúvida do Relato à Certeza na Interpretação dos Sonhos. In: *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, n. 72, 1999, p. 55-59.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma metapsicologia da interpretação em análise. In: *Psicologia. Reflexão e Crítica*, v. 12, n. 3, 1999, p. 741-752

\_\_\_\_\_. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. In: *Psico-USF [online]*, v. 8, n. 2, 2003., p 115-123. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200003>>. Acesso em: 3 jun. 2020.

\_\_\_\_\_ & MARTINELLI, V. Os limites do funcionamento interpretante do aparato psíquico. In: *Estud. psicol.*, Natal, v. 6, n. 1, p. 21-26, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.arttext&pid=S1413294X2001000100003&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

\_\_\_\_\_ & COSTA-MOURA, F. Ato teórico, ato ético. In: *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, dez. 2013, p. 249-266. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scrip=sciarttext&pid=S01014838201300020000&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MANDIL, Ram. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria, 2003.

\_\_\_\_\_. Para que serve a escrita? In: ALMEIDA, M. I. de (org.). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997. p. 103-117.

MARQUES, A. M.. Tradução. In: MARQUES, A. M. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MASSON, J. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

NANCY, J. L. *À escuta*. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2014.

\_\_\_\_\_ & LABARTHE, P. L. *O título da letra: uma leitura de Lacan*. São Paulo, Escuta, 1991.

PASTORINI, M. P. C. M. *O que se escuta em análise, nas margens de uma leitura*. 2008. 30 f. Texto aprovado no Exame de Qualificação (Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

PAULA, J. de. *Tradução e transposição no campo da pulsão de morte*. São Paulo: Annablume, 2012.

Pinto, A. P. de A. Uma ficção: o escritor Freud. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto, n.7, p.130-140, out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/download/677/>.

POE, E. A. P. *A Carta Roubada e outras histórias de crime e mistério* (1844). Rio de Janeiro: L&PM Pocket, 2003.

PORGE, E. *Voz do Eco*. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

\_\_\_\_\_. *O arrebatamento de Lacan: Marguerite Duras ao pé da letra*. São Paulo: Aller Editora, 2019.

REY, A.; CHANTREAU, S. *Dictionnaire des Expressions et Locutions*. Itália: La Tipografica Varese, 2003.

RIBEIRO, A. T.; VIDAL, E.; PRADO, I. B. *et al.* Ao leitor. In: *Encore*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 7-9. (Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola Letra Freudiana.)

RITVO, J. O conceito de letra na obra de Jacques Lacan (1997). In: *Escola Letra Freudiana*, v. 17, n. 26. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p.9-22.

ROUDINESCO, E. *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUZA, O. M. M. C. de. *André Gide e a função da escrita*. Vitória: EDUFES, 2004.

SZYMBORSKA, W. Autotomia (1972). In: SZYMBORSKA, W. *Um amor feliz*. Tradução e prefácio de Regina Przybycien. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. P. 142.

VIDAL, E. Uma letra que não se lê. In: *Escola Letra Freudiana*, v. 17, n. 26. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000, p.25-30.

VIVÈS, J. M. *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018.

